



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL –
PROFSOCIO**

**CONSTRUÇÃO DE UMA CARTILHA PARA DOCENTES A PARTIR DA
PERCEPÇÃO DOS(AS) ESTUDANTES ACERCA DA SOCIOLOGIA ESCOLAR**

MAYARA TÂMEA SANTOS SOARES

FORTALEZA

2022

MAYARA TÂMEA SANTOS SOARES

CONSTRUÇÃO DE UMA CARTILHA PARA DOCENTES A PARTIR DA
PERCEPÇÃO DOS(AS) ESTUDANTES ACERCA DA SOCIOLOGIA ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Ensino de Sociologia.

Orientador: Dr. Domingos Sávio Abreu

FORTALEZA
2022

MAYARA TÂMEA SANTOS SOARES

**CONSTRUÇÃO DE UMA CARTILHA PARA DOCENTES A PARTIR DA
PERCEPÇÃO DOS(AS) ESTUDANTES ACERCA DA SOCIOLOGIA ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Ensino de Sociologia.

Aprovado em: ____ / ____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Domingos Sávio Abreu (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor Dr. Francisco Willams Ribeiro Lopes

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor Dr. Geovani Jacó de Freitas
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dedico aos meus avós Quitéria Bezerra e Jaime Valença, que, mesmo sendo de uma geração tão diferente da minha, me amaram no cuidado e acolhimento.

Ao meu pai, Claudemiro Soares, que, na sua humildade, é o melhor pai que eu poderia querer.

À minha filha Maria Soares, amor da minha vida e que me ensina a ser mãe e um ser humano melhor todos os dias.

Ao meu parceiro, amigo e amor, André Barros Leal, que, sempre que pode, me faz lembrar do meu potencial.

AGRADECIMENTOS

Para além desta dissertação de mestrado, há pessoas que fizeram parte da minha trajetória de vida e que eu trago sempre no coração e, nessa oportunidade, em mente. Gostaria de iniciar os agradecimentos, portanto, a essas pessoas.

Aos “pais com açúcar”, meu avô Jaime Valença e minha falecida avó dona Zezé, a quem reservo uma gratidão imensa pelo acolhimento quando precisei e cuidado no dia a dia. Ela sempre forte e resiliente quando em vida; ele agora carinhoso e resignado em sua velhice.

Ao pai que a vida me concedeu, Claudemiro Soares, meu maior exemplo de esforço e carinho. Sou muito grata às muitas horas de trabalho dedicadas para criar a mim e minhas irmãs. Estas, por conseguinte, com ternura, na figura da mais nova, Alêssa Soares, e companherismo, na figura da mais velha, Amanda Cavalcante. Obrigada pelo apoio, atenção e carinho.

Aos meus familiares em geral que, de formas diferentes, contribuíram para meus estudos e para esta pesquisa mais recentemente.

Às amigas de longa data que a mim creditaram sempre confiança e força: Luana de Sá, Marina Cabral, Thanandra dos Santos e Ana Paula de Brito. Vocês são muito especiais para mim e fazem parte da minha história. Espero podermos nos encontrar velhinhos e achando graça das nossas histórias.

Na experiência com a Sociologia, dos anos iniciais em sala de aula como professora, trago amigos fenomenais que ajudaram na minha formação enquanto profissional enquanto me davam atenção, carinho e momentos de muita alegria. Meus sinceros e profundos agradecimentos à Katiany Abreu e à Kátia Abreu, sempre alegres, carinhosas e parceiras. À também amiga de profissão, Ive Marian que, em sua espontaneidade e disponibilidade em ajudar, sempre auxiliou nos trabalhos que solicitei apoio, além de dividir histórias sobre maternidade.

Aos colegas de trabalho e amigos que conquistei quando fui para a Secretaria da Educação: Elaine Feijó, sempre serena e maternal comigo; Marta Leuda, pessoa simples e sempre disponível aos amigos; às magnâニmas Vagna Lima e Germânia Furtado, cujas sabedoria, incentivo e irreverência me ajudaram a querer ser uma profissional melhor, além de serem pessoas maravilhosas para se conviver; e ao meu amigo “batutinha” Newton Malveira, sempre prestativo, elegante e divertido.

Torço muito por você, da mesma forma que me sinto contemplada pela sua amizade e reconhecimento nas parcerias das produções científicas.

Ainda na experiência da secretaria, tenho muita gratidão aos colegas de trabalho da Célula de Desenvolvimento Curricular e do Ensino Técnico – CEDET, pessoas prestativas, profissionais ímpares e de uma convivência muito prazerosa. Em especial, à orientadora de célula, Maria Alves, pessoa íntegra, humana e de uma simplicidade sem igual.

Não poderia deixar de agradecer ao meu orientador, professor Domingos Sávio, com quem eu tive o prazer de trabalhar. Sua sabedoria, simplicidade, paciência e, principalmente, compreensão, fizeram com que toda essa experiência da pesquisa do mestrado perdesse um pouco mais o peso e responsabilidade que traz, além de todo o carinho comigo e com minha família. Foi uma parceria muito rica e engrandecedora!

Por fim, há duas pessoas a quem eu tenho agradecimentos especiais: minha filha Maria, que, mesmo nos seus 3 anos de vida, me ensinou a desacelerar nas ações, administrar melhor as emoções e a amar de uma forma grande e linda. Todo o esforço que empreendo é para ser a melhor mãe que eu consiga para ela. E ao companheiro de vida, André Barros Leal, que esteve ao meu lado incondicionalmente, que se esforçou para ajudar nos meus momentos de estudo, que falava palavras de apoio quando me encontrava insatisfeita e que sempre me inspirou. Sou muito grata por acreditar em mim e tenho muita admiração pelo ser humano bom e carinhoso que é, além de um artista maravilhoso.

RESUMO

Ainda que tenha conquistado o status de disciplina com a Lei Nº 11.684 de 2008, a Sociologia sempre precisou se afirmar no currículo escolar, delimitando seu objeto de estudo, bem como as metodologias de pesquisa que tanto contribuem para a iniciação científica dos(as) estudantes. Com a Reforma do Ensino Médio, através da Lei Nº 13.415 de 2017, entretanto, o que há pouco tempo vinha se construindo de pensamento sociológico na educação básica passa por uma reestruturação na qual conhecimento deixa de figurar como obrigatório enquanto disciplina. É bem verdade que, na realidade do Ceará, não chega a ser dessa forma, posto que a Sociologia permanece no currículo do ensino médio sem perda de carga horária. Ainda assim, essa trajetória tensa e descontínua contribui na formação de um imaginário da então denominada componente curricular pelos(as) estudantes. É no levantamento dessas percepções da Sociologia escolar pelos(as) discentes que a presente pesquisa se baseou para produzir um material de apoio ao trabalho do(a) docente que atua lecionando a referida componente. Este produto, no formato de cartilha, é resultado da pesquisa realizada pelo Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional e apresenta dados acerca do currículo, metodologia, avaliação e material didático, extraídos de um levantamento feito com os(as) estudantes. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa (BODGAN; BIKLEN, 1994) com técnicas de entrevistas (MENEGON, 2010) e grupos focais (VEIGA; GONDIM, 2001); e, também é quantitativa, com método exploratório através do uso de questionário online (FALEIROS *et al.*, 2016). Os resultados da pesquisa estão relacionados aos dois sujeitos de foco: no caso dos(as) estudantes, percebemos, por exemplo, como a Sociologia se situa em um lugar importante nas suas vivências, seja na construção e na mudança de opinião acerca de determinados assuntos ou na própria compreensão de si enquanto jovem e cidadão. No caso do segundo sujeito de foco, os(as) professores(a) aprovaram a cartilha, mas contribuíram com observações precisas para uma segunda edição. Sobretudo, e independente da formação do(a) docente, o objetivo sempre se manifestava na busca pela formação do indivíduo, na reafirmação constante da relevância da Sociologia tanto quanto outras componentes consolidadas no currículo como Matemática e Português.

Palavras-chave: Sociologia; percepções; cartilha.

ABSTRACT

Even though it gained the status of a discipline with Law Nº 11,684 of 2008, Sociology has always had to assert itself in the school curriculum, delimiting its object of study, as well as the research methodologies that contribute so much to the scientific initiation of students. However, with the Secondary Education's reform, through 2017's Law No. 13,415, what a short time ago was being built as a sociological thinking in basic education passes to a restructuring, in which this knowledge ceases to appear as mandatory as a discipline. It is quite true that, in Ceará's reality, this is not the case, since Sociology remains in the high school curriculum without workload loss. Even so, this tense and discontinuous trajectory contributes to the formation of an imaginary of the so-called curricular component by the students. It is on the survey of these perceptions of school Sociology by the students that the present research was based to produce support material for the teacher who works teaching the referred component. This product, in spelling book format, is the result of research carried out by the Professional Master's Degree in Sociology in National Network, and presents data about the curriculum, methodology, evaluation and didactic material, extracted from a survey carried out with the students. It is, therefore, a qualitative research (BODGAN; BIKLEN, 1994) with interview techniques (MENEGON, 2010) and focus groups (VEIGA; GONDIM, 2001); and, it is also quantitative, with an exploratory method through the use of an online questionnaire (FALEIROS *et al.*, 2016). The research results are related to the two subjects of focus: in the case of the students, we noticed, for example, how Sociology occupies an important place in their experiences, whether in the construction and change of opinion about certain subjects, or in their own understanding of themselves as young people and citizens. In the case of the second focus subject, the teachers approved the material, but contributed with precise observations for a second edition. Above all, and regardless of the teacher's training, the objective was always manifested in the search for the individual's training, in the constant reaffirmation of the relevance of Sociology as well as other consolidated components in the curriculum such as Mathematics and Portuguese language.

Keywords: Sociology; perceptions; spelling book.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Percurso metodológico da pesquisa	25
Figura 2 – Segunda etapa do percurso metodológico da pesquisa	27
Figura 3 – Terceira etapa do percurso metodológico da pesquisa	68
Figura 4 – Capa do protótipo da cartilha	68
Figura 5 – Ficha técnica do protótipo da cartilha	69
Figura 6 – Apresentação do protótipo da cartilha	69
Figura 7 – Sumário do protótipo da cartilha	70
Figura 8 – Referências do protótipo da cartilha	70
Figura 9 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Conteúdos I	71
Figura 10 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Conteúdos II	72
Figura 11 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Conteúdos III	72
Figura 12 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Conteúdos IV	73
Figura 13 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Conteúdos V	73
Figura 14 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Metodologia I	74
Figura 15 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Metodologia II	74
Figura 16 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Avaliação	75
Figura 17 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Material didático I	76
Figura 18 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Material didático II	76
Figura 19 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Quem são os estudantes I?	77
Figura 20 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Quem são os estudantes II?	77
Figura 21 – Quarta etapa do percurso metodológico da pesquisa	78
Figura 22 – Quinta etapa do percurso metodológico da pesquisa	88
Figura 23 – Formato final da cartilha: Capa	89
Figura 24 – Formato final da cartilha: Apresentação	90
Figura 25 – Formato final da cartilha: Ficha técnica	90
Figura 26 – Formato final da cartilha: Sumário I	91
Figura 27 – Formato final da cartilha: Sumário II	91
Figura 28 – Formato final da cartilha: Gráficos percentuais de alunos por indicativo	92
Figura 29 – Formato final da cartilha: Gráfico percentual de alunos por idade	92

Figura 30 – Formato final da cartilha: Gráfico percentual de alunos que recebem o Bolsa Família	93
Figura 31 – Formato final da cartilha: Gráfico percentual de alunos por identidade de gênero	93
Figura 32 – Formato final da cartilha: Gráfico percentual de alunos por cor/raça ..	94
Figura 33 – Formato final da cartilha: Gráfico percentual de alunos por religião ...	94
Figura 34 – Formato final da cartilha: Conteúdo I	95
Figura 35 – Formato final da cartilha: Conteúdo II – Gráfico percentual indicativo de temas abordados em sala de aula	95
Figura 36 – Formato final da cartilha: Conteúdo III – Gráfico de frequência de temas abordados em sala X Tipologia escolar	96
Figura 37 – Formato final da cartilha: Conteúdo IV	96
Figura 38 – Formato final da cartilha: Conteúdo V	97
Figura 39 – Formato final da cartilha: Conteúdo VI	97
Figura 40 – Formato final da cartilha: Conteúdo VII	98
Figura 41 – Formato final da cartilha: Metodologia I	98
Figura 42 – Formato final da cartilha: Metodologia II – Gráfico percentual de preferência por tipo de aula	99
Figura 43 – Formato final da cartilha: Metodologia III – Gráfico percentual de interesse em informação estimulada	99
Figura 44 – Formato final da cartilha: Metodologia IV	100
Figura 45 – Formato final da cartilha: Avaliação – Gráfico percentual sobre preferências de avaliações	100
Figura 46 – Formato final da cartilha: Material didático I	101
Figura 47 – Formato final da cartilha: Material didático II – Gráfico percentual de recursos paralelos de estudo utilizados	101
Figura 48 – Formato final da cartilha: Referências	102
Figura 49 – Formato final da cartilha: Resumo de painéis	102

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Formação dos(as) professores(as) que lecionam a disciplina de Sociologia – 2021	31
Gráfico 2 – Qual sua raça/etnia?	47
Gráfico 3 – Qual sua frequência nos encontros religiosos?	48
Gráfico 4 – Consegue relacionar alguns conteúdos da Sociologia aos conteúdos de: História, Geografia, Filosofia, Literatura, NTPPS/PV?	51
Gráfico 5 – Quais os assuntos abordados com maior frequência?	52
Gráfico 6 – Você se sente desconfortável nas aulas sobre raça e etnia? x Idade	54
Gráfico 7 – Você se sente desconfortável nas aulas sobre gênero e diversidade sexual x Tipologia da escola	55
Gráfico 8 – Os conteúdos das aulas de Sociologia se associam à sua realidade? X Gênero	55
Gráfico 9 – Os conteúdos das aulas de Sociologia se associam à sua realidade? X Religião	56
Gráfico 10 – A Sociologia ajuda na sua formação enquanto cidadão x Qual a sua cor?	57
Gráfico 11 – Os conteúdos de Sociologia ajudam a entender melhor sobre: Eu mesmo, Direitos, Respeito e Tolerância, Diversidade e Gênero, e Política?	58
Gráfico 12 – Os conteúdos de Sociologia ajudam a entender melhor sobre diversidade e gênero x Frequência que vai aos encontros religiosos	59
Gráfico 13 – O seu professor lhe inspira a estudar, ler, se informar mais sobre os assuntos abordados em sala de aula x Idade	60
Gráfico 14 – Em relação ao tipo de aula, prefiro quando é: expositiva, com apresentação de mídias, de campo ou no laboratório de informática?	61
Gráfico 15 – Quanto à avaliação, prefiro quando é no formato de: apresentação, dissertativa ou múltipla escolha? X Tipologia da escola	62
Gráfico 16 – O livro didático tem uma linguagem simples, de fácil compreensão? X Idade	64
Gráfico 17 – Qual material prefere utilizar para estudar?	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Evolução das Escolas em Tempo Integral no Ceará	46
Tabela 2 – Cruzamento da frequência aos encontros religiosos x desconforto nas aulas sobre gênero e sexualidade	49
Tabela 3 – Perfil dos(as) docentes que participaram da avaliação da cartilha	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEB	Câmara de Educação Básica
CEE/CE	Conselho Estadual de Educação do Ceará
CEJA	Centro de Ensino de Jovens e Adultos
CNE	Conselho Nacional de Educação
CODIN	Coordenadoria de Diversidade e Inclusão Educacional
COVID	<i>Corona Virus Disease</i>
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DCRC	Documento Curricular Referencial do Ceará
DOU	Diário Oficial da União
EEEP	Escola Estadual de Ensino Profissional
EEMTI	Escolas Estaduais de Ensino em Tempo Integral
ENEM	Exame Nacional para o Ensino Médio
IBM	<i>International Business Machines Corporation</i>
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LEPEC	Laboratório de Estudos em Política, Educação e Cidades
NEM	Novo Ensino Médio
OSPB	Organização Social e Política Brasileira
PBF	Programa Bolsa Família
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNE	Plano Nacional de Educação
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PT	Partido dos Trabalhadores
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEDUC	Secretaria da Educação do Ceará
SEFOR	Superintendência das Escolas Estaduais de Fortaleza
SIGE	Sistema Integrado de Gestão Escolar
SPAEC	Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	O objetivo da pesquisa	17
1.2	Percorso metodológico	24
1.2.1	<i>A pesquisa com os estudantes: primeiros sujeitos</i>	27
1.2.2	<i>A pesquisa com os professores: sujeitos de finalidade do produto</i>	30
1.3	O ensino médio em Fortaleza	33
2	SOBRE A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA SOCIOLOGIA ESCOLAR	35
2.1	Da institucionalização da disciplina ao primeiro golpe de saída	35
2.2	O retorno insistido	38
2.3	Os “novos rumos” da Sociologia	39
2.4	Sociologia no Ceará	41
3	APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO: O QUE OS DADOS TÊM A REVELAR SOBRE OS(AS) ESTUDANTES, A COMPONENTE DE SOCIOLOGIA E OS(AS) PROFESSORES(AS)	44
3.1	Análise de dados do questionário	44
3.2	O perfil socioeconômico	44
3.3	Currículo	50
3.4	Metodologia e avaliação	60
3.5	Material didático	63
4	A CARTILHA COMO FERRAMENTA DE AUXÍLIO PARA O(A) PROFESSOR(A)	66
4.1	Processo de produção da cartilha: definições e elaboração do material em sua 1 ^a edição	67
4.1.1	<i>Conteúdos</i>	71
4.1.2	<i>Metodologia</i>	74
4.1.3	<i>Avaliação</i>	75
4.1.4	<i>Material didático</i>	75
4.1.5	<i>Quem são os estudantes?</i>	77
5	VALIDAÇÃO DA CARTILHA PELO(A) DOCENTE	78
5.1	A abordagem metodológica	78
5.2	Os aspectos positivos da cartilha	81

5.3	Impressões que divergem	84
5.4	Aspectos negativos da cartilha	86
6	A REESTRUTURAÇÃO DA CARTILHA A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DOS PROFESSORES	88
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
	REFERÊNCIAS	107
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS(ÀS) ESTUDANTES DE FORTALEZA	112
	APÊNDICE B – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTAS	118
	APÊNDICE C – PROTÓTIPO DA CARTILHA	120

1 INTRODUÇÃO

1.1 O objetivo da pesquisa

O presente trabalho tem o intuito de produzir um material informativo para os(as) professores(as) que lecionam Sociologia no ensino básico a partir da análise das representações que os(as) estudantes da rede pública de Fortaleza têm da componente curricular. Nesse percurso, por conseguinte, propõe-se oferecer informações que possam auxiliar o(a) docente a identificar que aspectos do seu trabalho estão alinhados com as percepções e realidade dos(as) discentes.

Um levantamento estatístico não amostral realizado em 2017 pelo Laboratório de Estudos em Política, Educação e Cidades (LEPEC), da Universidade Federal do Ceará, sob a coordenação do professor Irapuan Peixoto, com 1.313 estudantes do ensino médio no Ceará, constatou que apenas 2,3% dos(as) entrevistados(as) citaram exclusivamente a Sociologia como disciplina favorita. Esse número sobe para 7,9% quando consideradas a Sociologia e outras disciplinas. O dado suscitou uma inquietação, visto que qualquer professor(a) se apegue às particularidades da sua ciência como mais eficiente na proposta de oferecer conhecimento com interesse em aprender.

No que concerne à Sociologia e, certamente, pelo fato de serem as Ciências Sociais a minha formação inicial, não se trata somente das particularidades do currículo, mas da formação do(a) estudante enquanto sujeito social e reflexivo, superando o conhecimento comum e dando lugar ao conhecimento científico (LOPES, 1999). Sob esse aspecto e considerando as mudanças de percurso próprias em uma produção científica, o problema da pesquisa se apresentou para mim na seguinte indagação: quais as representações da Sociologia escolar pelos(as) estudantes e de que forma essa informação poderia contribuir para produzir um material de apoio ao(à) docente?

A partir do questionamento, o objetivo precípua da proposta de pesquisa apresentada se mostra na compreensão, a partir da experiência do alunato com os conteúdos da Sociologia escolar, das operações críticas e das representações que eles realizam sobre a Sociologia, para, então, produzir uma cartilha para professores(as). Como objetivos específicos, temos: 1) levantar o perfil dos(as)

estudantes de Fortaleza; 2) realizar uma apreciação dos dados levantados com os(as) estudantes, bem como a análise da metodologia aplicada; 3) elaborar um material de suporte ao trabalho dos(as) professores(as); e 4) com uma amostra dos(as) docentes, coletar suas impressões acerca desse material, aperfeiçoá-lo e disponibilizá-lo como um material informativo para todos(as) que lecionam Sociologia nas escolas.

O fato de estar em um mestrado profissional exerce uma grande influência na relevância que destaco ao objeto de pesquisa proposto, pois sou instigada a pensar na prática do trabalho do(a) professor(a) que está em sala de aula à medida em que me debruço sobre a pesquisa, o que não se mostra um exercício fácil. Longe do chão da escola há mais de cinco anos, é uma oportunidade de pensar sobre esse cotidiano do qual, ainda que de forma indireta, devido à proximidade com meus colegas professores(as) mestrandos(as) lotados(as) em sala de aula, vivo as angústias e as pequenas alegrias da profissão. Afinal, nem só de Sociologia se faz o(a) professor(a) da componente, mas de experiências outras, dentro e fora da sala de aula. Não obstante, essa proximidade com o social representa para o sociólogo um certo entrave científico, uma vez que ela gera, de forma contínua, representações aparentes, ao passo que dispõe sobre as circunstâncias da sua confiabilidade. (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999).

Lotada como assistente técnica na Secretaria da Educação do Estado – SEDUC, trabalhando sobretudo em acompanhamento e desenvolvimento curricular, além de formação docente, pude verificar certas necessidades dos(as) professores(as) e, certamente, dos que estão sob a responsabilidade de lecionar a Sociologia.

À medida que o trabalho é desenvolvido, o esforço se faz, então, pela ruptura do saber imediato, passando a alcançar um âmbito mais abrangente, científico, como destaquei sobre Alice Lopes (1999) no início deste texto. Dessa forma, busco tornar essas colocações iniciais uma base para a construção de um levantamento com os(as) estudantes sobre suas percepções em relação à Sociologia e posterior análise de aspectos apreensíveis para o(a) docente que ministra a disciplina e, com sorte, fazer com que sua prática seja contaminada de forma positiva a partir das informações coletadas.

As discussões que este trabalho se propõe a desencadear perpassam ainda o papel formativo atribuído à Sociologia no contexto escolar. Relembreamos os

debates centrados na institucionalização da disciplina nos ensinos superior e médio e as implicações para sua legitimidade nas escolas, além da sua atribuição de preparo intelectual dos(as) jovens do ensino médio para a interpretação dos fatos sociais em que estão inseridos. Para tanto, é importante destacar que a sanção da lei Nº 11.684/2008, que tornou obrigatório o ensino de Sociologia no ensino médio, foi um fator essencial para o fortalecimento da licenciatura dentro das ciências sociais e do campo de pesquisa acerca da disciplina no ensino médio. Uma conquista que se apresentou, até então, como uma nova configuração escolar, diferente dos momentos anteriores no currículo do ensino básico. A partir desse cenário, “a Sociologia passa a oferecer instrumentos através dos quais os(as) alunos(as) do ensino médio podem reconhecer suas propriedades singulares nas propriedades valorativas socialmente e culturalmente atuantes” (MEUCCI, 2015, p. 259).

Considerando as produções voltadas às pesquisas e materiais produzidos para o uso efetivo dos(das) docentes presentes em repositórios das universidades públicas do Ceará, por mais que pareçam numerosas, aquelas não refletem, necessariamente, a sua real utilização por estes sujeitos. Isso exigiria, a princípio, um bom canal entre o ensino básico e a universidade (com o apoio da SEDUC, por exemplo), além da permanência da Sociologia nos currículos. Materiais produzidos nos mestrados profissionais, como neste modelo, podem ser entendidos como importantes, mas nem sempre chegam ao conhecimento dos(as) professores(as) da rede básica. Nesse aspecto, as estratégias de divulgação também são importantes e, enquanto professora lotada na SEDUC, o esforço poderia ser nessa direção, aproveitando espaços até já existentes, como a *Revista Docentes*. Criada, em 2016, com o objetivo inicial de fazer a publicação científica dos professores, a revista privilegia artigos relativos à educação básica com foco na experiência docente no ensino médio, mostrando-se um canal importante de difusão de informação à categoria.

Para além do papel formativo da Sociologia e considerando a realidade das escolas e seus desafios, há de se mencionar que a implementação da Lei Nº 13.415/2017, conforme destacam Silva, Alves Neto e Vicente (2015), promoveu mudanças consideráveis na legislação educacional escolar, expressas nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio de 2018. Esse panorama torna o estudo das representações dos(as) estudantes acerca das disciplinas, das metodologias de

ensino ou do currículo relevantes. Além desse aspecto, ao buscar compreender essas percepções, verificamos o quanto a Sociologia tem feito sentido para o propósito mais difundido nos discursos discentes e docentes: o da sua formação enquanto cidadão. Embora essa não seja uma colocação pertencente somente à Sociologia, é através dos seus métodos de análise e conceitos próprios à compreensão dos elementos que constituem o indivíduo no seu contexto social que verificamos princípios caros à formação cidadã.

Para se ter uma ideia da relevância da temática das representações, Oliveira e Silva (2020) realizaram um levantamento dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos nos programas de pós-graduação em Sociologia exclusivamente na temática da Sociologia da Educação. Nesse levantamento, que tem um recorte de 2013 a 2016, observamos que representações e percepções são objetos de estudo que aparecem com frequência considerável, incluindo as concepções e atitudes dos sujeitos educacionais frente aos mais diferentes elementos que emergem das temáticas, perdendo somente para os trabalhos sobre formação docente (OLIVEIRA; SILVA, 2020).

A diversidade das juventudes ajuda a entender a recorrência desses trabalhos, afinal, não se está buscando um perfil de estudante único e suas percepções acerca da Sociologia. Ao contrário, busca-se compreender o que há de particular à disciplina nessa ou naquela localidade, do ponto de vista dos(as) jovens; o que faz essa disciplina ter boa aceitação ou não por eles(as); o que gera interesse em aprender mais sobre determinado assunto de abordagem sociológica e porquê; enfim, questionamentos que contribuem para entender a situação da componente no ensino médio.

Outro aspecto relevante nesses estudos é que suscitam a problematização do currículo trabalhado nas escolas, bem como a discussão sobre sua receptividade pelas(os) discentes, nas suas singularidades e anseios quanto ao que esperam encontrar nos conteúdos sociológicos, visto que, no caso do Ceará, a disciplina ainda é configurada no currículo escolar.

Este é, portanto, um trabalho que parte das percepções/representações discentes e, conforme aponta Soldan (2015) em sua dissertação de mestrado sobre a mesma temática, realizada em Curitiba, há destaque de três principais termos: essas (representações sociais) são um tipo de *conhecimento* que se dá na *interação social*

e, além disso, prescreve *práticas*. Ou seja, faz parte do seu cotidiano, ajudando a definir e a nomear todos os aspectos que se apresentam no nosso cotidiano, interpretando-os, construindo significados e estabelecendo posicionamentos.

Há, nessa abordagem baseada nas representações, um campo de interesse das Ciências Sociais, uma vez que é possível tratar fenômenos diretamente observáveis ou reconstruídos por trabalhos científicos. As representações estão nos discursos, são difundidas pelas palavras, transmitidas nas mensagens e imagens midiáticas, consolidadas nas condutas e administração de bens e espaços. No caso deste trabalho, podem ser encontradas por meio das técnicas de pesquisa como questionários, grupos focais e entrevistas. Isso demonstra como as representações sociais podem ser facilitadas em muitas ocasiões. Conforme Jodelet (1989)

Reconhece-se, geralmente, que as representações sociais, como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. Igualmente intervêm em processos tão variados quanto a difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais (JODELET, 1989, p. 5).

As primeiras considerações acerca da escolha metodológica, à luz do que propõem Bogdan e Biklen (1994), são de que: a) a partir da interpretação dos dados levantados com os(as) estudantes, se trata de uma pesquisa com foco na produção do material de apoio ao professor; b) o processo de coleta das informações assume aqui relevância, pois ainda que tenha um momento *online*, os procedimentos e interações cotidianas que serão captadas pelas falas dos(as) professores(as) em uma fase posterior do trabalho são muito importantes na verificação da importância do produto criado com a pesquisa; c) os dados coletados serão objetivos, com elementos descritivos; d) a perspectiva dos(as) participantes é o aspecto primeiro do trabalho e a análise dos dados buscará localizar suas intenções. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, o que, em ciências sociais, é uma abordagem quase que espontânea, e também quantitativa, visto que considera um volume de dados necessários para analisar as percepções e embasar a construção do material para os(as) professores(as).

No esforço em abranger esse campo de pesquisa com método exploratório, o trabalho utiliza técnicas como questionários *online*, grupos focais e entrevistas, uma vez que são estratégias que podem responder à demanda do trabalho, considerando

as especificidades do momento. Enquanto técnica de coleta de dados para o presente trabalho, o uso do questionário *online* sustenta-se porque: a faixa etária dos respondentes comprehende um quadro pouco variável, o que auxilia na associação com outros fatores, como gênero, raça e composição familiar; o método gera um banco de dados automático, transferindo as informações de forma fácil e rápida; e, o alcance proposto pelo uso de um recurso virtual poderá ser mais expressivo que um modelo presencial (FALEIROS, 2016).

Enquanto técnica em pesquisa qualitativa, a utilização dos grupos focais está relacionada com os pressupostos e premissas do pesquisador. Neste caso, a técnica se apresenta aqui como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (VEIGA; GONDIM, 2001).

Vale ressaltar que boa parte da escrita deste trabalho foi realizada em cenário de pandemia provocada pelo vírus do COVID-19 que, desde o ano de 2020, fez um número alarmante de vítimas em todo o mundo, além de modificar substancialmente a vida em todos os seus aspectos. Essa realidade por si já representa uma grande demanda para estudos sociológicos. Contudo, não se trata, neste momento, de realizar essa análise, mas de destacar que por causa e apesar desse momento delicado considerei utilizar um percurso metodológico que melhor atendesse ao objetivo desta pesquisa e às recomendações sanitárias do estado e de órgãos internacionais de saúde.

No que concerne às entrevistas com professores, essas se apresentariam na necessidade de considerar o que de mais válido temos na busca pela subjetividade dos discursos, no ato de conversar. Esta é uma das maneiras por meio das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam nas relações que se estabelecem. Há, portanto, uma intenção objetiva em analisar as práticas discursivas, na busca de extrair o que o questionário não consegue captar, como pontos de vista, o contexto de quem e a quem fala, linguagens sociais e influências culturais (MENEGON, 2010).

O recorte utilizado na pesquisa abrange os(as) estudantes de 3^a série do Ensino Médio da capital Fortaleza, compreendendo o ano letivo de 2021. Essa escolha está vinculada ao fato de que esses(as) jovens já tiveram contato com a Sociologia ao menos nos dois anos anteriores e, portanto, representam um perfil para análise melhor enquadrado no aspecto fundamental do estudo, que é a Sociologia fazer parte

da sua trajetória escolar. Além disso, atendendo à delimitação do local, a região de Fortaleza compreende o maior número de escolas do estado, com as três tipologias relevantes à pesquisa, a saber: escolas profissionais, escolas em tempo integral e escolas regulares. Atualmente, são 151 escolas em Fortaleza, distribuídas em seis regionais e três superintendências centrais (SEFOR 1, 2 e 3) pela organização da SEDUC.

No que concerne aos capítulos que compõem a pesquisa até o momento, o primeiro deles destaca brevemente o processo de institucionalização da Sociologia escolar no Brasil e, especificamente no Ceará, visto ser uma informação relevante na compreensão de como a Sociologia ganha ou perde continuidade no ensino básico no Brasil e no estado.

No segundo capítulo, o trabalho apresenta, a partir dos perfis dos(as) estudantes coletados, uma reflexão sobre as juventudes, para além da condição de aluno(a), como jovens que são, com vivências, diversidades e particularidades que fazem parte dessa fase, considerando variáveis econômica, familiar, religiosa e de gênero, por exemplo.

O terceiro capítulo adentra os dados coletados na pesquisa no que tange à análise dos aspectos curriculares, metodológicos e do material didático. A escolha por esse viés teórico se deu pelo fato de serem abordagens formuladas na Sociologia, além de encaixar com a proposta de compreender as percepções dos(as) estudantes acerca da componente curricular em questão, considerando, portanto, as interações cotidianas. As representações sociais/coletivas nos revelam a maneira como os sujeitos envolvidos assimilam o que acontece, a partir de informações dadas, promovendo ações com elas na interação com outros sujeitos.

O quarto capítulo se refere ao segundo momento da pesquisa, que é a construção da primeira edição da cartilha a partir dos dados levantados sobre as representações dos(as) estudantes.

No quinto capítulo, destacamos a apreciação do material por parte de uma amostra dos(as) professores(as), considerando a metodologia utilizada, além do destaque aos aspectos positivos, negativos e as impressões que divergem nas falas dos(as) participantes.

Para compor o sexto e último capítulo, foram consideradas as contribuições dos(as) professores(as) da etapa anterior e, com a análise dessas informações, a

cartilha ganha um novo formato, que é o que compõe a apresentação final deste presente trabalho. Dessa forma, o produto final se apresenta para o(a) docente de Sociologia a partir da pesquisa com os(as) discentes.

Nas páginas seguintes, apresento detalhadamente o percurso metodológico da pesquisa, destacando, em princípio, a construção do questionário aplicado aos estudantes, a análise dos dados e o processo de construção do material para os(as) professores(as). Há, portanto, bem delimitadas as duas etapas da pesquisa empírica: uma quantitativa e outra qualitativa.

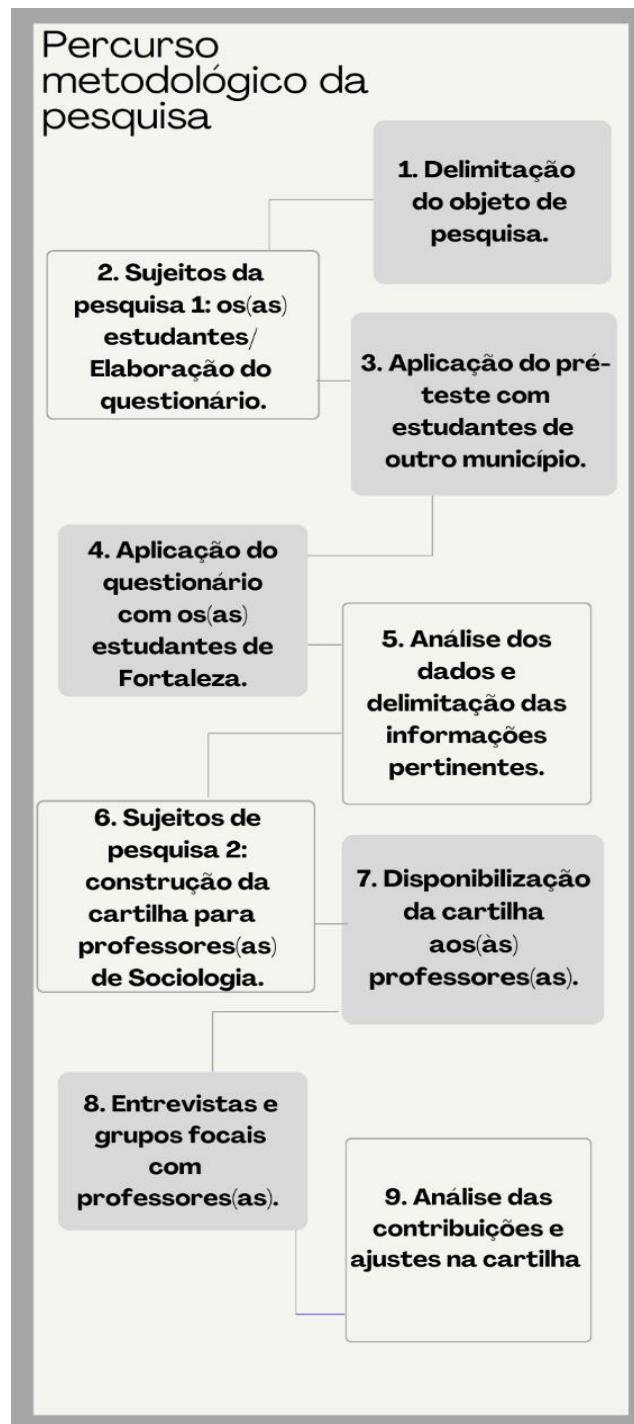
1.2 O percurso metodológico

A fim de melhor verificar as etapas da pesquisa, o esquema abaixo (Figura 1) é apresentado também destacando os procedimentos utilizados. Embora a prática em pesquisa científica não se configure de forma tão mecânica, a delimitação de cada fase obedece mais a uma questão didática.

Uma vez delimitado o objeto da pesquisa, o momento seguinte foi de traçar a metodologia. Como destacado anteriormente, a escolha realizada foi pelos métodos qualitativo e quantitativo, uma vez que, para a proposta desta produção, esses métodos seriam complementares.

A pesquisa quantitativa em Ciências Sociais, embora utilizada há muito tempo na área, inclusive por autores clássicos como Max Weber, Karl Marx e Émile Durkheim, é uma ferramenta que vem ganhando cada vez mais espaço nas produções acadêmicas. Sua associação a outros métodos, como acontece nesta pesquisa, permite uma leitura mais detalhada da realidade em estudo, com dados que orientam a interpretação do pesquisador e constituem um retrato mais comprehensível para qualquer leitor.

Figura 1 – Percurso metodológico da pesquisa



Fonte: própria autora.

Contudo, segundo aponta Cano (2012), ainda há uma hegemonia da pesquisa qualitativa em Ciências Sociais, destacando que a “predominância da teoria sobre a prática milita contra a importância outorgada ao método no ensino de Sociologia” (CANO, 2012, p. 112). Além desse aspecto ou em consequência disso, há pouco empenho em ensinar o uso de técnicas e métodos de pesquisas quantitativas

aos(as) discentes. Ainda assim, a procura por esses instrumentos vem crescendo, principalmente com o desenvolvimento de softwares e a disponibilidade de pacotes computacionais que permitem o melhor e mais eficiente processamento de dados, de variáveis e de casos a serem analisados, o que, em Ciências Sociais significa trabalhar mais facilmente com um maior volume de dados.

A utilização desses recursos na pesquisa quantitativa não dispensa, entretanto, alguns cuidados, como alerta Collares (2013) quando fala na “supervalorização do dado e do cálculo sobre o raciocínio sociológico e o uso indiscriminado de modelos estatísticos sem a correta noção do que estes representam” (COLLARES, 2013, p. 117). Além desse aspecto, também é importante ressaltar que há riscos em se atribuir maior relevância à pesquisa empírica em detrimento da reflexão teórica. Essas são disposições e riscos que precisam ser considerados a fim de integrar o que há de melhor e mais útil nos dados levantados e na aplicação deles. Além disso, dentro das Ciências Sociais, especialmente na Sociologia, o uso da metodologia quantitativa permite “um tratamento sistemático e generalizável do dado empírico e confere robustez às afirmativas feitas por cientistas sociais” (COLLARES, 2013, p. 113). Portanto, a percepção de divisão atribuída entre métodos qualitativos e quantitativos, numa mesma pesquisa, torna prejudicial a prática do trabalho em Sociologia, quando podem, na realidade, se complementar.

No que concerne aos sujeitos da pesquisa, estes são os(as) estudantes de 3^a série do Ensino Médio do município de Fortaleza. A escolha dessa delimitação está no fato de serem estudantes das séries finais e, portanto, com maior contato com a Sociologia no Ensino Médio. Além disso, mesmo com as mudanças no cenário da legislação educacional nos últimos anos, o ensino médio da rede pública no Ceará, no ano de 2021, não apresentou mudanças significativas no cenário do livro didático e na composição da carga horária das aulas. Também são estudantes matriculados em diferentes tipologias escolares, sem critérios específicos como gênero, raça e religião, embora sejam fatores importantes de análise das respostas.

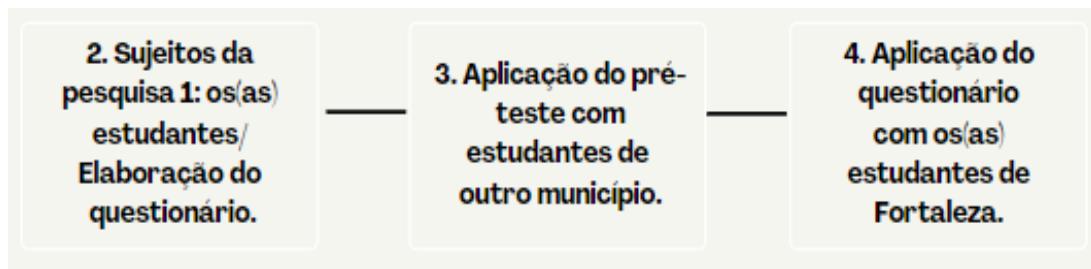
Em um trabalho que propõe analisar as percepções desses sujeitos, há possibilidade de quantificar certos fatos e ainda interpretar aqueles que não o são. Dito de outra forma, este trabalho de quantificar o dado social auxilia no esclarecimento e exposição do fenômeno analisado (MEINERZ, 2011). Para o cientista social, contudo, o aspecto relevante em aplicar métodos quantitativos não

está somente em destacar informações que representem uma dada população, mas em descobrir aspectos importantes no conjunto de variáveis utilizadas (RAMOS, 2013). Foi nessa perspectiva que elencamos dois momentos específicos do percurso metodológico, realizados até o momento: a elaboração e aplicação do questionário para os(as) estudantes de Sociologia de Fortaleza; e a construção de um material informativo para os(as) professores(as) a partir dos dados selecionados.

1.2.1 A pesquisa com os estudantes: primeiros sujeitos

A utilização do questionário foi realizada na perspectiva de buscar uma proximidade com os(as) estudantes através de suas percepções, além de delinear os perfis socioeconômicos e a relação estabelecida com a componente de Sociologia e o(a) professor(a).

Figura 2 – Segunda etapa do percurso metodológico da pesquisa



Fonte: própria autora.

A escolha pelos itens que compõem o questionário passou por várias considerações, principalmente no que diz respeito às possibilidades de informações que cada variável poderia oferecer. Nesse caso, a construção atendeu ao seguinte raciocínio: um conjunto de itens sobre os aspectos socioeconômicos dos estudantes, a fim de verificar quem são; e itens que destacassem as percepções destes(as) acerca da Sociologia escolar em diferentes aspectos, como currículo, metodologia e material didático.

Outra consideração importante destacada nos vários encontros de orientação de pesquisa foi a necessidade de tornar o questionário abrangente, mas não cansativo. Além disso, buscou-se manter as questões fechadas, objetivas, a fim de dar mais praticidade para a tabulação dos dados posteriormente.

Como forma de avaliar a qualidade da primeira elaboração do questionário e não contaminar o campo de pesquisa, foi realizado um pré-teste com um grupo amostral de estudantes de duas escolas do município de Canindé, por se tratar de turmas com fácil acesso à professora (uma colega que cursou a turma do mestrado) e fora do campo amostral da pesquisa. O pré-teste consistia em um questionário virtual com 46 perguntas criado na plataforma do *google forms*. A aplicação foi orientada pela professora para 18 estudantes de três das suas turmas de 3^a série, sendo 8 estudantes de uma escola e 5 de outra. Destes, somente quatro estudantes permitiram um momento de conversa posterior, de forma também virtual, sobre a avaliação do material. Os demais enviaram suas impressões por mensagem de texto, via *whatsapp*. A importância de analisar os diferentes pontos de vista dos(as) estudantes faz parte do exercício do trabalho empírico que a pesquisa propõe. Ao explorar essa diversidade, o pesquisador pode entender os diferentes ajustes que promovem o objeto estudado (GOMES, 2020).

A partir desse *feedback*, o questionário pôde sofrer as adaptações necessárias, além de possibilitar a captação de impressões que destacam, por exemplo, como a percepção dos(as) estudantes acerca da maneira como o professor ensina determina o menor ou maior grau de interesse pela disciplina ou como a Sociologia ajuda o(a) estudante a entender mais sobre os acontecimentos sociais. A oportunidade de testar o questionário também fornece parâmetros de tempo de resposta e compreensão dos itens, fatores que são importantes na construção desse tipo de instrumento. Como técnicas de pesquisa, o uso de questionários *online* e as entrevistas, por mais disponíveis à coleta de dados que se apresentem, exigem responsabilidade e orientação adequada nas suas formulações e execuções a fim de não produzir informações baseadas na conveniência e em generalizações.

Com o material testado e revisado, o próximo passo seria a disponibilização aos(as) estudantes de Fortaleza. Os percalços para a essa etapa, contudo, fizeram com que o planejamento realizado tivesse de ser adaptado. Isso porque, para chegar aos(as) estudantes, o primeiro caminho orientado pela SEDUC necessitava de uma série de permissões da instituição, desde a elaboração e protocolamento de ofício solicitando às SEFOR a permissão de envio por e-mail da carta de apresentação e o questionário aos(as) diretores(as) das escolas, até mesmo à Secretaria Executiva das Escolas Profissionais. Inicialmente, a ideia era fazer com que o material chegasse aos

estudantes via professor da disciplina, o que ajudaria no acesso de um número maior de preenchimentos.

O esforço, no entanto, não rendeu êxito e a saída foi usar de uma estratégia que só foi possibilitada pelo acesso aos *emails* dos estudantes contidos no banco de dados da SEDUC, permitindo assim o envio do questionário ao maior número possível deles. Há de se considerar que, na fonte desses dados, havia muitos *emails* incorretos ou inutilizados, e ainda os casos de estudantes que não haviam cadastrado nenhum endereço eletrônico. Dessa forma, ficaram à tona as dificuldades que um(a) professor(a) pesquisador(a) pode encontrar quando da obtenção de dados dentro da própria rede em que trabalha e, consequentemente, da necessidade de repensar as estratégias e métodos de pesquisa. Essas mudanças de percurso, entretanto, são esperadas, conforme destacam Campenhoudt e Quivy (1998), quando ressaltam que os métodos pertencem ao ajustamento do procedimento, com o uso de estratégias que se adequam ao objeto de estudo.

A primeira etapa da pesquisa de campo, portanto, com o uso de questionário para os(as) estudantes, buscou verificar a relação destes(as) com a Sociologia, além de traçar uma caracterização geral dos sujeitos pesquisados. Isso porque se entendeu ser importante fazer o levantamento dessas informações para poder elaborar o que seria a primeira versão do material informativo ao(à) professor(a).

Realizada em 2021, a divulgação do questionário colheu informações de 629 estudantes entre os meses de outubro e dezembro. Além dos entraves quanto à permissão no envio, outro obstáculo encontrado foi o período não propício para os discentes responderem, pois se trata de um intervalo de tempo em que as escolas, sob orientação da secretaria da educação, reservam toda a atenção à preparação para as avaliações do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECe) e também do Exame Nacional para o Ensino Médio (ENEM). As três avaliações consideram os(as) estudantes de 3^a série nesse processo e, então, todas as atenções e esforços na escola são direcionados para tal. O engajamento faz parte de uma orientação de política estadual que tem na SEDUC os direcionamentos postulados nos anos de aplicação do SAEB, e todos os anos ao SPAECe e ao ENEM. Como os resultados dessas avaliações interferem nas políticas públicas em educação e determinam o

direcionamento que as secretarias de educação dão a suas ações, as escolas se empenham em mostrar bons índices, além da adesão dos(as) estudantes. Dessa forma, qualquer outra atividade que não envolva essas avaliações, nesse período, seria considerada pela escola sem a devida importância.

Considerando o cenário apresentado e o pequeno ou quase nulo esforço da secretaria em promover algum tipo de divulgação desta pesquisa junto aos(as) estudantes (representando muito mais o esforço na figura de alguns/as colegas de trabalho que apresentaram contatos profissionais ou pessoais de professores/as de Sociologia), podemos constatar as explicações anteriores acerca do número de respondentes ao questionário *online*. Ainda assim, o uso desse método foi importante, pois garantiu, conforme mencionado anteriormente, a formação de um banco de dados automático, transferindo as informações de forma fácil e rápida (FALEIROS, 2016). Esse aspecto do método vai ser importante para a etapa posterior da pesquisa.

1.2.2 A pesquisa com os professores: sujeitos de finalidade do produto

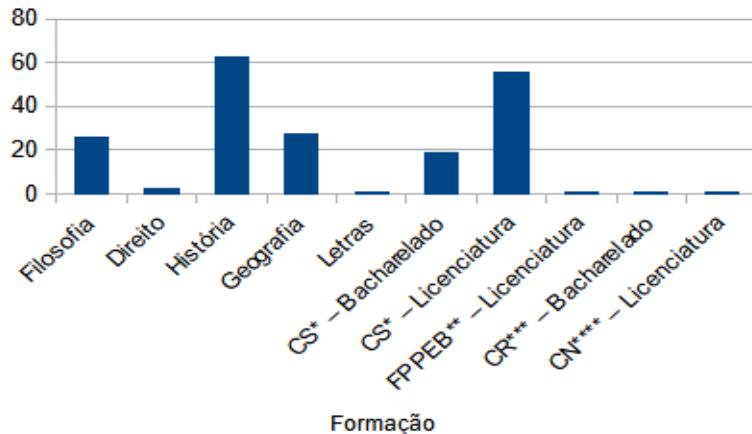
Em relação ao corpo docente da capital do Ceará, em 2021, Fortaleza apresentava um total de 476 professores lotados na disciplina de Sociologia, considerando até mesmo os que ocuparam esse cargo por pouco tempo ou como contrato temporário. Desse número, apenas 19,3% tinham formação em Sociologia ou Ciências Sociais (gráfico 1).

No processo de elaboração do discurso pedagógico, o qual Silva (2007) vai denominar de recontextualização¹, é fundamental o conhecimento especializado da ciência de referência, pois ele determina a identidade pedagógica desse discurso. Dessa forma, um(a) professor(a) de Sociologia que não tenha formação específica acaba por realizar esse processo de recontextualização de forma a não contemplar os aspectos necessários do conhecimento específico, pois lhe faltariam elementos que a formação e, portanto, o processo de contextualização² lhe proporcionaria.

¹ Reorganização dos saberes científicos, na forma de um discurso pedagógico, para a sociologia escolar (SILVA, 2007).

² Processo de produção do conhecimento no campo acadêmico, ou seja, a formação dos discursos científicos (SILVA, 2007).

Gráfico 1 – Formação dos(as) professores(as) que lecionam a disciplina de Sociologia – 2021



Legenda:

* Ciências Sociais

** Formação Pedagógica de Professor para a Educação Básica

*** Ciências da Religião

**** Ciências Naturais

Fonte: própria autora.

Como panorama do(a) docente no campo de pesquisa, temos a seguinte situação: nem sempre com formação na área, com muitas turmas para acompanhar, além de projetos/itinerários formativos/componentes eletivas que compõem a sua realidade nos últimos anos, precisa ainda estar atento às especificidades da componente que leciona e da realidade da(s) escola(s) em que atua. Jinkings (2007) contribui nessa referência quando relata que, com o acúmulo de trabalho desses(as) docentes, em grande parte até mesmo sem a formação adequada,

[...] desenvolvem experiências pedagógicas descontextualizadas e fragmentadas, que não permitem uma compreensão totalizante do mundo social contemporâneo. Utilizando textos da grande imprensa, vários desses professores convertem as aulas de Sociologia em discussão de atualidades, tratando superficialmente acontecimentos em destaque na conjuntura nacional e/ou mundial, sem uma superação das explicações do senso comum (JINKINGS, 2007, p.126-127).

A ação do(a) educador(a) demanda, portanto, reflexão, pesquisa, planejamento, formação, participação política, avaliação, integração com os pares e com a gestão da escola. Há, portanto, uma série de demandas que, sem a devida formação na área, afetam não apenas o bem-estar e o trabalho do(a) docente, mas também os processos educacionais desenvolvidos no contexto escolar. Por isso, dispor de informações cedidas pelo(a) estudante para construir um material sobre

ele(a), para disponibilizar ao(à) professor(a), apresentou-se mais apropriado.

Embora os acontecimentos que sucederam a aprovação da Lei Nº 11.684/2008 e a introdução dos livros didáticos de Sociologia no PNLD desde 2012 tenham destacado uma crescente de professores(as) formados(as) na área, os números ainda se apresentam insuficientes, principalmente quando se trata do(a) profissional formado na área atuando no interior do estado. De acordo com o levantamento realizado em 2021, 1.793³ dos(as) professores(as) contratados(as) para a disciplina de Sociologia no estado do Ceará, apenas 287 são formados(as) na área, considerando as formações em Ciências Políticas (02), bacharelado em Ciências Sociais (50), sequencial em Ciências Sociais⁴ (01), Licenciatura em Ciências Sociais (226), bacharelado em Sociologia (06) e Licenciatura em Sociologia (02). No município de Fortaleza, são 92 professores(as) com formação na área, lotados(as) nas escolas. O censo escolar de 2020, por exemplo, aponta que a disciplina de Sociologia tem o pior resultado de adequação da formação docente, com apenas 36,3% das turmas sendo ministradas por professores(as) com formação adequada. (BRASIL, 2020).

Medeiros (2017) aponta outra prática que persiste no ensino público que é a complementação da carga horária do(a) professor(a) em outras disciplinas. Quando uma escola qualquer não oferece ao(à) professor(a) efetivo(a) a carga horária mínima da disciplina, oferece-lhe outras, de áreas nas quais não possui formação. Essa prática, comum a outras disciplinas que também possuem poucas aulas semanais, acaba por revelar a forma inadequada como é aplicado o trabalho do(a) professor(a), ou seja, o desvio das suas atividades no que concerne à sua formação de origem.

Em janeiro de 2021, a SEDUC convocou 60 professores(as) de Sociologia; em 2022, foram 6 professores(as) da área. O reforço vem a atender, além de demandas anteriores por profissionais da área, também a necessidade de destacar profissionais para as novas configurações curriculares demandadas pela Reforma do Novo Ensino Médio, a partir da Base Nacional Comum Curricular – BNCC. De acordo com o documento referencial curricular do Ceará, as disciplinas, agora compreendidas como componentes curriculares, permanecem nos currículos, principalmente para que não se prejudiquem os(as) profissionais lotados(as) nas escolas.

³ Fonte: INEP/Censo Escolar.

⁴ A formação sequencial representa uma modalidade de ensino superior que existe no país desde o final da década de 1990. Não são graduações, têm menos tempo de duração e conferem uma formação técnica em um campo específico.

1.3 O ensino médio em Fortaleza

Localizada no extremo norte do estado do Ceará, Fortaleza comprehende uma região litorânea, com população estimada em 2.703.391 pessoas⁵, distribuídas em 121 bairros. Enquanto centro político e econômico do estado, considerada a quinta maior população do país, a capital do Ceará representa um centro cultural no estado para jovens, atentando para a diversidade que compõe. A esse respeito, como destacam Dayrell e Jesus (2013), a juventude é uma categoria socialmente construída e apresenta, portanto, aspectos geográficos, sociais, culturais, inclusive de gênero e raça diferentes, dentro de contextos históricos igualmente diversificados, trazendo dinamicidade a essa categoria.

Pela sua dimensão territorial e necessidade de coordenar as 168 escolas, Fortaleza possui três superintendências administrativas (SEFOR) que funcionam como uma espécie de extensão da SEDUC. Dentre as funções dessas instâncias, podemos citar coordenação, implementação e execução de políticas e diretrizes educacionais na sua jurisdição, responsáveis pela expansão e qualidade do ensino; garantir a oferta e a qualidade dos serviços públicos voltados à educação básica, no âmbito do ensino médio; e assegurar a lotação dos(as) profissionais nas escolas de acordo com a demanda.

No tocante às tipologias e considerando o ano da pesquisa de 2021, Fortaleza dispunha de 85 escolas de ensino regular (EEM), 51 escolas de tempo integral (EEMTI), 21 escolas profissionais (EEEP), 9 Centros de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), 2 escolas militares e 2 institutos educacionais. Em todas elas, a Sociologia é contemplada no currículo das três séries do ensino médio com ao menos 1h/aula, mesmo com a implementação de novas diretrizes curriculares propostas pela Lei Nº 13.415/2017 (Novo Ensino Médio) e as novas orientações da BNCC. Enquanto o NEM se apresenta como diretrizes curriculares de fato, a BNCC se propõe como documento orientador para a elaboração dos currículos estaduais, mas com efeitos consideráveis, já que estabelece a não obrigatoriedade de determinadas disciplinas, inclusive a Sociologia (LOPES, 2021). Dessa forma, o documento que norteia a elaboração dos currículos escolares (DCRC) no Ceará, homologado em dezembro de 2021, estabelece a Sociologia como componente das três séries do ensino médio da

⁵ Dados do IBGE 2021.

rede pública do estado, mas permite que as instituições de ensino da rede privada do estado escolham aderir ao documento ou elaborem currículos próprios, desde que cumpram as normas estabelecidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e BNCC (CEARÁ, 2021).

Vale considerar que, no ano de 2022, o estado anunciou mais 68 escolas funcionando em tempo integral, das quais 5 são em Fortaleza. A expansão faz parte da política educacional que, baseada na Lei Estadual Nº 16.287, de julho de 2017, institui a política de Ensino Médio em Tempo Integral no âmbito da rede estadual de ensino do Ceará. No entanto, desde o Plano Nacional de Educação 2001-2010 (BRASIL, 2012), reforçado no mesmo documento vigente para 2014-2024 (BRASIL, 2014) e no Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação (PDE) de 2007 (BRASIL, 2007), há conteúdos sobre diretrizes relacionadas à Escola em Tempo Integral. Ainda que esses documentos tenham naturezas e funções diferentes para o planejamento e regulação da educação, faz-se importante destacar aqui sua relevância como expressões aproximadas, vigentes na sociedade em suas épocas.

2 SOBRE A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA SOCIOLOGIA ESCOLAR

Embora seja uma prática recorrente nos trabalhos que falam sobre a Sociologia do ensino, recorrer ao histórico de institucionalização da disciplina no ensino básico tem sua relevância nesta pesquisa, pois situar esse histórico ajuda a compreender as representações sociais acerca do seu ensino. (RÊSES, 2007). O exercício de revisar a trajetória da Sociologia escolar, então, expõe as circunstâncias em que a disciplina esteve presente no currículo do ensino básico e, dessa forma, revela não somente sua influência na área das ciências humanas, como o projeto de educação operado em cada momento histórico. Isso porque, enquanto ciência do social, a Sociologia cumpriu uma agenda de disposições que revelaram ora estar em acordo com as propostas do governo à época, ora operava na contramão de um projeto político vigente, além dos períodos de aparente ausência nos currículos. Essa alternância de status só poderia refletir numa descontinuidade da disciplina ao longo da história da educação no Brasil e, como consequência, na forma como o(a) estudante a percebe.

Na tentativa de verificar esse percurso, a divisão da reflexão realizada aqui será em quatro momentos históricos: de 1925 a 1942, quando a Sociologia teve sua estreia no currículo das escolas de forma a seguir um projeto de organização social republicana que atendia às elites da época; de 1982 a 2008, quando volta a configurar o currículo do ensino básico, embora não de forma obrigatória; de 2008 a 2017, quando retoma seu lugar na educação básica; e, a partir de 2017, com a Reforma do Ensino Médio e os novos rumos da componente no Brasil. O trabalho realizado por Simone Meucci (2015) sobre a Sociologia na educação básica serve de suporte para esse levantamento, ao menos até antes da Reforma do Ensino Médio.

2.1 Da institucionalização da disciplina ao primeiro golpe de saída

No primeiro momento (1925-1942), o ensino esteve vinculado a uma proposta de educação que buscava inculcar valores e normas que pretendiam atender aos filhos das elites, em um período pós-República Velha. Com a promulgação da Lei Rocha Vaz, Decreto Nº 16.782 de 13 de janeiro de 1925, a Sociologia passa a configurar o currículo do ensino básico de todas as instituições nacionais. Vale

ressaltar que, em nível nacional, os esforços visavam centralizar o currículo nacional e preparar os estudantes das famílias abastadas para o ingresso no ensino superior. Dessa forma, a disciplina esteve vinculada sobretudo à preparação de uma elite, mais especificamente para ingressarem nos cursos de Direito, com um viés enciclopédico e carga horária baixa. Esse esforço expressava o novo contexto histórico e político que se apresentava no Brasil, que destacava a nascente industrialização no país e, por conseguinte, uma perda do poder oligárquico e das referências que este oferecia na interpretação dos rumos da sociedade, abrindo caminho para uma renovação da vida intelectual.

Ainda que essa nova fase representasse de fato pouca expressividade à economia nacional até então, via-se surgir novos agentes sociais, assim como um novo modo de vida nos principais centros urbanos (MEUCCI, 2015). Outros acontecimentos nesse período reforçaram esse cenário, como a fundação do Partido Comunista, a Marcha dos Tenentes, a criação do Centro D. Vital e a Semana de Arte Moderna. As greves operárias, a revolta nas camadas médias do exército, a reação organizada dos católicos e a busca de novos temas e novas formas de expressão artística são indicadores da inquietação social do período. (FAUSTO, 1997).

Na década de 1930, houve uma maior adequação da disciplina, confirmado sua consolidação não somente no ensino básico, mas também no ensino superior, com a criação do curso de formação em Sociologia em 1933 (São Paulo) e Universidade de São Paulo em 1934, promovendo a formação dos primeiros professores em Sociologia. Com a Reforma Francisco Campos, de 1931, realizou-se uma ampla mudança no ensino superior e no secundário, normatizando a cultura escolar de ensino e levando à burocratização do serviço.

É necessário destacar que, conforme analisa Meucci (2015), a Sociologia que se apresenta nesse primeiro período é totalmente diferente da que volta aos currículos escolares ao final do século XX, principalmente quando contrastamos o elitismo característico daquele momento com a inversão da tendência de massificação do ensino presente nas políticas educacionais deste.

Com a elaboração dos primeiros manuais de Sociologia, a partir de 1923, nota-se a quebra de influências políticas, agora dando lugar a outros personagens, conforme destacam Amurabi Oliveira e Evelina Oliveira (2017):

Destacamos com isso o caráter complexo presente no processo de introdução do ensino de Sociologia, em especial ao considerarmos as interpretações e explicações *post factum* elaboradas por pesquisadores que tendem a interpretar as ausências e presenças da Sociologia no currículo escolar como um fenômeno atrelado ao caráter ideológico da disciplina, que seria eminentemente crítico e fomentador de mudanças, deixando de lado as ideias conservadoras difundidas, por exemplo, pelo que se convencionou chamar de Sociologia católica, além dos fatores contingenciais que perpassam a prática educativa, aqui incluídas as condições objetivas de implementação de políticas educacionais em nível local (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017, p. 25).

As visões sociológicas da sociedade à época evidenciam diferenças teóricas, com viés modernista, mas muito atreladas ao tradicional. Um ponto em comum, no entanto, é a ideia de superação da sociedade, vista como consequência de uma Sociologia instituída na educação.

A vida curta da presença da Sociologia se mostra com o advento de uma nova ordem política no Brasil que foi a instauração do Estado Novo. Nessa nova configuração, a Sociologia passa a ser dispensável, visto que a nova ordem política desconsiderava a necessidade de uma ciência que, embora de forma elitista e enciclopédica, tentava fazer uma leitura da sociedade. Em fato, a Sociologia não apresentava ainda legitimidade científica, tampouco era considerada uma área de formação literária e filosófica. Não era conhecida nem como clássica, nem como científica (MORAES, 2011).

Com a Reforma Capanema, em 1942, a Sociologia é desvinculada do currículo do ensino secundário ginásial⁶ e vemos, então, um abismo de sua existência nessa modalidade. Contudo, permanece nas escolas Escolas Normais sob o componente curricular “Sociologia da Educação” ou “Sociologia Educacional” durante toda a existência dos cursos de formação de professores primários no nível secundário. Além disso, é nesse mesmo período que sua relevância acadêmica desponta, destacando a profissionalização do cientista social.

⁶ A Sociologia, antes de 1942, foi oferecida nas escolas federais (essas eram escolas modelos às demais) no ensino secundário, o qual era oferecido nas modalidades ginásial e normal (além de outras modalidades profissionalizantes, como a Escola do Comércio). O ginásial visava preparar os(as) estudantes para o ingresso no ensino superior; já o normal tinha por objetivo formar professores(as) do ensino primário (semelhante ao magistério do ensino médio oferecido).

2.2 O retorno insistido

A retomada da Sociologia no currículo escolar não se deu sem ensaios e lutas que antecederam o ano de 2008, quando então foi instituída novamente como disciplina. Até esse fato ocorrer, o Brasil já havia passado por duas ditaduras e um período de redemocratização marcado por lutas e disputas políticas que refletem cada momento histórico.

No regime ditatorial de 1964, acentuou-se o esquecimento da Sociologia no ensino secundário ginasial. Conforme destaca Rêses (2004), a componente “foi entendida como sinônimo de comunismo e o seu ensino servia de ‘aliciamento político’, portanto, perturbava o regime e a sua presença era um indicador de periculosidade para as elites”. (PENTEADO *apud* RÊSES, 2004, p. 24). Além disso, havia no currículo desse período a existência de duas disciplinas que melhor representavam a proposta do que seria uma Sociologia no contexto da ditadura, que eram a OSPB (Organização Social e Política Brasileira) e a Moral e Cívica, sendo a primeira de caráter instrucional para o exercício da cidadania e a segunda, de cunho mais ideológico, que tinha o propósito de formar as juventudes numa perspectiva ufanista, com forte inspiração fascista.

Nos anos de 1980, entretanto, o que se via era uma pressão cada vez maior para o retorno à democracia e, no campo educacional, para o retorno da Sociologia. Isso porque o modelo econômico já entrava em falência, a orientação educacional ditatorial se via acuada frente a muitas discussões sobre o significado político e social da educação, discussões sobre uma escola pública de qualidade, a preocupação com o caráter econômico e político e a melhoria das condições dos professores. Nesse momento, acontece uma intensa mobilização para reintrodução da Sociologia como disciplina no 2º grau pelos estados, tendo seu retorno de forma ainda fragmentada e sem suporte didático.

Um longo percurso de debates em torno do projeto da Lei de Diretrizes e Bases – LDB, desde os anos de 1988 até a sua promulgação em 1996, aponta as tensões entre as propostas progressistas e a influência marcadamente neoliberal. Se o processo inicial de sua elaboração esteve enraizado em um contexto de ampla mobilização e luta social pela democratização, traduzido no projeto democrático popular, ele foi hegemonizado pelo projeto liberal conservador e privatista na

passagem da década de 1980 para a de 1990 (JINKINGS, 2017).

A proposta da LDB à época, em seu artigo 36, parágrafo 1º, inciso III, determinava que, ao final do ensino médio, o estudante demonstrasse “domínio de conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania”. Dessa forma, sob a interpretação das Diretrizes Curriculares Nacionais de 1998, o ensino de Sociologia fica como interdisciplinar e contextualizado. Sem, no entanto, força como disciplina.

Esse panorama oportunizou uma série de ações das entidades legais, representantes políticos e apoiadores na tentativa de tornar a lei mais clara e de reintroduzir a Sociologia no currículo escolar. Destaco a atuação do deputado paranaense Padre Roque Zimmermann (PT), que iniciou uma luta política expondo a contradição da lei que fazia alusão ao ensino dos conhecimentos de Sociologia e Filosofia, mas não determinava obrigatoriedade. Embora tenha elaborado um projeto para embasar esse esforço de obrigatoriedade das disciplinas, o deputado encontrou forte resistência, inclusive do presidente da república à época, Fernando Henrique Cardoso, um sociólogo, que vetou o projeto em 2001.

A passos lentos, mas insistentes, as ações mudaram seu foco das vias políticas para o Conselho Nacional de Educação, que, em 2008, com a Lei Nº 11.684, consolidou a obrigatoriedade do ensino de Sociologia e Filosofia nas escolas, alterando a LDB de 1996.

Vale ressaltar que, embora introduzida legalmente no currículo, a Sociologia se via em uma situação diferente da figurada nos anos 1930, pois não mais estava vinculada a um projeto das elites. Considerando que a disciplina era agora uma ciência especializada cuja profissionalização até então fora predominantemente para fins do ensino superior – e, mais raramente, para tecnocracia do Estado –, houve posições de agentes científicos muito qualificados que questionavam a pertinência e a possibilidade do desenvolvimento escolar da disciplina (MEUCCI, 2015).

2.3 Os “novos rumos” da Sociologia

Passados nove anos da Lei Nº 11.684, após o impeachment de uma presidenta com bases infundadas e todo um projeto político de enfraquecimento da Educação enquanto instituição, o então governo à época de Michel Temer dá

prosseguimento à construção da BNCC. Papim e Mendonça (2021) destacam que projetos como a Emenda Constitucional nº 95/2016, que trata do congelamento do orçamento do Estado com os gastos públicos por 20 anos, e a medida Provisória nº 746/2016, finalizada em fevereiro de 2017 com a Lei Federal nº 13.415, “expressaram a inflexão das políticas públicas para um alinhamento ultraconservador nas dimensões política e econômica” (PAPIM; MENDONÇA, 2021, p. 8). Esta última lei, não só modifica substancialmente a LDB de 1996, como deixa claro o novo projeto de educação em nome de uma flexibilização curricular.

A lei acompanha a aprovação da Base Nacional Comum Curricular, documento de referência para todos os entes federados, em elaboração desde 2014. A BNCC partiu da necessidade de se fazer cumprir o que já destacavam alguns documentos, como a própria Constituição de 1988, a LDB de 1996 e o Plano Nacional de Educação de 2014, além da mobilização de setores da sociedade civil e movimentos sociais. A sua trajetória de elaboração, no entanto, foi realizada em meio a instabilidade política, disputa de interesses e influência de instituições que há muito desejavam mais espaço na educação do país. Silva, Alves Neto e Vicente (2015) estabelecem uma divisão do processo de elaboração e finalização da BNCC da seguinte forma:

- a) a fase de consolidação da ideia de Educação Básica abrangente, da Educação Infantil ao Ensino Médio e dos direitos da aprendizagem (2012 a 2014); b) a fase da conciliação entre as perspectivas dos direitos da aprendizagem e das matrizes de conteúdos elaboradas no sistema de avaliação em larga escala (2015 e 2016) e posterior rompimento do debate nacional junto da reforma do Ensino Médio (2016 a 2017); c) a fase de finalização da BNCC, especialmente a parte do Ensino Médio (2017-2018). (SILVA; ALVES NETO; VICENTE, 2015, p. 263).

Conforme destacam os autores, o projeto da BNCC sofreu alterações que romperam com a perspectiva de direitos de aprendizagem contidos no documento inicial, visto que a mudança do poder político central se apropriou do momento para implementar uma agenda de disposições elaboradas por grupos de interesses diferentes dos que iniciaram a discussão e a elaboração do documento.

Nessa configuração, a Sociologia não foi excluída do novo ensino médio e da BNCC de 2018. Entretanto, ela muda de status, sem lugar e carga horária definidas, aparecendo na lei como “Estudos e Práticas de Sociologia”, como

conhecimento transversal. Barganha espaço como itinerário formativo⁷, o que pode se configurar em abordagens interessantes à componente, mas não garante sua inserção em todas as unidades escolares, visto que esses itinerários são criados de acordo com a demanda e perfil dos(as) seus(suas) estudantes. Além disso, pode diminuir as possibilidades de desenvolvimento de um debate acerca da importância da disciplina de Sociologia com seus autores clássicos e suas teorias que, no documento referencial, passam a ser resumidas em apenas uma categoria.

Assim, de uma forma geral, a nova estrutura interna do discurso pedagógico não destaca o currículo de coleção e as disciplinas específicas. Aos(as) professores(as) cabe a readequação dos conteúdos, bem como a forma de se inserir na sala de aula com seus conhecimentos, o que não está claro na BNCC nem na reforma do Ensino Médio.

2.4 Sociologia no Ceará

Ao me debruçar sobre o histórico que a disciplina de Sociologia apresenta no estado do Ceará, principalmente pesquisando os repositórios da UECE e da UFC⁸, não foi difícil constatar que pouco se produziu acerca dessa temática, mesmo considerando outros tipos de produções científicas além de monografias. As dissertações de mestrado, teses, artigos e também uma busca pelo Centro de Documentação Escolar da Seduc foram necessárias e reveladoras de como temos parcias informações sobre o tema, o que difere substancialmente quando falamos de produções que versam sobre o percurso da Sociologia no Brasil. Em um levantamento recente realizado por Bodart e Tavares (2020), destacou-se que essa temática apresenta 8% de recorrência como tema de artigos sobre Sociologia escolar, publicados nos periódicos brasileiros de acesso aberto, classificados nos estratos superiores nas áreas das Ciências Sociais, Educação e Ensino, 1996-2017. Perdendo para Formação Docente (30,6%), Prática Docente (23,3%) e Currículo e Legislação (12,9%). (BODART; TAVARES, 2020).

Rocha (2013) destaca que, no Ceará, a Sociologia se fez presente de forma

⁷ Os itinerários formativos são o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, que os estudantes poderão escolher no ensino médio.

⁸ Repositório UFC: <http://www.repositorio.ufc.br/>. Acesso em: 24 set. 2021. Repositório UECE: <https://siduece.uece.br/siduece/pesquisarItemPublico.jsf>. Acesso em 24 set. 2021.

temporária já nos anos 1980, quando foi realizado um tipo de seleção pela SEDUC. Posteriormente, já no governo de Tasso Jereissati (1999- 2002), foi realizado um concurso público para professores e a disciplina estava dentre as que convocavam para as escolas. Nessa época, como não havia obrigatoriedade no ensino básico, as poucas oportunidades ficavam reservadas a uma aula de 50 minutos semanais em uma ou duas séries, sem material didático específico. No levantamento feito em 2015 por Souza Filho (2016), o autor destaca que os professores sentiam muita dificuldade em trabalhar a Sociologia escolar, pois não havia formação na área. O problema persistiu de forma expressiva nos governos estaduais de Lúcio Alcântara (2003-2006) e Cid Gomes (2007-2010). Segundo o autor,

[...] no ano 2012, no Ceará, apenas 10,7% [do total de 651 professores lotados em sala de aula na disciplina Sociologia] eram graduados em Ciências Sociais. Em Fortaleza, esse percentual ficou em torno de 15%. No ano de 2015 no Ceará, apenas 8,3% eram graduados em Ciências Sociais. Em Fortaleza, o percentual aponta para 8,7%. (SOUZA FILHO, 2016, p. 54).

Em 2004, por orientação da Resolução 3/98, publicada no DOU em 05.08.1998, e do Parecer 15/98, publicado no DOU em 26.06.1998, da Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE), a Sociologia ganha mais espaço no currículo, mas ainda na parte diversificada. O documento Escola Aprendente⁹, organizado pela Secretaria da Educação do Ceará, relata sobre a inclusão da Sociologia no currículo básico:

No caso do Ceará, a inclusão da Sociologia como disciplina no Ensino Médio, já vem de alguns anos, e consta das Diretrizes para Educação Básica desde 2004. Mesmo sem se constituir parte da base comum do currículo deste nível de ensino, a presença da Sociologia tem representado um expressivo ganho na formação das novas gerações que frequentam a escola pública (CEARÁ, 2008a, p. 74-75).

Dessa forma, entre os anos de 2004 e 2008, a Sociologia se fez presente no currículo do ensino médio cearense de forma gradativa já que, nesse período, não possuía caráter de obrigatoriedade. Isto somente ocorreu com a Lei nº 11.684/2008, quando, então, os sistemas de ensino brasileiros definiam que sua inclusão definitiva deveria acontecer a partir do ano letivo de 2009. A orientação dada anteriormente pela

⁹ O Escola Aprendente representa um referencial curricular no estado do Ceará desde sua elaboração até as novas orientações curriculares a partir de 2017.

SEDUC às escolas de ensino médio da rede pública estadual no Ceará consistia em oferecer a disciplina Sociologia em qualquer das séries do ensino médio.

O Conselho Estadual de Educação do Ceará (CEE/CE) reitera a lei com a Resolução 422, que torna obrigatória a inclusão da Sociologia no currículo do ensino médio a partir do ano letivo de 2009 devendo, portanto, ser ofertada em todas as escolas públicas estaduais – sejam elas as que estavam localizadas na capital Fortaleza e nos demais municípios do Estado – e, em todas as séries desse nível de ensino. De acordo com essa resolução,

Art. 1º As disciplinas Filosofia e Sociologia, como integrantes da base nacional comum, passam a compor o currículo das escolas públicas e privadas em todas as séries do curso de ensino médio do Sistema de Ensino do Estado do Ceará, a partir do ano de 2009.

Art. 2º As disciplinas Filosofia e Sociologia, dimensionadas em seu objeto de estudo para o nível do curso de ensino médio, deverão alcançar os seguintes objetivos: I – articular, com outras áreas do conhecimento e com a realidade na qual o aluno se insere, os conhecimentos filosóficos e sociológicos, visando a contribuir para a compreensão do homem e da sociedade; II – contribuir para o desenvolvimento da ética e da capacidade crítica, reflexiva e criativa, na perspectiva da transformação dos sujeitos e do mundo.

Parágrafo único – Estimular-se-á a introdução de temas de natureza filosófica e sociológica nas diversas disciplinas, como instrumentos para a aquisição do pensamento crítico e integração interdisciplinar. (CEARÁ, 2008b, p. 1).

Com a implantação da Lei Nº 13.415/2017 e a homologação da BNCC, os estados têm de se adequar no que concerne às suas diretrizes curriculares. No caso do Ceará, o Documento Curricular Referencial (DCRC) foi finalizado em 2021, considerando ainda o caráter de disciplinas, o que garante à Sociologia, no mínimo, o seu espaço anterior no currículo.

3 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO: O QUE OS DADOS TÊM A REVELAR SOBRE OS(AS) ESTUDANTES, A COMPONENTE DE SOCIOLOGIA E OS(AS) PROFESSORES(AS)

3.1 Análise de dados do questionário

Para essa ação, bem como a geração de tabelas e gráficos, trabalhamos com o *software* de análise estatística *IBM SPSS*, muito utilizado nas pesquisas em Ciências Sociais nos últimos anos. Nesse pacote estatístico, podemos fazer a gestão e acesso de uma ampla quantidade de dados, criar, definir e alterar variáveis, conhecer a quantidade de casos e as variáveis que existem no banco de dados, calcular medidas simples e múltiplas, fazer o cruzamento das variáveis diferentes, construir vários tipos de gráficos e executar diversas análises com as variáveis (SANTOS, 2018). Trata-se, portanto, de uma técnica quantitativa com o propósito de estabelecer padrões e tendências de respostas, no nosso caso, das representações dos(as) estudantes, a população em específico.

O *SPSS* trabalha tanto com variáveis simples, ou seja, dados diretos, como sexo, idade, religião, como também pode oferecer dados que aparecem em contextos de cruzamento, como sexo x idade, religião x tipologia de escola. Essas, chamadas de variáveis categóricas, oferecem uma série de correlações hipotéticas sobre a pesquisa.

Dentre os tipos de variáveis categóricas, optamos por trabalhar apenas com aquelas cujo resultados do Teste Qui-Quadrado se mostram estatisticamente significativos, ou seja, os resultados apresentados serão aqueles cuja significância deste tipo de teste for estatisticamente considerado como não sendo ao acaso. Nessa perspectiva, os resultados apresentam mais de 95% de certeza ($X < 0,05$).

3.2 O perfil socioeconômico

De uma forma geral, os(as) estudantes que se apresentam na pesquisa são meninas, com 17 anos, de etnia parda, de religião católica, mas que quase nunca vão a um encontro religioso, estudantes de escola regular, do turno da manhã, que moram com os pais e, pelo menos, mais um irmão ou irmã e que não recebem o benefício do

Bolsa Família¹⁰. Certamente, esse perfil não poderia destacar toda a realidade dos jovens pesquisados, principalmente quando consideramos variáveis como a tipologia da escola, por exemplo. Vê-se, portanto, que, enquanto professor ou professora de Sociologia, o olhar tem de ser voltado para as sociabilidades que a escola pode proporcionar, o que ajudaria a entender os processos de ajustamentos que os jovens promovem frente às situações de choque de determinações sociais. (CÂNDIDO, 1987).

Quando o pré-teste foi aplicado, houve a preocupação em saber se os(as) estudantes conseguiam identificar a diferença nessas nomenclaturas contidas nos itens socioeconômicos. A resposta geral foi que sim, conseguiam identificar a diferença entre as etnias, por exemplo, ou o que poderia ser o(s) “outro(s)” nos demais itens.

A pesquisa destaca 55% estudantes do gênero feminino, 41,9% masculino, e 2,6% como outros. Esta última opção se refere a um conjunto de categorias que não seguem os padrões binários e heteronormativos. No entanto, a título desta pesquisa, a classificação foi baseada na identidade subjetiva dos respondentes, já que o conceito de gênero está vinculado às construções culturais das características consideradas masculino e feminino. (RODRIGUES; HEILBORN, 2018).

Quanto à idade, há predominância da faixa etária entre 17 e 18 anos (40,2% e 32%, respectivamente), sendo os maiores de 18 anos representados em 26,4%. No contexto estadual, de acordo com o censo escolar desse ano de 2021, a distorção idade/série atingiu os 22,3%. Para se ter uma ideia da pouca variação no cenário estadual, em 2015, esse percentual estava em 21,45%. O percentual de Fortaleza, em 2021, foi de 31% de estudantes fora da faixa etária.

As escolas regulares estão representadas em 34,8% no questionário. Estudantes de escolas em tempo integral, como Escolas Estaduais de Ensino Profissional (EEEP) e as Escolas Estaduais de Ensino em Tempo Integral (EEMTI), seguem com 19,5% e 24,9%, respectivamente. Essas tipologias representam atualmente os maiores investimentos em educação no estado. A tabela 1 abaixo ajuda a entender o crescimento dessas escolas ao longo dos anos.

¹⁰ Embora o nome do benefício tenha sido alterado para “Auxílio Brasil” em novembro de 2021, o nome abordado neste trabalho será o empregado à época da aplicação do questionário, ou seja, o de “Bolsa Família”.

Tabela 1 – Evolução das Escolas em Tempo Integral no Ceará

ANO	QUANTITATIVO DE ESCOLAS			
	CEARÁ		FORTALEZA	
	EEEP	EEMTI	EEEP	EEMTI
2008	25	-	6	-
2009	51	-	12	-
2010	59	-	17	-
2011	77	-	17	-
2012	92	-	17	-
2013	97	-	18	-
2014	106	-	19	-
2015	113	-	21	-
2016	115	26	21	-
2017	116	66	21	23
2018	119	109	21	39
2019	122	130	21	48
2020	122	155	21	49
2021	123	201	21	55
2022	131	261	21	60

Fonte: SIGE/SEDUC.

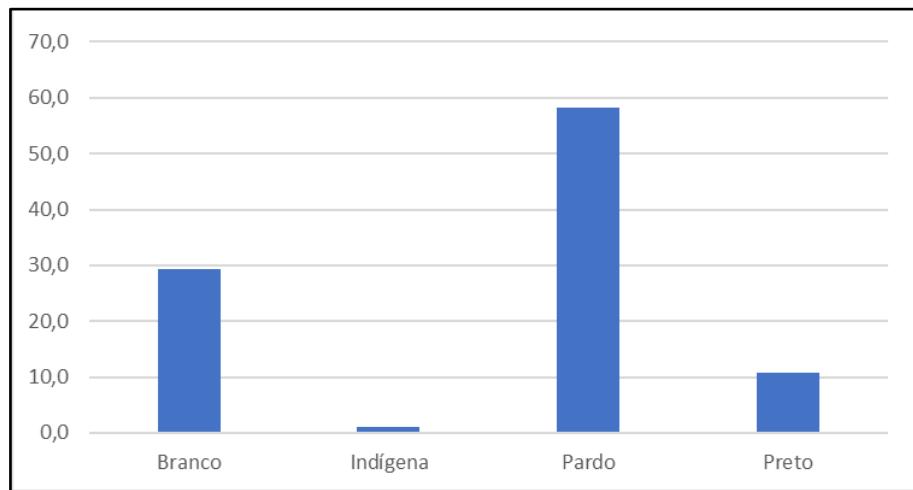
Na pesquisa, outras tipologias de escolas foram englobadas, como os institutos de educação, as escolas militares de âmbito estadual, além dos Centros de Ensino de Jovens e Adultos (CEJA). Nesse último caso, o número de respondentes é quase insignificante na pesquisa, embora haja cinco CEJA's em Fortaleza, concentrando um número de 21.796 estudantes. Ainda que pertençam ao grupo de escolas regulares, optamos aqui por destacá-las pelo fato de apresentarem particularidades no trabalho docente em relação ao público que atendem. Como se trata de uma pesquisa na capital Fortaleza, não há escolas de tipologias como indígena, quilombola ou rural.

A delimitação dos tipos de escola é relevante na pesquisa, pois o estado do Ceará apresenta particularidades tanto na proposta pedagógica como no financiamento delas, o que poderia sugerir perfis diferentes de estudantes. Só no município de Fortaleza, as escolas em tempo integral, por exemplo, saltaram de 23, em 2017, para 60 em 2022.

A variável turno está relacionada à tipologia escolar, mas nesta pesquisa, optamos por trazê-la em separado a fim de verificar se haveria algum dado em destaque, que merecesse uma análise mais detalhada. Dessa forma, verificamos que 36,6% é do turno da manhã e 21,4% é do turno da tarde, o que confirma a maioria de tipologia de escola integral com 30%. O ensino noturno está representado em 11% nesta pesquisa.

No que concerne a raça/etnia¹¹, tem-se o seguinte resultado:

Gráfico 2 – Qual sua raça/etnia?



Fonte: própria autora.

Conforme o gráfico destaca, a maioria se autodeclara pardo (58,3%), seguida de branco (29,2%), preto (10,7%) e indígena (1,1%). Trata-se de um exercício que parte da identidade étnico-racial que cabe a cada indivíduo estabelecer. Contudo, é comum que as pessoas categorizem os indivíduos quanto às suas características raciais de maneira reducionista, baseando-se exclusivamente na cor da pele. Segundo Ferreira (2000), a categoria identidade não é somente pessoal, mas fundamentalmente social e política. É considerada como uma referência em torno da qual o indivíduo se autorreconhece e se constitui, estando em constante transformação, além de ser construída a partir das relações que se estabelece consigo mesmo, com o outro e com o ambiente à sua volta. Faz-se importante, portanto, destacar esses outros aspectos, não somente a cor da pele, quando for destacar a identidade étnica.

A fim de auxiliar nesse processo de identificação étnica dos(as) estudantes, as secretarias escolares em todas as regionais do Ceará participaram, no ano de 2020, de uma capacitação acerca do procedimento de autodeclaração étnica dos(as) estudantes no ato da matrícula. A proposta partiu da Coordenadoria de Diversidade e Inclusão Educacional – CODIM, na SEDUC, voltada sobretudo para os(as) secretários(as) escolares, ou seja, quem fica responsável, em sua maioria, pelo processo de matrícula.

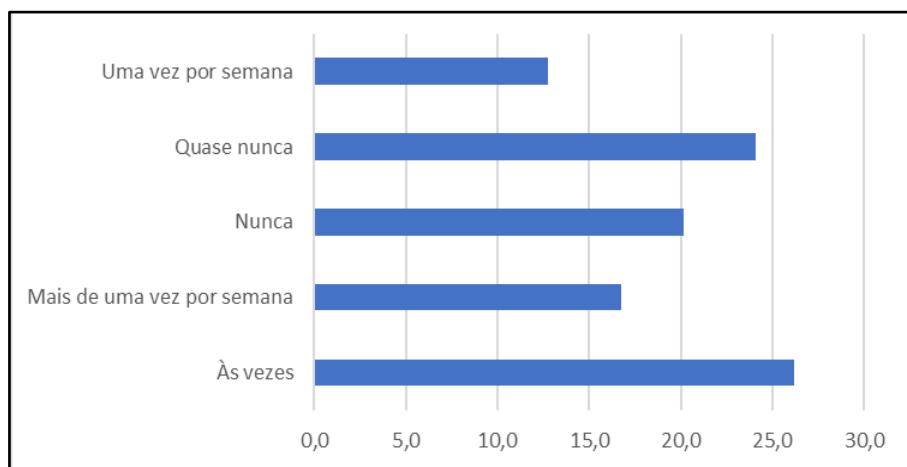
¹¹ A autodeclaração de cor e raça expressa aqui segue as orientações do PNAD, desde 1976, e do IBGE.

No que se refere à religião, destacam-se os católicos (37,7%) e evangélicos (32,9%). As demais religiões configuram o item “outras” (27,6%). Embora haja esse cenário, chama atenção também o pluralismo que se estabeleceu entre os jovens: um crescimento expressivo da religião evangélica, das religiões mediúnicas, como o Espiritismo, e das religiões afro-brasileiras, como a Umbanda. Há ainda as consideradas novas religiões, como o Santo Daime, ou antigas, como o Islã, além de diferentes espiritualidades que não conformam instituições religiosas. E é preciso lembrar ainda das diferentes maneiras como os jovens se relacionam com essas vertentes e a presença de distintas correntes espirituais numa mesma tradição religiosa. Por isso, nesta pesquisa, optou-se por estabelecer três variáveis (católicos, evangélicos e outros).

Um estudo realizado, em 2011, pela Fundação Getúlio Vargas apontava que Fortaleza era a 2^a capital mais católica do país, embora o número de adeptos da igreja evangélica tenha crescido consideravelmente. Em 2018, o Instituto Opnus entrevistou 2.100 pessoas e destacou 66% católicos. Vale ressaltar que o estado do Ceará como um todo tem centros simbólicos do catolicismo popular que expressam essa relevância religiosa, como em Juazeiro do Norte com a expressão de fé popular em Padre Cícero.

Ainda no que se refere à religião, perguntamos sobre a frequência a encontros religiosos. As respostas apontam para o gráfico 3 abaixo:

Gráfico 3 – Qual sua frequência nos encontros religiosos?



Fonte: própria autora.

Quando comparado com a variável anterior que perguntava qual a religião, é interessante verificar o número expressivo de respondentes que às vezes (26,2%), quase nunca (24,1%) ou nunca (20,1%) vão aos encontros religiosos. Dessa forma, a identificação com a religião anteriormente destacada pode representar afinidade, mas não necessariamente vivência nas celebrações/encontros. Além disso, há também relevância da variável quando associada à outras, como quando associamos ao desconforto em relação a um tipo de aula:

Tabela 2 – Cruzamento da frequência aos encontros religiosos x desconforto nas aulas sobre gênero e sexualidade

		Com que frequência vai aos encontros religiosos?					Total
		Às vezes	Mais de uma vez por semana	Nunca	Quase nunca	Uma vez por semana	
Você se sente desconfortável nas aulas sobre gênero e diversidade sexual?	Às vezes	7,9%	18,1%	4,8%	10,6%	16,3%	10,7%
	Não	83,5%	71,4%	90,5%	83,4%	72,5%	81,5%
	Sim	7,9%	10,5%	4,0%	6,0%	11,3%	7,5%

Fonte: própria autora.

A composição familiar também foi uma variável considerada importante a ser evidenciada na pesquisa, principalmente para entender em que contexto de população convivem esses(as) jovens em suas residências, além de verificar se esse fato representa alguma interferência quando cruzado com outras variáveis. Nesse aspecto, as famílias dos(as) estudantes que compreendem pai, mãe e irmão/irmã representam 32,3%. As que apresentam mãe e irmãos/irmãs, 21,7%, número consideravelmente superior quando comparado às famílias somente com pai e irmãos/irmãs (1,9%). Nesse aspecto, quando comparados à média nacional, segundo pesquisa do IPEA¹², em 2020, o Brasil tinha 32% dos lares chefiados por mães solteiras. Outros dados são de estudantes que moram com os pais e não possuem irmãos/irmãs (10,1%) ou que moram só com a mãe ou pai (7,3%) e com a avó e irmãos/irmãs (3,8%).

¹² Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada de 2020.

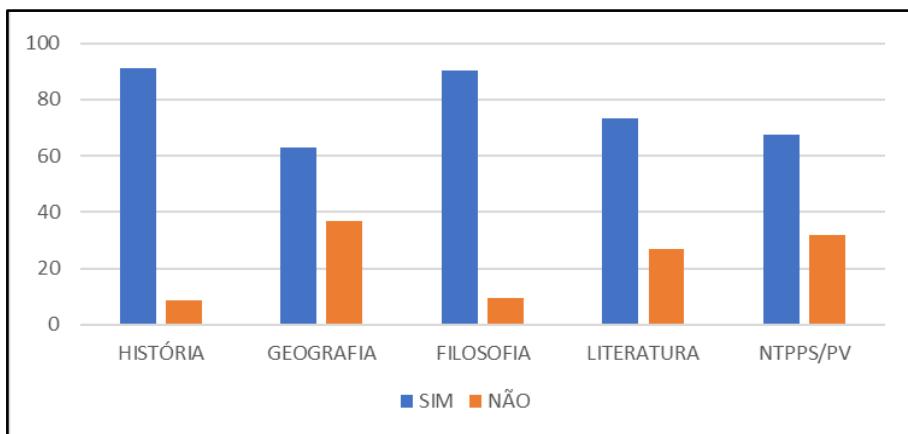
A última variável socioeconômica levantada foi a dos bolsistas no Programa Bolsa Família. Segundo informações do Ministério da Cidadania, em 2021, ano de coleta dos dados da pesquisa, 14,6 milhões de famílias foram beneficiadas no Brasil. No Ceará, esse número atingiu 1.093.505 beneficiários. Nesta pesquisa, 47,6% dos(as) estudantes se diziam bolsistas. Segundo destacam Abreu *et al.* (2021, p. 4), “o PBF, como programa de transferência de renda, traz subjacente a discussão da situação de pobreza e, consequentemente, de desigualdade vivenciada pelos sujeitos”. Há, portanto, um impacto imediato no que concerne ao acesso às políticas públicas para os(as) estudantes beneficiados. Embora as questões ligadas às desigualdades sociais tenham mais considerações que a simples referência desta pesquisa possa realizar, é relevante trazê-las para o cenário de análise. A inclusão dessa variável busca, portanto, verificar se há impacto das percepções dos(as) estudantes em relação à Sociologia escolar pelos(as) estudantes bolsistas.

3.3 Currículo

Para conhecer que percepções os estudantes têm do currículo de Sociologia, selecionamos as seguintes variáveis: A) a associação da Sociologia com outras componentes curriculares; B) a Sociologia como ajuda na formação cidadã; C) conteúdos trabalhados com maior frequência; D) conteúdos que possam trazer ou não desconforto; E) associação dos conteúdos com a realidade; F) o que a Sociologia ajuda a entender melhor; G) mudança de opinião a partir do que aprendeu nas aulas de Sociologia; e H) o que os conteúdos de Sociologia ajudam a entender melhor? A fim de refinar nossas análises, consideramos também o cruzamento dessas variáveis com algumas relacionadas ao perfil socioeconômico demonstradas anteriormente.

Dispostas essas primeiras informações, iniciamos com os itens que questionavam se os(as) estudantes conseguem associar a Sociologia com outras componentes curriculares e as respostas foram:

Gráfico 4 – Consegue relacionar alguns conteúdos da Sociologia aos conteúdos de: História, Geografia, Filosofia, Literatura, NTPPS/PV?



Fonte: própria autora.

As componentes de História e de Filosofia se apresentam como componentes mais relacionadas à Sociologia no que concerne aos conteúdos trabalhados, com 91,2% e 90,3% das respostas, respectivamente. Tendo em vista as inúmeras influências mútuas, a Sociologia tem, para começo de qualquer discussão, nos seus fundadores, nomes de importância renomada para a História. Poderíamos colocar até mesmo as duas como componentes dependentes, quanto ao que se pretende, ao mesmo tempo em que são autônomas, com técnicas, metodologias e orientações específicas de cada ciência. No que concerne à relação com a Filosofia, há também uma identificação forte dos teóricos na Sociologia com aquela disciplina. Há ainda um percurso similar dessas duas componentes no currículo da educação básica, apresentando, inclusive, o trabalho de um mesmo professor nas duas componentes como comum em várias escolas, o que já foi mencionado nesta pesquisa quando exposto que a Sociologia conta com número considerável de profissionais que não são formados na área. O mesmo pode-se dizer em relação à componente de Filosofia.

Os(as) estudantes de escolas de ensino profissional demonstraram maior associação em relação a alguns componentes curriculares: somente nessa tipologia de escola há destaque na associação dos conteúdos de Sociologia com História (95,1%), Geografia (72,1%) e Projeto de Vida (81,1%). Esta última se insere no currículo dessas escolas desde 2013 e tem como proposta oportunizar aos estudantes a reflexão e a elaboração dos seus projetos de vida, baseada em uma metodologia de formação docente, elaboração de material didático e acompanhamento

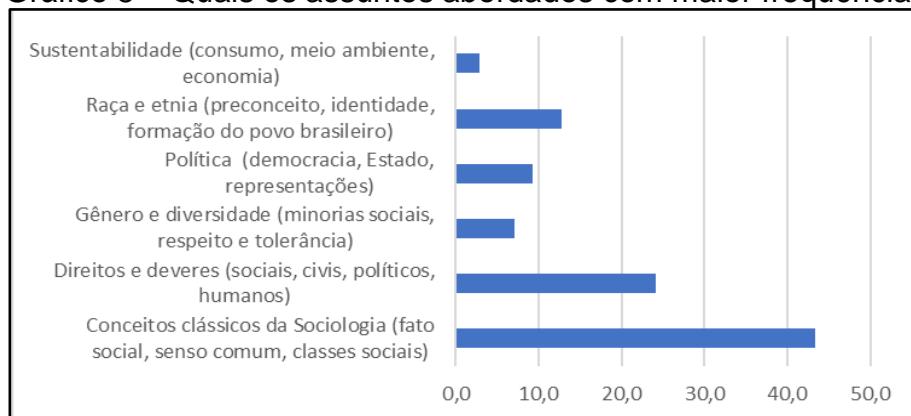
implementados pelo Instituto Aliança, com a qual a SEDUC tem parceria desde 2012.

Quando a pergunta foi se a Sociologia ajuda na formação enquanto cidadão, 94,2% afirmaram que sim. Essa associação, em verdade, sempre esteve ligada ao ensino dessa disciplina. Conforme Rêses (2007) destaca, a relação dos conteúdos sociológicos com a formação cidadã está na associação dos seus conceitos à realidade social dos estudantes, o que ajuda na compreensão dos processos vinculados à sociedade moderna e, por conseguinte, na elaboração do senso crítico.

Assim como destacam Lopes e Macedo (2013), o currículo se apresenta como essa relação do indivíduo com os acontecimentos do mundo e também consigo, o que dá sentido para que, na análise das representações dos(as) estudantes, também tenhamos levado em consideração suas características socioeconômicas. Para os autores, a vivência na escola e o aprendizado que ela proporciona é também uma leitura da sua vida fora desse espaço, o que destaca no currículo a função de tentar entender essa experiência.

Também perguntamos sobre os assuntos abordados com maior frequência pelo professor e os dados obtidos, de acordo com o gráfico 5 que segue, foram de prevalência dos conteúdos da Sociologia clássica (43,3%)¹³, seguido dos conteúdos sobre direitos e deveres (24,1%), raça e etnia (12,8%), política (9,3%), gênero e diversidade (7%) e sustentabilidade (2,9%).

Gráfico 5 – Quais os assuntos abordados com maior frequência?



Fonte: própria autora.

¹³ Os dados não representam necessariamente a realidade dos conteúdos dispostos no currículo escolar. Ou seja, não se pode afirmar que os assuntos mais abordados são da Sociologia clássica, pois, a título desta pesquisa, estamos trabalhando com as percepções dos(as) estudantes.

A presença marcante da Sociologia clássica (43,3%) estabelece a permanência de conceitos fundamentais para a compreensão da leitura sociológica dos fatos sociais, ainda que esta não seja uma temática mais relacionada para a 3^a série conforme os materiais didáticos trabalhados pela rede. Alguns documentos estaduais que servem de parâmetro curricular, como o Escola Aprendente, apresentam relevância no auxílio de conteúdos e métodos de abordagem utilizados por professores(as) de todas as disciplinas. Criado em 2009, o material era a maior referência aos docentes até o PNLD de 2012, quando inseriram os livros de Sociologia.

Os assuntos ligados a direitos e deveres (24,1%) inserem também aspectos relacionados à política, o que em Sociologia exige uma abordagem cautelosa e, acima de tudo, científica a fim de evitar a politização e as interpretações equivocadas em um momento de intenso policiamento das aulas enfrentado pelos professores.

A respeito desse assunto, Gonçalves (2020) destaca que

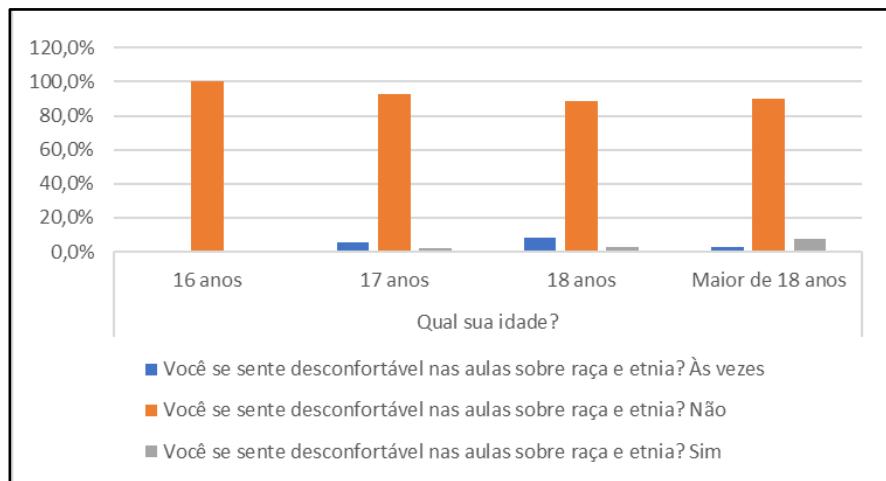
A profissão de docente, no Brasil, apesar de nunca ter gozado de grande prestígio, vem nos últimos anos sofrendo um processo de perda de legitimidade e de desprestígio social. Se antes os parcós salários, as condições de trabalho inadequadas e a desvalorização da carreira eram os principais empecilhos para que as novas gerações se interessassem pela profissão, atualmente se acrescentam os ataques ao trabalho do professor, à sua legitimidade como profissional e os ataques ao seu conhecimento e a sua maneira de difundi-lo. (GONÇALVES, 2020, p. 178).

As dificuldades expressas ganham destaque quando, na pesquisa, as perguntas se referem a um possível desconforto em relação a alguma temática. Nesse aspecto, consideramos as macrotemáticas: gênero e diversidade sexual; raça e etnia; e política. As respostas dos(as) estudantes destacam que, em sua maioria, não há desconforto no que concerne às aulas com essas temáticas (em mais de 80% a negativa para cada uma, com exceção de “política”). Em política, esse índice desce para 69,2%.

Ao cruzarmos essa variável “política” com “raça/etnia”, verificamos que 23,9% dos(as) estudantes declarados pretos apresentam sim desconforto. Já quando a temática é sobre raça/etnia, os(as) estudantes em todas as tipologias de escolas não apresentam desconforto, estando em mais de 80% as respostas. Considerando a idade, os(as) estudantes também apontam não se sentir desconfortáveis com a

temática raça/etnia numa proporção semelhante, conforme aponta o gráfico 6 abaixo:

Gráfico 6 – Você se sente desconfortável nas aulas sobre raça e etnia? x Idade

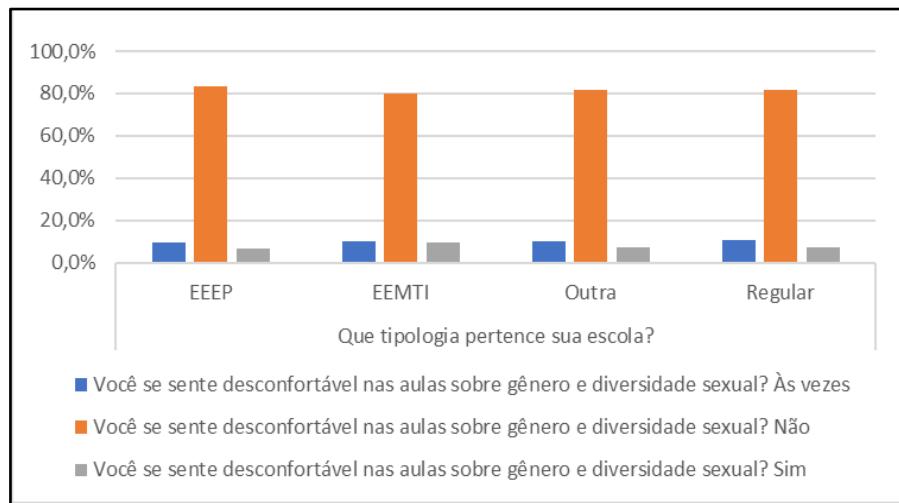


Fonte: própria autora.

Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua, de 2020, demonstram que o Ceará apresentava 27,2% de população branca, 5,9% de cor preta e 66,2% de cor parda. Um cenário diferente da década anterior, com predominância de população branca. A mesma fonte aponta que, no mesmo ano, o número de estudantes negros e pardos com frequência líquida no ensino médio é de 72,4%. Uma importante ferramenta que permite compreender essas mudanças de perspectivas em relação à configuração das identidades e o processo de aceitação está no trabalho realizado nas escolas. Cada vez mais inserido nas discussões, principalmente de componentes da área das ciências humanas, como a Sociologia, as informações acerca da composição identitária, do racismo, de raça e etnia fazem-se presentes no currículo. Certamente, não se trata aqui de um trabalho equânime na rede de ensino cearense, mas com evidentes conquistas e ampliações nas discussões.

No que se refere às aulas sobre gênero e diversidade sexual, os números apresentados conferem que os(as) estudantes, em todas as tipologias escolares, não se sentem desconfortáveis quanto a essa temática. O gráfico 7 destaca essa constatação na pesquisa:

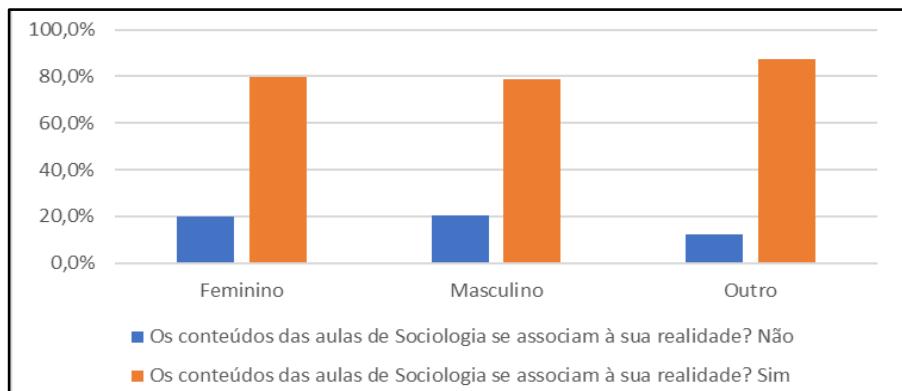
Gráfico 7 – Você se sente desconfortável nas aulas sobre gênero e diversidade sexual x Tipologia da escola



Fonte: própria autora.

Considerando importante um currículo em que o discente se sinta representado, perguntamos se estes(as) conseguiam relacionar os conteúdos das aulas de Sociologia com a sua realidade e, como resposta, 79,1% afirmaram que sim. Na associação com o gênero, as respostas destacaram que os(as) estudantes que se identificavam na categoria “outros” percebiam mais essa associação (87,5%).

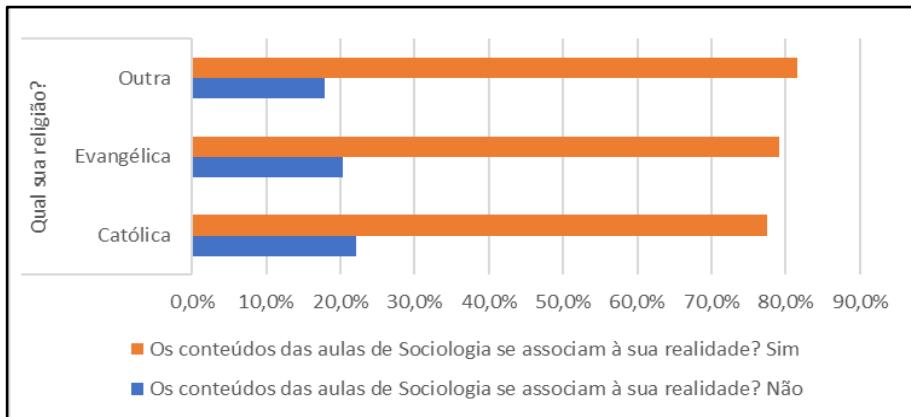
Gráfico 8 – Os conteúdos das aulas de Sociologia se associam à sua realidade? X Gênero



Fonte: própria autora.

O mesmo destaque se aplica à associação com a religião, conforme o gráfico 9 abaixo:

Gráfico 9 – Os conteúdos das aulas de Sociologia se associam à sua realidade? X Religião



Fonte: própria autora.

Os estudantes que consideram ser de religião católica pertencem ao grupo que menos associam os conteúdos de Sociologia à sua realidade, com 77,5% dos respondentes. Nas categorias evangélicos e outra religião, verificamos um maior percentual de associação dos conteúdos à realidade: 79,1% e 81,5%, respectivamente. Sobre a variável, Abreu *et al.* explicam:

A religião é um fenômeno social que perpassa a vida de muitos indivíduos e influencia suas práticas e representações para além do âmbito religioso, sendo considerada uma variável explicativa em muitos estudos. A Sociologia, desde o pensamento dos clássicos, tomou a filiação religiosa como uma variável explicativa na investigação de fenômenos morais e econômicos. Émile Durkheim mostrava como crenças e ritos religiosos contribuíam para tipos diferentes de solidariedade, que resultavam em variações nas formas de suicídio. Max Weber mostrou como o ethos religioso, no caso dos protestantes, levava a uma vida baseada em uma conduta metódica, disciplinada e racional. (ABREU *et al.*, 2021, p. 27).

Os dados podem ser analisados na perspectiva de que, assumindo um caráter relevante no que concerne à educação em direitos humanos, a Sociologia poderia contribuir na expansão de valores de superação do ódio e das segregações marcantes na sociedade brasileira. É comum que as aulas da componente também considerem o desenvolvimento da cultura brasileira calcada no cristianismo, porém os materiais didáticos já atuam na defesa da laicidade.

Em outros cruzamentos com a variável “você consegue relacionar os conteúdos das aulas de Sociologia com a sua realidade?”, quanto a cor/raça, por exemplo, constatamos que 80,9% dos(as) estudantes brancos conseguem fazer essa

associação melhor, assim como os(as) estudantes das escolas profissionais (83,6%). No que concerne à idade, a pesquisa apontou que os(as) estudantes maiores de 18 anos apresentam índices menores (77,6%).

Concentrados(as) no turno noturno (73,9%), esses(as) estudantes apresentam uma realidade que diverge dos mais jovens e, principalmente, dos que estudam em período integral. Conforme destaca Arroyo (2014), o nível médio da educação básica recebe *outros tipos* de estudantes, jovens, adolescentes, inclusive docentes, que precisam reconhecer suas diferenças numa tradição curricular pautada na homogeneidade. A tarefa é dificultada quando não consideramos os(as) estudantes trabalhadores, pois

[...] o lugar do trabalho e o tipo de relação a ser estabelecida nesse nível de ensino estão longe de ser consensuais. Pois se o Ensino Médio é uma das etapas da educação básica brasileira que tem provocado várias discussões, pode-se dizer que o lugar do trabalho e o modo de compreendê-lo nesse nível de ensino são responsáveis por boa parte delas. (CARROCHANO, 2014, p. 207).

Ainda que documentos oficiais e a compreensão de muitos professores corroborem a percepção de que a Sociologia ajuda na formação do(a) estudante enquanto cidadão, levantamos esse questionamento na pesquisa e, associado aos dados socioeconômicos do público discente, verificamos que, em relação a gênero, raça e religião há quase uma unanimidade no entendimento de que a componente contribui na formação cidadã, conforme verificamos no exemplo do gráfico 10, que relaciona à raça/etnia:

Gráfico 10 – A Sociologia ajuda na sua formação enquanto cidadão x Qual a sua cor?

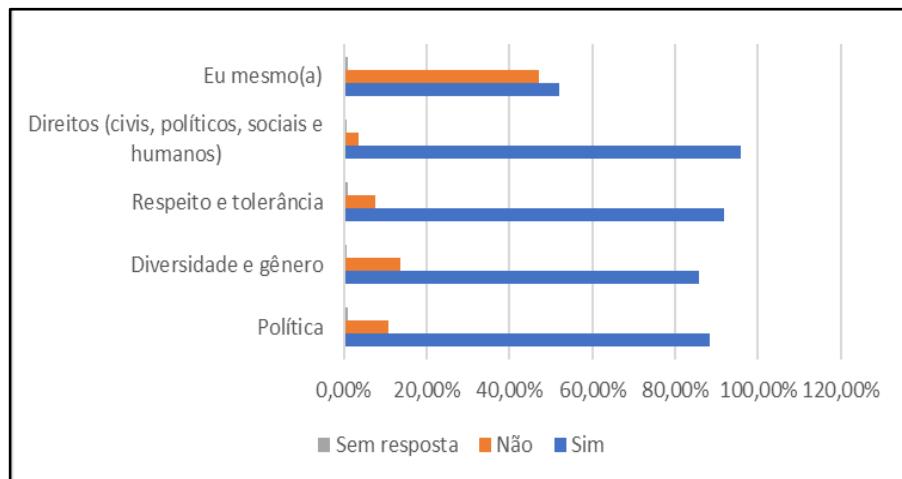


Fonte: própria autora.

Seja imbricada nas relações sociais ou mesmo intervindo na realidade, a Sociologia mobiliza condutas que tornam o exercício da cidadania evidente para os(as) estudantes.

A última variável referente à categoria currículo na pesquisa remete à capacidade ou não de a Sociologia ajudar a entender melhor algumas questões centrais (política; diversidade e gênero; respeito e tolerância; e direitos civis, políticos, sociais e humanos). Embora não seja pretensão da componente tentar explicar condutas pessoais, a compreensão dos fatos sociais contribui para que o indivíduo se perceba enquanto integrante dessa engrenagem que é a sociedade e, consecutivamente, possa entender como o contexto social influencia certas ações ou escolhas. Nesse aspecto, 52,10% dos estudantes afirmaram que a Sociologia ajuda a entender melhor sobre eles(as) mesmos(as).

Gráfico 11 – Os conteúdos de Sociologia ajudam a entender melhor sobre: Eu mesmo, Direitos, Respeito e Tolerância, Diversidade e Gênero, e Política?



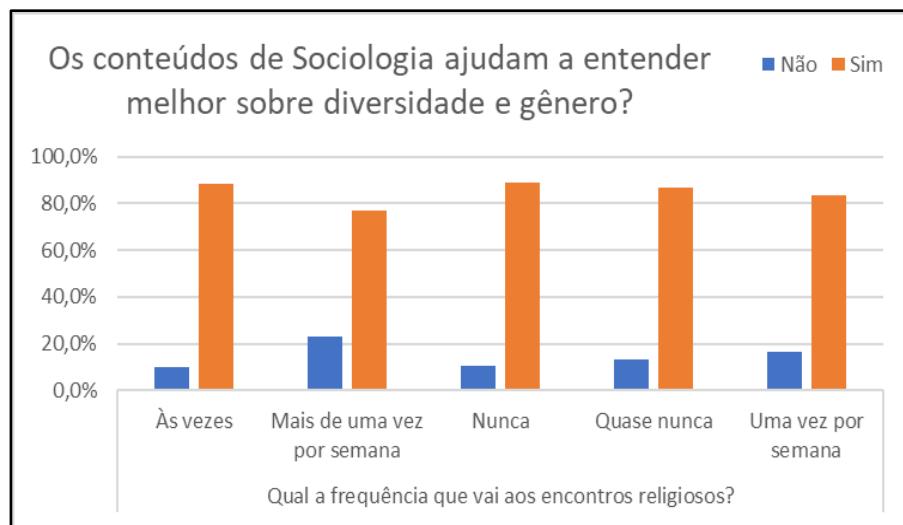
Fonte: própria autora.

Quando se trata de política, a Sociologia contribui para uma melhor compreensão em uma proporção maior aos(as) estudantes pardos (90,1%), católicos (93,2%), das escolas profissionais (96,7%) e aqueles com 17 anos (90%). Quando se trata de gênero, os números referentes à assertiva são bem próximos, com 89,2% para o feminino, 87,8% para masculino e 87,5% para a categoria “outros”.

Sobre Diversidade e Gênero, os dados apontam que maiores de 18 anos (89,7%), a categoria “outros” (93,8%), pardos (87,9%) e a categoria “outros” em religião (90,2%) são os(as) que conseguem compreender mais da temática através

dos conhecimentos sociológicos trabalhados na escola. Um dado relativo à religião, que é o da frequência com que se vai aos encontros religiosos, pode ser verificada no gráfico abaixo.

Gráfico 12 – Os conteúdos de Sociologia ajudam a entender melhor sobre diversidade e gênero x Frequência que vai aos encontros religiosos



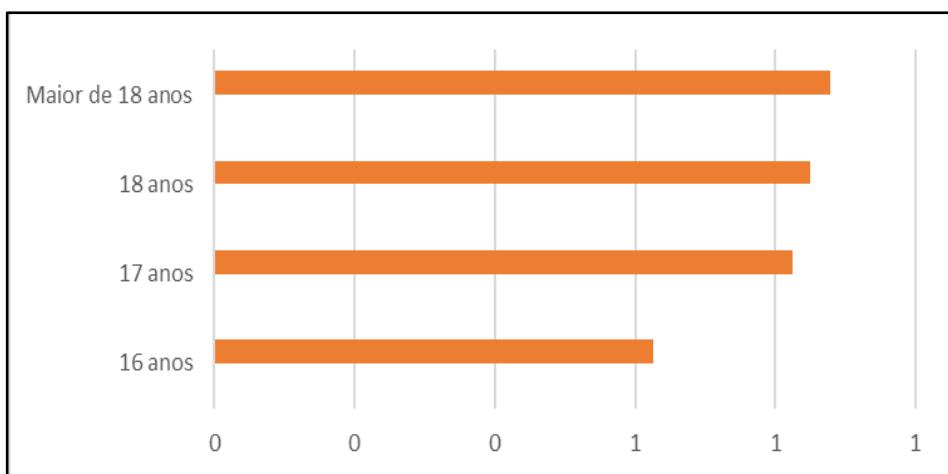
Fonte: própria autora.

Enquanto disciplina que oferece as ferramentas para a compreensão dos aspectos da realidade social e política dos estudantes, a leitura dos gráficos até então nos permite compreender que a presença da Sociologia no currículo escolar tem feito um trabalho significativo. Assim como destaca Lahire (2014), a disciplina tem como objetivo contribuir na produção do conhecimento racional e coerente do mundo social, alcançando o que está oculto diante da experiência imediata. Vale ressaltar que, mesmo com as mudanças promovidas pela BNCC e a Reforma no Ensino Médio a partir de 2017, os estudantes da pesquisa não foram afetados, pois estes ainda carregavam muito do currículo anterior às mudanças. Dessa forma, os dados demonstram que essa compreensão dos fatos sociais proporcionada pela disciplina, ajudam no processo de observação e objetificação do mundo social, assim como as variáveis adotadas e demonstradas no quadro, pois são aspectos do cotidiano dos estudantes.

3.4 Metodologia e avaliação

A categoria “metodologia” aqui empregada converge as variáveis no questionário que estão vinculadas às percepções dos(as) estudantes em relação ao professor(a), incluindo também avaliação. Esse olhar para o trabalho do(a) docente faz sentido em uma pesquisa sobre representações sociais da Sociologia escolar, pois há absoluta influência de uma sobre a outra. Assim posto, perguntamos aos(as) estudantes se o(a) professor(a) o(a) inspirava a ler, se informar mais sobre os assuntos abordados em sala de aula e 84,3% responderam sim. Em um cruzamento com a idade, constatamos que quanto maior a idade, maior é a influência.

Gráfico 13 – O seu professor lhe inspira a estudar, ler, se informar mais sobre os assuntos abordados em sala de aula x Idade



Fonte: própria autora.

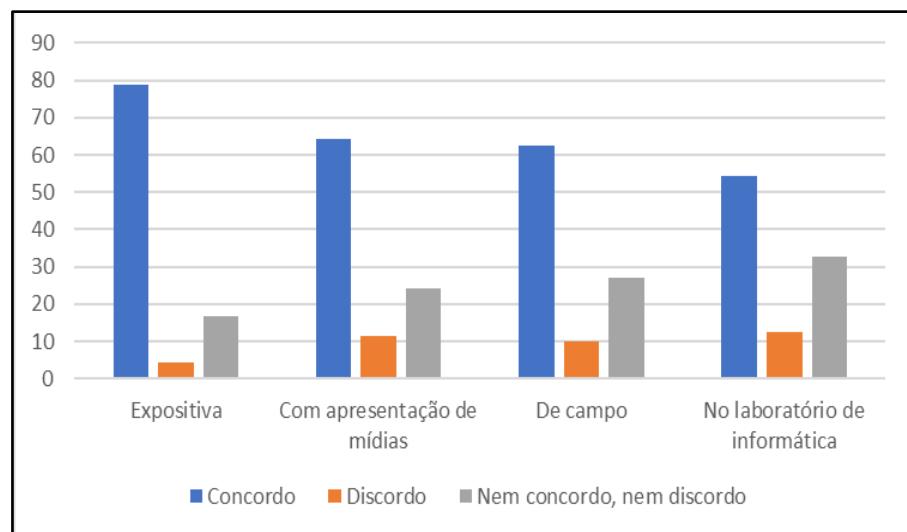
Tal como destaca Ileizi Silva (2013), o trabalho do docente se assemelha ao do artesão, uma vez que há aprendizado com um mestre, mas a técnica vai sendo reformulada com a prática. O conhecimento é o pilar do trabalho docente. “São os saberes elaborados historicamente sobre a arte, ou nosso caso, sobre a ciência. As técnicas nascem das necessidades contemporâneas e do saber acumulado e apropriado pelo artesão e pelo professor.” (SILVA, 2013, p. 36). Há, portanto, um trabalho de reciprocidade na docência, no sentido da formação do(a) professor(a) e do(a) discente.

Além dessa variável, também foi questionado se a Sociologia seria diferente das demais disciplinas na forma como o(a) professor(a) ensina. As respostas

foram: 37,9% concordaram, 13,8% discordaram e 48,2% não concordaram nem discordaram. Sobre o fato de serem interativas ou não, 79,6% dos(as) estudantes disseram que sim, as aulas de Sociologia são interativas, com debates e discussões, e 20,4%, não.

O tipo de aula também foi utilizado como variável a ser analisada na pesquisa. Dessa forma, perguntamos aos(as) estudantes se concordam ou discordam que determinadas aulas são de sua preferência e as respostas foram:

Gráfico 14 – Em relação ao tipo de aula, prefiro quando é: expositiva, com apresentação de mídias, de campo ou no laboratório de informática?



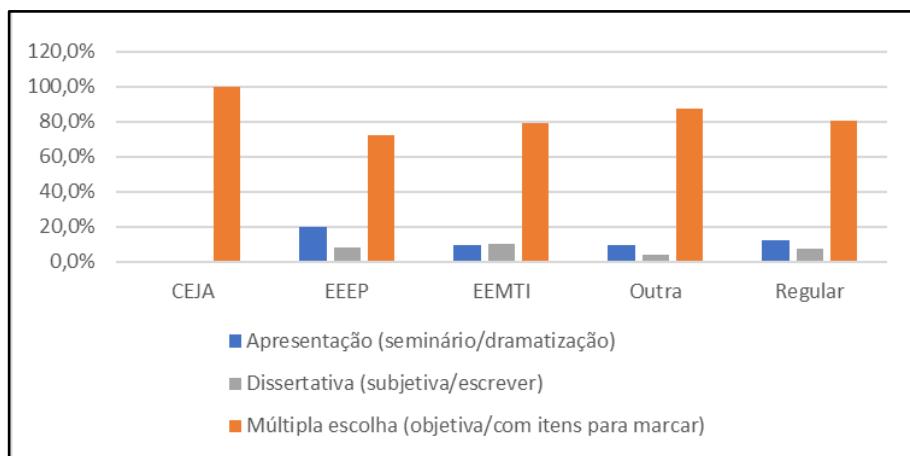
Fonte: própria autora.

As aulas expositivas ainda respondem pela preferência da maior parte dos(as) estudantes na pesquisa. Embora o discurso pedagógico moderno se refira a esse tipo de técnica como ultrapassada, tradicional, na qual o(a) professor(a) se coloca como o centro do processo e há pouca participação dos alunos, ela ainda é frequentemente utilizada e, conforme aponta o levantamento com os discentes, é uma opção aceita e com preferência.

Usar uma só técnica, de fato, pode ser monótono nas aulas e gerar desinteresse dos(as) estudantes. Contudo, não considerar a aula expositiva é difícil, pois muitos(as) professores(as) são formados nesse contexto. Além disso, o recurso da expressão verbal ainda prevalece na escola, estando na preferência dos(as) estudantes mais jovens (em média, os de 16 anos, com 87,5%).

O último aspecto considerado na categoria metodologia é acerca da avaliação realizada pelo(a) professor(a) de Sociologia. Entendida como um dos aspectos do processo de ensino-aprendizagem, a avaliação escolar serve como um diagnóstico do desempenho do(a) estudante para a escola e para o(a) docente. Dispostos em três categorias principais, as respostas coletadas foram: apresentação em formato de seminário ou dramatização, com 12%, dissertativa, 7,5%, e múltipla escolha, 79,9%. Quando associadas ao tipo de escola, temos:

Gráfico 15 – Quanto à avaliação, prefiro quando é no formato de: apresentação, dissertativa ou múltipla escolha? X Tipologia da escola



Fonte: própria autora.

A maioria dos(as) estudantes prefere avaliações objetivas, ou seja, aquelas de múltipla escolha, semelhantes às realizadas em larga escala, como ENEM, SAEB e, no caso do Ceará, o SPAECE. Esse modelo, embora muito utilizado nas escolas em geral, necessita de boa elaboração a fim de possibilitar aos(as) estudantes uma interpretação coerente da informação dada em cada item e não se valer de “pegadinhas” ou ter muito óbvias as respostas corretas. Quando apresentam esse cuidado na elaboração, esse tipo de avaliação leva os(as) estudantes à reflexão e ao resgate dos conhecimentos necessários para escolher a resposta que melhor responde ao item.

3.5 Material didático

Conforme destaca Maçaira (2020), “livro didático” é uma expressão que designa o tipo de material didático utilizado pelo(a) estudante na escola e que serve de instrumento para realização das aulas, podendo haver mais de um autor, além de todo um trabalho estético e estrutural na sua composição. Segundo a autora,

Os livros didáticos definem-se como publicações não periódicas, de circulação pública que guardam ideias e registram a maneira de pensar de seus autores e dos contextos sócio-históricos nos quais foram elaborados. O livro didático configura-se como instrumento do processo de ensino e aprendizagem formal, sendo formulado visando a compreensão de um determinado objeto do conhecimento humano consolidado como disciplina escolar. (MAÇAIRA, 2020, p. 210).

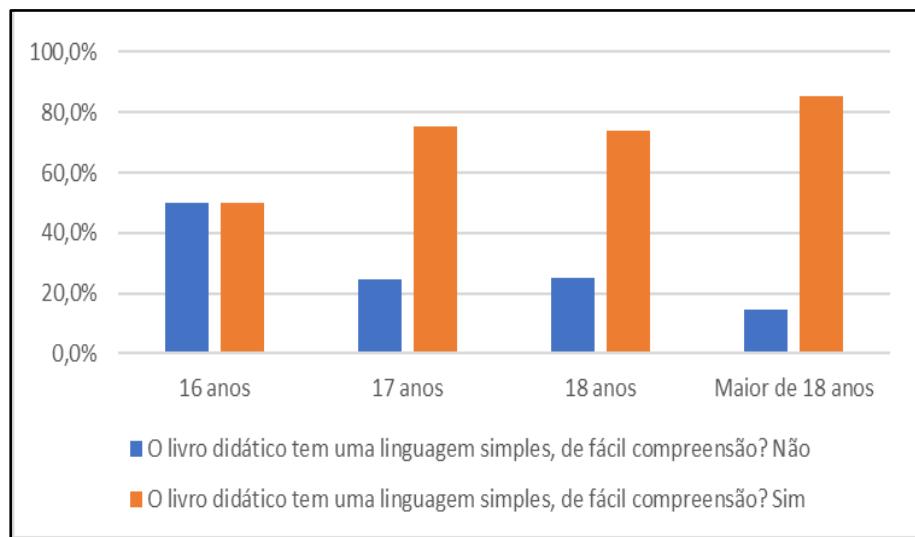
Mais que simples livros, os materiais didáticos criados para a Sociologia escolar ao longo da trajetória da componente no currículo da educação básica são importantes para conhecer os aspectos culturais, históricos, políticos e pedagógicos que permeiam suas construções. Dessa forma, perpassam o contexto escolar, trazendo elementos que esclarecem sobre as relações sociais de uma determinada época.

Os materiais que chegam às escolas fazem parte do PNLD, que é o responsável por avaliá-los, selecioná-los e distribuí-los para os estudantes nas redes de ensino públicas. No caso da Sociologia, esses livros estiveram disponíveis no edital de 2010 até 2020.

Considerando a sua relevância inclusive para a instituição da Sociologia enquanto disciplina/componente curricular, perguntamos aos(as) estudantes se o livro didático¹⁴ possui uma linguagem simples, de fácil compreensão, 76,8% responderam que sim. Numa associação com a idade, o percentual diminui em relação aos mais jovens, conforme o gráfico 16 abaixo:

¹⁴ Como a pesquisa foi realizada em 2021, o PNLD considerado foi o de 2019.

Gráfico 16 – O livro didático tem uma linguagem simples, de fácil compreensão? X Idade

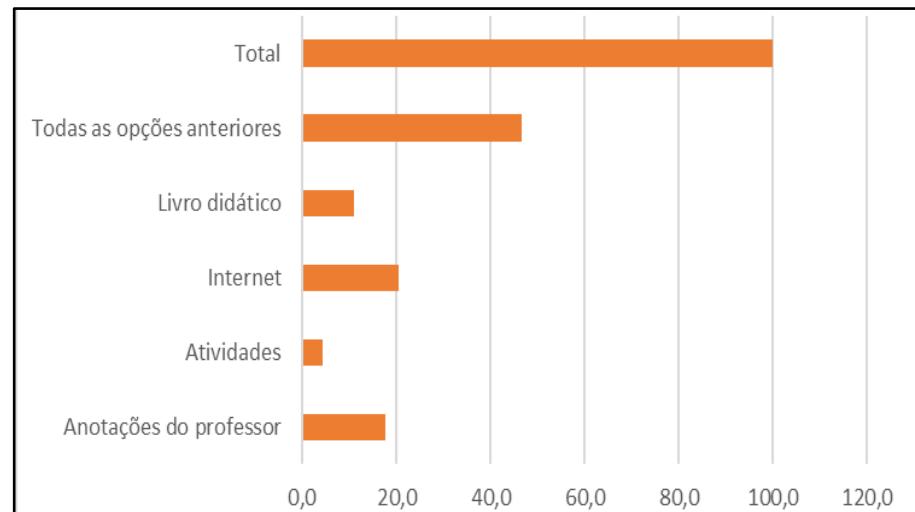


Fonte: própria autora.

Os(as) estudantes mais jovens (16 anos) diminuem esse percentual para 50%, enquanto os de 17 anos ficam com 75,2%, os de 18 anos, 73,9% e os maiores de 18 anos, 85,5%. Tendo sofrido alterações nos últimos anos, os livros didáticos contêm uma linguagem científica que se relaciona a um grupo com certa carga de conhecimento, se não sobre o conteúdo em si, ao menos de uma vivência dele.

Os números se configuram em uma aceitação desses materiais pela maioria dos(as) estudantes, embora não seja a opção mais requisitada no momento de estudo. Em relação a outros meios, o livro didático ficou com 11% da preferência nos momentos de estudo.

Gráfico 17 – Qual material prefere utilizar para estudar?



Fonte: própria autora.

Considerando se os conteúdos terem relação com o cotidiano dos(as) estudantes, 71,4% responderam que sim. Os livros de Sociologia produzidos após a inserção da componente no PNLD de 2012 apresentam um maior esforço em articular temas, conteúdos e conceitos nos campos das Ciências Sociais, atrelando-os ao cotidiano dos estudantes. Certamente, alguns fazem essa relação melhor que outros no que concerne à didática, mas o esforço se apresenta de forma expressiva até o ano de 2020, quando o PNLD, em consonância com a BNCC e as matrizes do Novo Ensino Médio, divulgou as “Obras didáticas por áreas do conhecimento e obras didáticas específicas”. Dessa forma, a Sociologia passa a compor o ensino básico, no que concerne ao material didático, em obras por área do conhecimento. Ainda recente na reconfiguração curricular das escolas, essa disposição do material didático revelará mudanças e processos adaptativos não somente na Sociologia, como em todas as componentes curriculares que se encontram na mesma situação.

4 A CARTILHA COMO FERRAMENTA DE AUXÍLIO PARA O(A) PROFESSOR(A)

Embora a produção de um material para o(a) docente estivesse sempre em mente, o mais difícil em materializar a ideia foi adequá-la a um formato específico, visto que as alterações na composição do material chegaram a sugerir alguns outros tipos de produção. Contudo, a opção pela cartilha encerrou quaisquer dúvidas quando os dados se revelaram e sugeriram algo de poucas páginas, simples estruturação, fácil acesso visual e com informações diretas. Além disso, esse formato também propõe um meio de divulgação mais rápido e que busca ser atrativo aos(as) docentes em seu trabalho.

Por apresentar esse formato atrativo e menos formal de comunicação, a cartilha vem atender a uma necessidade imediata, tal qual, em momentos de elaboração, o professor se utiliza do plano de aula. Esse material, elaborado a partir de uma realidade estudada, associa elementos verbais e não verbais, como imagens e esquemas, a fim de facilitar a socialização e o entendimento de informações que precisam ser compartilhadas entre as pessoas.

No Brasil, a cartilha se apresenta como material didático fundamental para acesso à informação dos brasileiros em diversas áreas, cuja função, ao longo da história, vincula-se à disposição de seus instrumentos linguísticos que dão ao indivíduo uma projeção objetiva de conhecimento, muitas vezes com um desenho ideológico determinado. Silva (2014) destaca que:

No Brasil, um país colonizado, as primeiras Cartas ou Cartilhas foram produzidas em Portugal, mas delas sabemos pouco, bem como dos demais materiais didáticos destinados à escolarização elementar dos brasileiros. O século XIX é a referência quando se trata de construir arquivos da perspectiva histórica (MACIEL, 2002). Segundo Mortatti (2000, p. 48), ao longo desses mais de 100 anos, a cartilha, embora sofrendo alterações de natureza didático-pedagógico, e sendo questionada pelas teorias construtivistas e interacionistas, “permaneceu até os dias atuais, assim como conservou-se intocada sua condição de imprescindível instrumento de concretização de determinado método, ou seja, da seqüência necessária de passos predeterminados para o ensino e a aprendizagem iniciais de leitura e escrita, e, em decorrência, da configuração silenciosa de determinado conteúdo de ensino, assim como de certas também silenciosas, mas efetivamente operantes, concepções de alfabetização, leitura, escrita, texto e linguagem/língua”. (SILVA, 2014, p. 13).

A partir dos anos 1990 e em um contexto de sociedade da informação e conhecimento, as cartilhas passam a figurar não somente no quadro da educação

infantil, mas servem também aos adultos como forma de instrução e divulgação científica. Além do espaço escolar, também a cartilha surge para dar voz a especialistas, cientistas, líderes políticos que, com essa ferramenta de comunicação, colocam o cidadão na posição de aprendiz, público interessado.

No que concerne à pesquisa apresentada, a produção da cartilha propõe-se a ter um(a) leitor(a) de foco: o(a) professor(a), com informações geradas pelo questionário que contemplam não somente aspectos relacionados ao dia a dia do seu trabalho, mas também do perfil dos(as) estudantes que participaram. Pensar, portanto, na perspectiva de colher informações para produzir um material para o público docente passa pelo conhecimento sobre os(as) discentes, pois é a partir do conhecimento da realidade destes(as) que o(a) professor(a) poderá construir uma abordagem que faça sentido, na qual haja identificação com o(a) estudante.

4.1 Processo de produção da cartilha: definições e elaboração do material em sua 1^a edição

Conforme mencionado anteriormente, a cartilha foi elaborada considerando o questionário aplicado aos(as) estudantes de 3^a série de Fortaleza. Com os dados coletados, o próximo passo foi a escolha das informações que poderiam compor a prévia do material informativo para os professores. Essa fase se mostrou interessante, visto que o questionário trata de diversas variáveis e estas, por sua vez, poderiam apresentar-se divergentes em relação às hipóteses a princípio formuladas. Essas variáveis são entendidas como características observáveis do fenômeno a ser estudado e existentes em todos os tipos de pesquisa, passíveis de análise de conteúdo. (TRIVIÑOS, 1987).

A partir da análise desses dados é que foram selecionados os conteúdos que compõem o material de apoio ao professor, entendendo ser essa uma ação determinada pela relevância dos dados. As informações são, portanto, reveladas à medida que os dados são interpretados, buscando outros significados intrínsecos no material. Dessa forma, o que veio a compor a primeira edição do material informativo para professores(as) partiu de verificações da relevância dos números, do cruzamento das variáveis e, portanto, da informação concreta e que dá sentido à proposta da pesquisa.

Figura 3 – Terceira etapa do percurso metodológico da pesquisa



Fonte: própria autora.

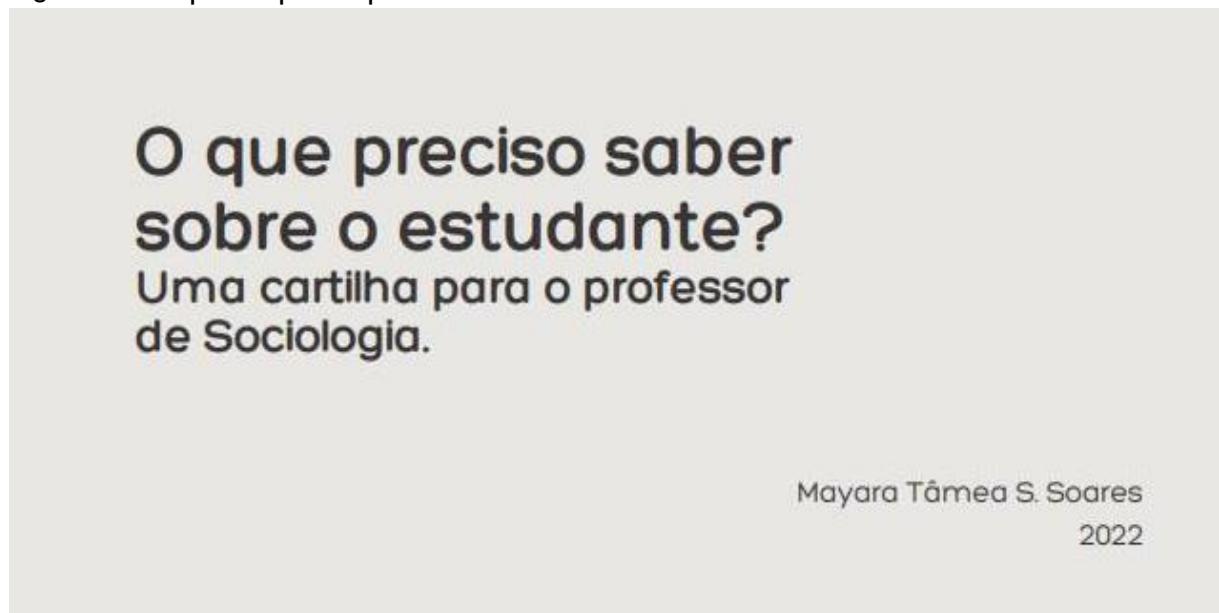
No processo de elaboração prévia da cartilha, outros elementos foram considerados: estruturação das informações, adequação da linguagem ao público leitor, consistência dos dados revelados e ajuste do *layout*. Este, por sua vez, não configurou maior preocupação nesse momento, uma vez que o material passa por uma fase de qualificação instrumental para posterior adequação visual.

Assim como o questionário precisou passar por um pré-teste com alguns estudantes, a cartilha passou pela mesma etapa de testagem com uma amostra de professores(as) a fim de validar o que foi produzido. Para tanto, o material foi encaminhado a um grupo de 20 professores(as) de Sociologia, via *email*, com as devidas apresentações e esclarecimentos. A etapa seguinte será melhor detalhada no capítulo 5, que trata da exposição metodológica das entrevistas e grupos focais.

O material prévio contém a seguinte configuração pré e pós-textual:

- CAPA:

Figura 4 – Capa do protótipo da cartilha



Fonte: própria autora.

- **FICHA TÉCNICA:**

Figura 5 – Ficha técnica do protótipo da cartilha

Ficha técnica	
Autoria e Realização	Mayara Tâmea Santos Soares
Projeto Gráfico	Mayara Tâmea Santos Soares
Revisão de Texto	Ive Marian de Carvalho Domiciano
Orientação	Prof. Doutor Domingos Sávio Abreu
1ª Edição	Fortaleza
	2022

Fonte: própria autora.

- **APRESENTAÇÃO:**

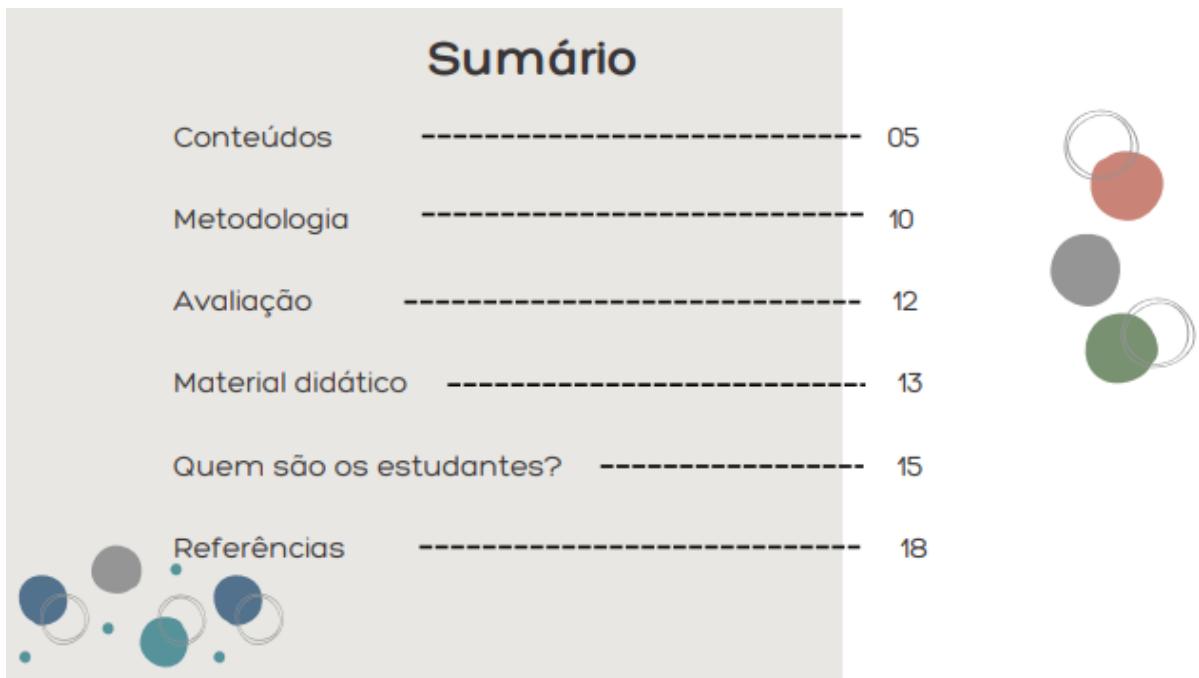
Figura 6 – Apresentação do protótipo da cartilha

Apresentação	
<p>Olá, professoras e professores!</p> <p>Esta cartilha foi elaborada com o intuito de disponibilizar à você, docente que leciona a componente curricular de Sociologia, algumas informações sobre as(os) estudantes no que concerne ao seu perfil e às suas percepções em relação à componente e, a partir dessas informações, poder contribuir para seu trabalho em sala de aula. O material é resultado de uma pesquisa realizada com estudantes de Fortaleza no ano de 2021 e se apresenta, também, como parte integrante do produto educacional intitulado Representações da Sociologia Escolar, do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, na Universidade Federal do Ceará - ProfSocio/UFC.</p> <p>Boa leitura a todas e todos!</p> <p>Mayara Tâmea Soares Mestranda do ProfSocio/UFC.</p>	

Fonte: própria autora.

- SUMÁRIO:

Figura 7 – Sumário do protótipo da cartilha



Fonte: própria autora.

- REFERÊNCIAS:

Figura 8 – Referências do protótipo da cartilha

Referências

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - Bases Legais. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

CARVALHO, Marília Pinto de. Avaliação escolar: gênero e raça. São Paulo: Papirus, 2009.

Elias, Norbert. Escritos e ensaios. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2006.

FREITAS, Geovani Jacó de. Juventude e Ensino Médio: Perspectivas da Sociologia entre conquistas e desafios. In: CIGALES, Marcelo Pinheiro. Sociologia e juventude no Ensino Médio: formação, PIBID e outras experiências. Saberes em Perspectiva, v. 4, n. 8, p. 273-279, 2014.

MEUCCI, S. Os livros didáticos da perspectiva da sociologia do conhecimento: uma proposta teórico-metodológica. Revista Brasileira de História da Educação, 2020. v. 20. Disponível em: Acesso em: 15 de fevereiro de 2022.

18

Fonte: própria autora.

Para uma apresentação didática dos conteúdos da cartilha, os elementos textuais foram divididos em tópicos: 4.1.1 *Conteúdos*; 4.1.2 *Metodologia*; 4.1.3 *Avaliação*; 4.1.4 *Material didático*; e 4.1.5 *Quem são os estudantes?*. Em alguns deles, são levantadas as variáveis em frequências simples ou cruzadas¹⁵, conforme o tipo de informação e a relação com a temática.

4.1.1 Conteúdos

Na parte seguinte da cartilha, são disponibilizados alguns dados que suscitarão informações relevantes acerca dos conteúdos de Sociologia abordados em sala de aula, como aqueles trabalhados com mais frequência, a relação com outras componentes curriculares, assuntos que poderiam causar desconforto e a associação entre a Sociologia e a influência dos conteúdos para a formação cidadã.

Figura 9 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Conteúdos I

Conteúdos

A Sociologia está encadeada no cotidiano dos indivíduos e, portanto, se faz ciência a partir de fatos sociais. Para compreendê-los a partir dessa ciência, utiliza-se de regras, princípios e orientações que dão um novo sentido a esses fenômenos, sendo comum, portanto, construir novos significados. Quando questionados se os(as) estudantes já mudaram de opinião sobre algo a partir do que aprendeu nas aulas de Sociologia, 76% disseram que sim, sendo 56,9% dessas respostas de estudantes que se identificavam com o sexo feminino.



Desses, 40,1% são de religião católica;
36,1% são de escolas regulares.

5

Fonte: própria autora.

¹⁵ A frequência simples é expressa em valores de alguma categoria de uma variável, enquanto que as frequências cruzadas trabalham com categorias de duas variáveis.

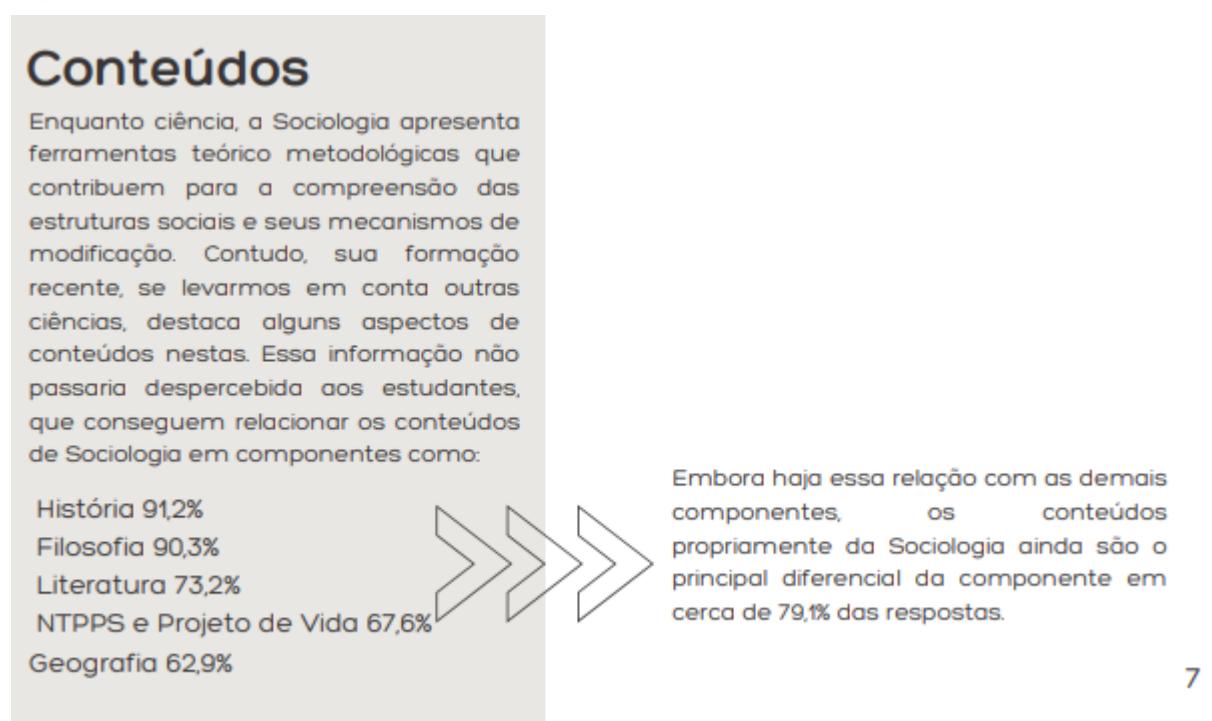
Figura 10 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Conteúdos II



6

Fonte: própria autora.

Figura 11 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Conteúdos III



7

Fonte: própria autora.

Figura 12 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Conteúdos IV



No que concerne a conteúdos que de alguma forma possam gerar desconforto às/-aos estudantes, verificamos que os temas ligados à **gênero e diversidade sexual, raça e etnia, violência e direitos humanos**, em geral (mais de 80% em todos os casos), são bem aceitos na dinâmica da sala de aula. Quando questionados sobre política, no entanto, essa porcentagem diminui para 69,6%, com destaque para os grupos pertencentes aos meninos (53,1%), evangélicos (43,2%), pardos (49,4%) e em estudantes com 17 anos (40,7%).

Quando questionados sobre se a Sociologia ajuda e entender melhor essas mesmas temáticas, a assertiva assume índices superiores a 85%, com exceção das/dos indígenas no que se refere à temática **respeito e tolerância**. Nesse caso, a porcentagem de assertiva cai para 42,9%.

8

Fonte: própria autora.

Figura 13 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Conteúdos V

Conteúdos

Conforme propunha o documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais à formação específica do campo das Ciências Sociais, esse conhecimento é fundamental para o desenvolvimento pleno do cidadão (BRASIL, 2000). Esse caráter de formação para o exercício da cidadania pela ajuda da Sociologia é revelado nas respostas dos estudantes na proporção de...

...mais de 90% em todos os gêneros, raças e religião considerados na pesquisa. Somente os que se consideram pretos concordaram em 88,1%.

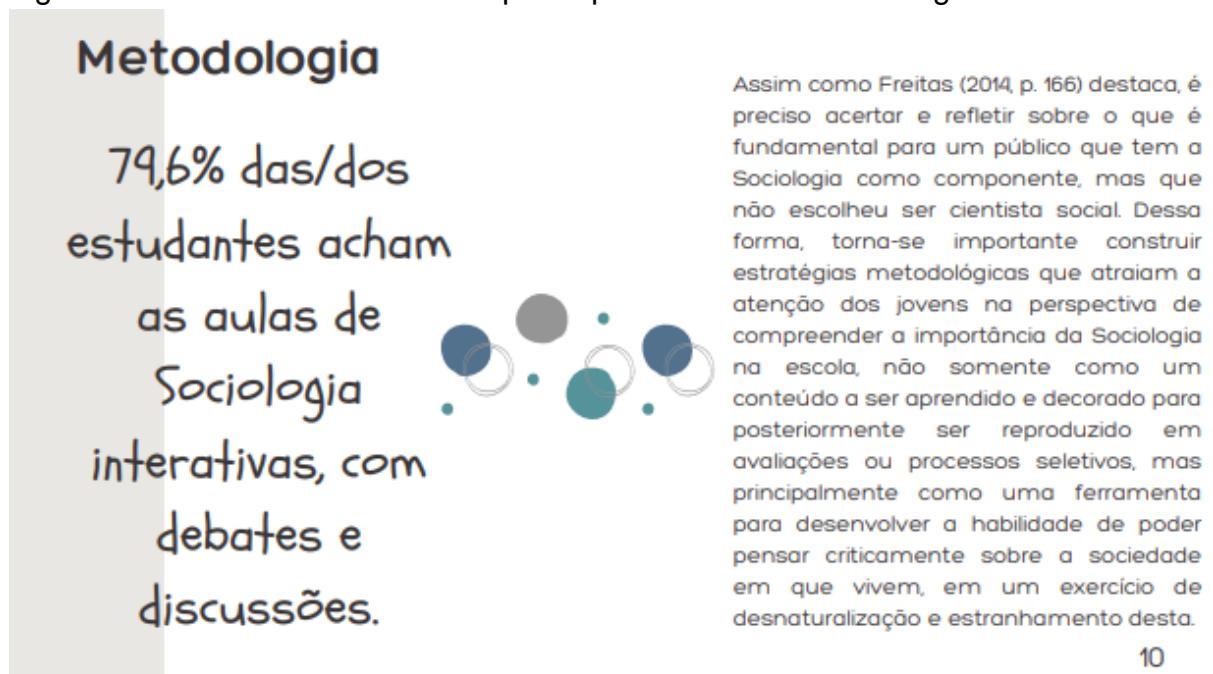
9

Fonte: própria autora.

4.1.2 Metodologia

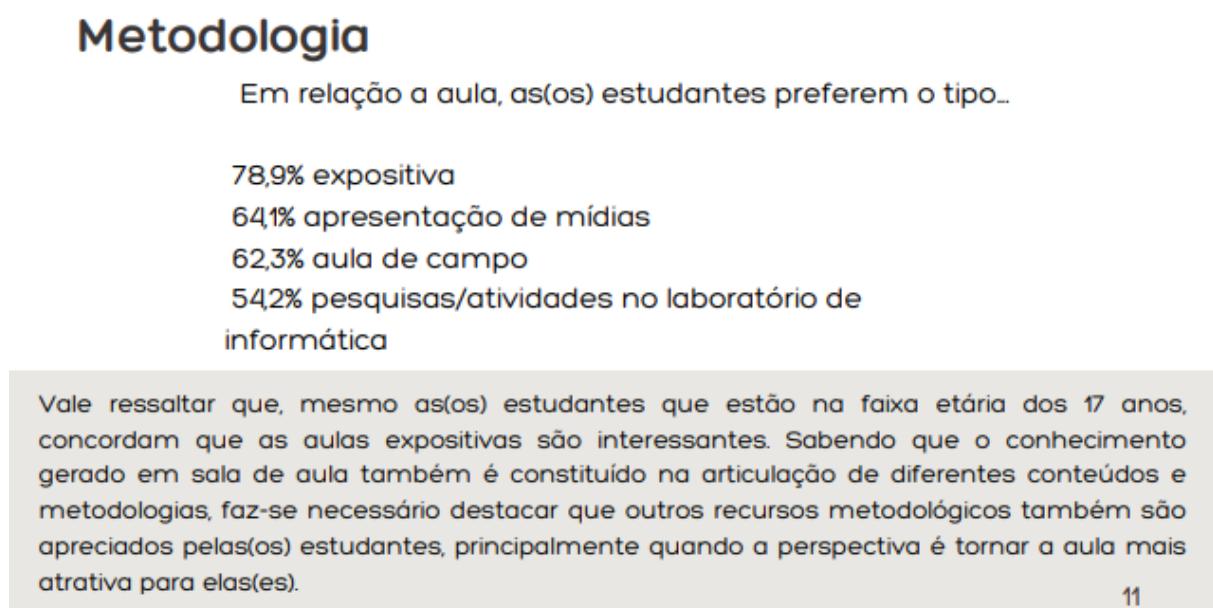
No tópico sobre metodologia, as informações destacadas remetem às impressões dos(as) estudantes em relação às aulas da componente e preferências por técnicas utilizadas.

Figura 14 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Metodologia I



Fonte: própria autora.

Figura 15 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Metodologia II

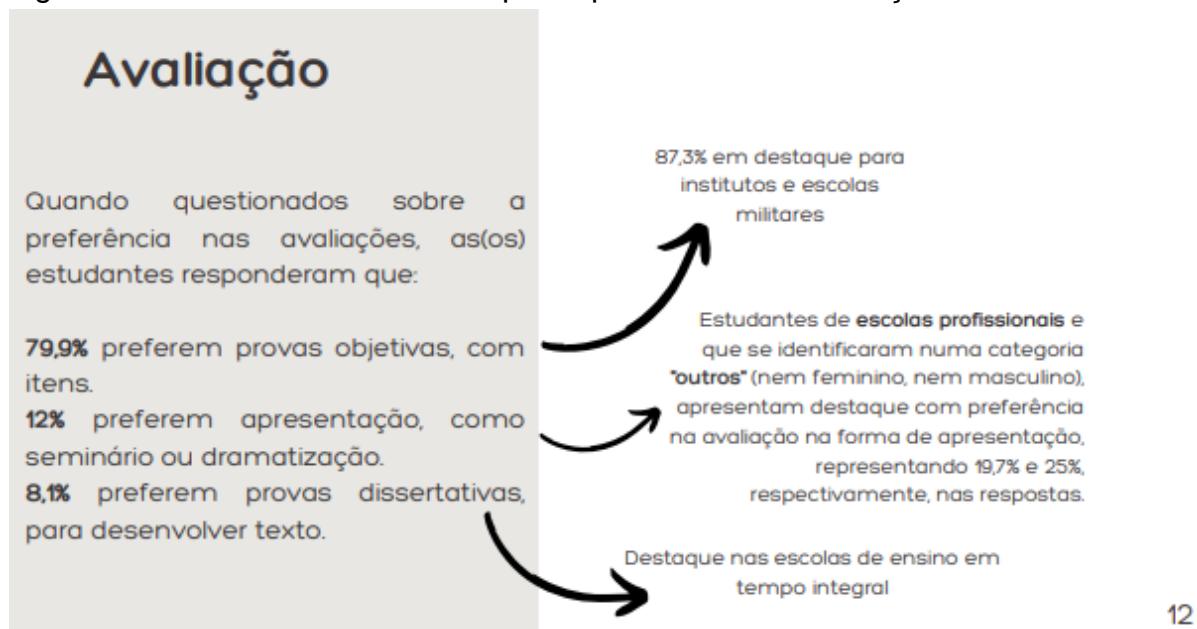


Fonte: própria autora.

4.1.3 Avaliação

Como elemento importante para compreender as percepções da Sociologia pelos(as) estudantes, a avaliação escolar é situada no material elaborado com base também nos perfis que demonstraram maior relevância, como tipo de escola e gênero. Embora todo o questionário tenha sido aplicado na perspectiva da Sociologia, não é possível afirmar, de fato, que os(as) estudantes tenham respondido somente no que se refere à componente. Há possibilidade, portanto, de haver respostas sobre a preferência no tipo de avaliação de forma geral.

Figura 16 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Avaliação



Fonte: própria autora.

4.1.4 Material didático

No que concerne ao material didático, os itens abordados no questionário se referem ao nível de compreensão, proximidade com a realidade dos(as) discentes e aplicabilidade nos momentos de planejamento. À época da pesquisa, a Sociologia ainda apresentava livros específicos, o que veio a sofrer alteração a partir de 2022 com a introdução de exemplares por área, conforme novas orientações curriculares nacionais e distribuição do PNLD.

Figura 17 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Material didático I

Material didático

Os livros didáticos podem ser pensados como reflexo da vida cultural e intelectual de uma sociedade (MEUCCI, 2020), e isso explica o porquê de sua relevância estar para além da realidade escolar. Contemplada pela primeira vez no PNLD em 2011, a Sociologia contava com alguns poucos exemplares e várias modificações a serem consideradas. Atualmente, há uma diversidade de opções de materiais e configurações sociais (ELIAS, 2006), que permitem trabalhar cada vez mais com uma linguagem acessível e relevante para os estudantes.

76% das(dos) estudantes acham que o livro didático tem linguagem simples, de fácil compreensão.



13

Fonte: própria autora.

Figura 18 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Material didático II

Material didático



Embora o livro didático tenha boa aceitação pelas(os) estudantes, apenas 11% se utilizam desse recurso nos momentos de estudo. Outras fontes são listadas na seguinte ordem:

Internet	20,4%
Anotações do professor	17,7%
Atividades	4,3%
Todas as opções	46,5%

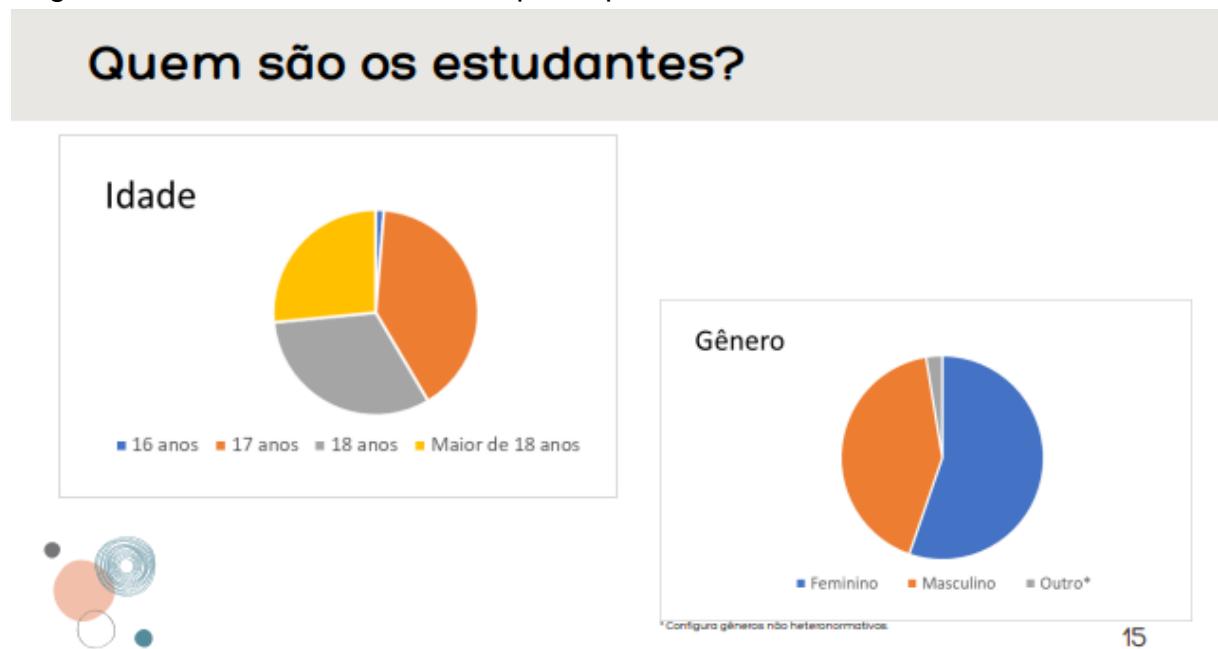
14

Fonte: própria autora.

4.1.5 Quem são os estudantes?

Os dados a seguir compõem uma parte relevante da pesquisa, pois ajudam a compreender mais sobre o alunato, auxiliando ao traçar não somente perfis destes, como também ao cruzar os dados e considerar informações mais significativas.

Figura 19 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Quem são os estudantes I?



Fonte: própria autora.

Figura 20 – Elementos textuais do protótipo da cartilha: Quem são os estudantes II?



Fonte: própria autora.

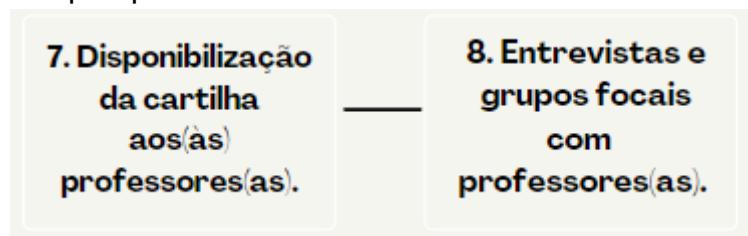
5 VALIDAÇÃO DA CARTILHA PELO(A) DOCENTE

Reunir professores(as) de diferentes escolas não é uma tarefa fácil. Vários empecilhos fizeram com que se impusesse a necessidade de trocar locais de entrevista ou até mesmo o(a) próprio(a) professor(a) quando este(a) não conseguia encaixar um horário disponível na sua semana atribulada. Essas tribulações fazem parte do processo de pesquisa e é sobretudo por causa delas que reavaliamos rotas e traçamos novas estratégias. Adiante, detalharemos a fase da pesquisa em que os(as) protagonistas são os(as) docentes.

5.1 A abordagem metodológica

Essa fase teve como objetivo inferir sobre a validade e a qualidade da cartilha a fim de verificar aspectos do potencial do material e a confiabilidade de sua utilização pelos(as) docentes. Para isso, foram realizadas duas técnicas de coleta de dados com esse público: entrevistas e grupos focais. A necessidade de trabalhar com duas propostas diferentes se deu pela intenção de validar o que é produzido com o público interessado e, nesse aspecto, as técnicas se combinam para dar sentido aos objetivos da pesquisa. (GOMES, 2020).

Figura 21 – Quarta etapa do percurso metodológico da pesquisa



Fonte: própria autora.

As entrevistas assumem um caráter muito relevante, pois conseguem captar aspectos do objeto de pesquisa que podem não estar claros ao(à) pesquisador(a). (CAMPENHOUDT; QUIVY, 1998). Em pesquisa qualitativa, essa técnica pode contribuir na compreensão de universos sociais específicos, dando um caráter de maior profundidade àquilo que se propõe analisar. Vale ressaltar que é uma ferramenta já utilizada anteriormente na pesquisa, quando foram realizadas entrevistas com estudantes no pré-teste do questionário.

Como em Ciências Sociais as estratégias metodológicas de pesquisa se complementam na tentativa de oferecer um maior arcabouço de informação ao pesquisador, também utilizamos a técnica de grupo focal. Pelo fato de ter colegas de profissão participando, a perspectiva era promover a discussão orientada, estimulando a participação, pois “[...] o grupo focal é um ambiente mais natural e holístico em que os participantes levam em consideração os pontos de vista dos outros na formulação de suas respostas e comentam suas próprias experiências e as dos outros.” (GASKELL, 2003, p. 76).

Na análise dos dados coletados com o questionário, a intenção se voltava para aspectos comuns das representações dos(as) estudantes. Havia, portanto, o pressuposto de que eles(as) tivessem esses referenciais comuns, mesmo com diferenças de idade, de sexo, tipos de escola e outras variáveis. No caso da validação da cartilha pelos(as) professores(as), também houve intenção de verificar aspectos comuns, mas também as divergências, principalmente porque nesta etapa participaram docentes com outras formações que não somente a de Sociologia ou Ciências Sociais, conforme verificamos na tabela 3.

Tabela 3 – Perfil dos(as) docentes que participaram da avaliação da cartilha

	GÊNERO	IDADE	ESCOLA	FORMAÇÃO
ENTREVISTAS	Feminino	32 anos	EEEP	Licenciatura em Sociologia e mestranda em Ensino de Sociologia
	Masculino	57 anos	EEMTI	Licenciatura, bacharelado e mestrado em História, e doutorando em Educação
	Feminino	39 anos	EEM	Licenciatura em Sociologia e mestranda em Ensino de Sociologia
GRUPO FOCAL 1	Masculino	56 anos	EEMTI	Licenciatura e mestrado em Filosofia
	Feminino	44 anos	EEMTI	Licenciatura em Ciências Sociais
	Masculino	43 anos	EEEP	Bacharelado e licenciatura em Filosofia, e mestrado em Humanidades
	Feminino	27 anos	EEM	Licenciatura em Ciências Sociais e mestranda em Ensino de Sociologia
	Masculino	32 anos	EEMTI	Bacharel em Ciências Sociais, mestrado em Sociologia e doutorando em Sociologia
GRUPO FOCAL 2	Feminino	58 anos	CEJA	Licenciatura em Pedagogia e Letras
	Masculino	38 anos	EEM	Licenciatura em História
	Masculino	29 anos	EEM	Licenciatura em História
	Feminino	29 anos	EEM	Licenciatura em Geografia
	Feminino	40 anos	EEEP	Licenciatura e bacharelado em Humanidades

Fonte: entrevistas e grupos focais com professores(as).

A escolha por inserir professores com diferentes formações se deu, principalmente, por entender que o material produzido nesta pesquisa pode atender a qualquer um que esteja lecionando a Sociologia escolar, pois temos números que comprovam essa diversidade de docentes com outras formações lecionando a componente em questão. Dessa forma, a opinião deste *outsider* acadêmico em Sociologia é tão importante quanto a do professor da componente com formação específica.

O material, disponibilizado via *email* e via *whatsapp* dos(as) professores(as) procurados¹⁶, compunha o protótipo da cartilha, contemplando aspectos relevantes a partir dos dados coletados no questionário anteriormente exposto. Uma vez enviado, os(as) docentes foram divididos em três grupos: entrevistas (individuais), grupo focal 1 e grupo focal 2. Ao todo, foram três entrevistas e dois grupos focais, com cinco participantes cada.

Para auxiliar na condução dos dois momentos, elaboramos um modelo de questionário com perguntas sobre aspectos ligados aos objetivos, conteúdo, *layout* e motivação de leitura da cartilha, além de sugestões. A importância de haver um material semiestruturado se fundamenta na proposta de apresentar aos entrevistados, seja nos momentos individuais ou em grupo, aspectos que posteriormente possam ser utilizados no melhoramento do produto educativo, sem que se fuja da proposta.

As entrevistas aconteceram em dias diferentes, anteriormente aos grupos focais. A pretensão era realizá-las somente presencialmente, mas as adversidades muitas vezes apresentadas pelos professores impunham mudanças no roteiro e, por isso, uma das entrevistas ocorreu de forma virtual. As outras duas ocorreram na escola em que cada um leciona, em dia de planejamento da área ou em uma janela (espaço de tempo em que o professor não tem aula nem outra atividade na escola).

No que concerne aos grupos focais, o primeiro foi realizado em uma escola com dois professores participantes, numa manhã de quarta-feira, também dia de planejamento de área e, como contava com professores de outras unidades, a escolha foi por uma localidade central. No segundo grupo focal, a opção foi por realizar o momento com uma turma do ProfSocio mais recente, uma vez que são professores de Sociologia, formados ou não na área específica. O momento foi oportunizado em

¹⁶ A escolha dos(as) professores(as) se deu a partir de indicações de colegas de formação na SEDUC ou no mestrado.

um período de uma das aulas presenciais.

A fim de ter um melhor aproveitamento dos comentários dos(as) professores(as), elencamos primeiramente as respostas das entrevistas e dos dois grupos focais. O resultado da análise desses materiais configurou a definição de abordagem por tópicos convergentes e divergentes, além das sugestões à cartilha, que, ao final, apresentou um novo formato.

5.2 Os aspectos positivos da cartilha

O estudo do material coletado nas entrevistas e nos grupos focais destaca, no que concerne aos aspectos positivos, algumas semelhanças, como: a) a objetividade do material; b) a relevância das informações divulgadas; e c) a utilidade dos aspectos socioeconômicos dos estudantes. As percepções do primeiro aspecto podem ser destacadas na fala dos entrevistados:

Eu achei interessante o material para pensar a própria Sociologia, como eles observam a Sociologia. O ponto que fala sobre isso, eu achei legal também... Para o profissional pensar o que ficou para o estudante de tudo o que ele viu em sala de aula, do discurso do professor. (Professora de EEEP, 32 anos, com formação em Ciências Sociais).

Ela [cartilha] é boa de ler porque tem gráficos, textos curtos, estatísticas. (Professor de EEMTI, 52 anos, formação em História).

[...] pelos dados estatísticos a gente consegue identificar rapidamente a informação. Então, pra gente que trabalha, tem uma rotina acelerada, eu acho que a cartilha, ela ajuda pra gente conseguir adequar nosso tempo. (Professora de EEM, 27 anos, formação em Ciências Sociais).

Conforme exposto, a proposta da cartilha teve uma boa receptividade entre os(as) professores(as), ainda que não represente um formato comum para eles(as). Sobre isso, uma das entrevistadas ressalta a questão quando comenta:

No Ensino Médio, não é comum usar cartilha. Conheço bem as cartilhas, mas não as destinadas para ensino médio. Eu já tive bastante contato com cartilhas porque já fui professora da educação infantil, cursos sequenciais. Não deixa de ser um formato interessante, né? (Professora de CEJA, 58 anos, formação em Pedagogia e Letras).

De fato, dos materiais produzidos para auxílio aos professores do ensino médio na rede estadual do Ceará, o formato da cartilha é o menos frequente, quando

não são veiculadas para esclarecer algum programa ou instruções de acesso a plataformas e outros assuntos pontuais. Esses materiais atuam como ferramentas informativas e podem atuar como ferramenta de educação no ambiente escolar, uma vez que permitem o direito à comunicação, além de auxiliar em algumas práticas também escolares. Para tanto, precisam seguir uma estrutura adequada, com linguagem apropriada e organização das informações. Nesse quesito, os(as) entrevistados(as) responderam que:

Eles [dados da cartilha] estão comprehensíveis, trazem alguns destaque para chamar atenção para um determinado ponto. Vêm em locais importantes, de acordo com o contexto. (Professora de EEEP, 32 anos, formação em Ciências Sociais).

A exposição está adequada. A forma como foi construído tanto os dados estatísticos quanto os textos ficaram adequados para a cartilha, para a proposta que ela traz. (Professora de EEM, 39 anos, formação em Ciências Sociais).

Dispostos em quatro grandes categorias (conteúdo, metodologia, avaliação e material didático), os dados buscam atrelar informações com as quais o(a) professor(a) possa refletir e, caso haja convergência à sua realidade, repensar sua prática. Dessa forma, a cartilha desempenharia não somente a função de divulgar informações, mas também possibilitaria ao(à) docente readequar alguma aula ou abordagem utilizada com seus(suas) estudantes. A partir disso, conseguimos verificar informações que, de alguma forma, pudessem ser úteis aos(as) professores(as). A fala de uma das entrevistadas atesta essa intenção quando fala:

Vou pegar aqui de uma temática que eu tenho muito interesse em trabalhar com meus alunos e já desenvolvo, inclusive, um projeto também para a pós-graduação que é a temática do meio ambiente. E, assim, um dos objetivos da minha pesquisa no início era trabalhar esse conteúdo porque eu via ele ser abordado constantemente, e eu sabia já dessa dificuldade porque ele acabava entrando dentro de outros componentes curriculares, como a biologia, a própria geografia associam muito. Aí, quando eu peguei os dados da cartilha, eu vi que os números são mais desafiadores, porque a questão da temática sociedade e meio ambiente ela aparece [na cartilha] como o último conteúdo trabalhado. Então, é o conteúdo que não é prioridade dos colegas. Sendo que, para a Sociologia contemporânea, trabalhar Sociedade e meio Ambiente é uma urgência, uma necessidade. (Professora de EEM, 39 anos, formação em Ciências Sociais).

A mesma entrevistada comenta adiante sobre a relevância desse tema e os indicativos apontados na pesquisa:

O que eu acho mais importante é quando a gente pega o gráfico sobre “o que elas(eles) dizem que o professor aborda com mais frequência”. Quando a gente vê que dos conteúdos, o de sustentabilidade, o percentual de professores que trabalham com esse tema é muito pequeno e, a gente olhando a sociedade, percebe que é muito importante pensar nas questões socioambientais, porquê dessas questões, a gente vai trabalhar política, economia, com a socialização, com a questão de políticas públicas. Então, eu não consigo, dentro da minha prática pedagógica, ignorar esse tema, porque eu penso que ele está correlacionado às coisas mais importantes da vida social. (Professora de EEM, 39 anos, formação em Ciências Sociais).

Para demonstrar como algumas variáveis se apresentam em relação aos perfis de estudantes, fez-se necessário cruzá-los. Dessa forma, além de revelar dados, ainda foi possível conhecer um pouco do grupo dos(as) estudantes que responderam ao questionário com informações relacionadas a idade, gênero, etnia, religião, frequência a encontros religiosos, tipo de escola, turno e se é ou não cadastrado no Bolsa Família. Obter e se utilizar desse tipo de informação, contudo, já é uma prática para alguns(mas) professores(as), como relata a professora sobre o Conselho de Classe:

É um pouco complicado porque a escola que trabalho tem quase 1.800 estudantes, então, é uma escola grande. E aí, você tem salas com 45 estudantes. É complicado. Por isso que eu gosto de participar do período do Conselho [de classe], para eu saber porque aquele estudante está faltando. Aí eu acabo descobrindo que ele não tinha o dinheiro da passagem ou aquele estudante tem alguma deficiência. Agora estamos recebendo estudantes com sensibilidade sonora, pessoas com espectro autista, estudantes que estão reivindicando nome social. Todas essas informações eu consigo ter acesso participando do Conselho Escolar, até porque são três coordenadores. Então, é humanamente complicado dar conta de uma escola e de todas as deficiências, principalmente agora, com demanda de psicólogos etc. Então, eu acho relevante para entender mais ou menos até onde eu posso ir, porque está faltando conversar, ver com o colega e tal. (Professora de EEM, 27 anos, formação em Ciências Sociais).

Pode acontecer desse momento de Conselho de Classe ser somente no final do ano, quando as informações acerca da realidade dos estudantes chegam atrasadas, ou seja, quando restam poucas opções ao(à) professor(a):

Uma das coisas que eu reclamo aqui na escola que trabalho é que não temos acesso às informações. Termina o ano letivo e é só aí que temos a informação que um determinado aluno tem uma deficiência, algum problema familiar. Eu soube esses dias que duas alunas minhas são vítimas de estupro pelo padrasto em casa. E aí a minha forma de ver essas meninas é totalmente diferente. Elas viviam caladas, isoladas em sala de aula e eu não entendia. Agora eu entendo a situação delas. Às vezes temos acesso a essas informações pelos próprios alunos. (Professor de EEMTI, 56 anos, formação em filosofia).

Outra oportunidade mencionada por outros(as) professores(as) sobre quando há acesso aos dados socioeconômicos dos estudantes é através do Projeto Diretor de Turma¹⁷.

Nas escolas profissionais, existe o professor diretor de turma que tem acesso aos dados dos estudantes e que é apresentado nas reuniões que acontecem em diferentes ritmos dependendo da escola. Então, o professor diretor de turma tem essa vantagem de acompanhar o aluno desde a primeira série. Eu já fui diretor de turma três vezes. É só trabalho, mas é justamente aí que tem os dados e você começa a perceber as deficiências e necessidades dos estudantes, da turma, desde o local onde mora, porque mora longe, porque não tem comida. Então, esses dados são importantes. Se realmente forem lidos, da forma como é para ser, para além dos números. Não tratar só como números, como uma planilha de excel. É para entender para além do que tem escrito. (Professor de EEEP, 43 anos, formação em Filosofia).

Essa compreensão para além dos números descrita na fala do professor nos remete à sensibilidade com que os dados acerca dos(as) estudantes, suas informações de vida, são fundamentais na elaboração e na abordagem dos conteúdos nas aulas de Sociologia, bem como da sua conduta em sala. As condicionantes socioeconômicas influenciam no aprendizado, nos comportamentos e na vida escolar em uma proporção diferente a depender de cada realidade. Há, portanto, necessidade de que se tenha sensibilidade na compreensão dessas informações pelos(as) professores(as), o que não significa ser um trabalho simples.

5.3 Impressões que divergem

Algumas informações contidas na cartilha demonstraram situações de surpresa por parte dos(as) entrevistados(as). Tais surpresas se expressam nos resultados levantados com os(as) estudantes que fogem à percepção de alguns professores(as), desde aspectos do material didático, da metodologia das aulas e até das avaliações.

¹⁷ Vigente desde 2008 nas escolas estaduais do CE, o projeto propõe que o professor, independentemente de sua área de conhecimento, responsabilize-se por uma determinada turma, cabendo-lhe conhecer os estudantes individualmente, para atendê-los em suas necessidades. Além disso, são atribuições do professor diretor de turma (PDT) a mediação das relações entre a sua turma e os demais segmentos da comunidade escolar, bem como o trabalho de formação cidadã e desenvolvimento de competências socioemocionais junto aos seus estudantes.

Eu achei curioso aqui o resultado sobre material didático. Aqui bem grande diz que 76% dos estudantes acham o livro didático com linguagem simples e de fácil compreensão, mas, quando a gente vai para a prática, eles não conseguem interpretar um parágrafo. (Professor de EEMTI, 32 anos, formação em Ciências Sociais).

Sabe uma coisa que me chamou a atenção? Foi a questão da metodologia onde diz que os estudantes preferem aulas expositivas. Assim...eu fiquei surpreso. Mas faz sentido porque tanto nas aulas de Sociologia como nas de Filosofia e História, tem a facilidade de expor. Eu gosto de dar aula com o livro e Filosofia e Sociologia trabalham com conceitos e procuro sempre trazer a realidade dos alunos, do entorno da escola, com a namorada, com o namorado, a família. (Professor de EEMTI, 56 anos, formação em Filosofia).

Nesse aspecto metodológico, a surpresa pelo destaque dado às aulas expositivas pelos(as) estudantes encontra um ensaio de explicação por um professor:

É porque a gente acha que é um tipo de aula desgastada, ainda mais numa aula de 50 min, onde mal dá pra passar o conteúdo. A gente acha que isso pode desgastar. Se a gente usa material extra, toma aula de outro professor, então, recorro à aula expositiva pra poder conseguir dar minha aula. Mas uso outros recursos. (Professor de EEM, 38 anos, formação em História).

Os dados relativos à avaliação escolar também apresentaram surpresa, uma vez que apontaram preferência dos(as) estudantes por avaliações do tipo objetivas.

Também vi sobre a questão das avaliações objetivas, que eles preferem. Muito estranho pensar que eles gostem desse tipo de avaliação, porque tinha opções como dramatizações e a gente acha que eles sempre vão preferir formas mais teatrais. Isso muito pelo tipo de conteúdo, não porque seja sempre essa preferência. Bom, isso é o que penso. (Professor de EEM, 29 anos, formação em História).

Outros tipos de avaliação puxam mais pela subjetividade, interpretação deles. Uma minoria gosta mais nesse aspecto. (Professora de EEM, 29 anos, formação em Geografia).

Um ponto a considerar nos dados apresentados pela cartilha é o fato de que os(as) professores(as) não encontraram semelhanças em todas as suas realidades de trabalho, ou seja, alguns não confirmavam determinados resultados. Embora não seja o propósito da cartilha apresentar um retrato fiel das percepções dos(as) estudantes, visto que trabalhamos com um grupo somente, o material pode, de fato, não corresponder a outras realidades conforme apontaram vários(as) professores(as) entrevistados(as).

[...] eu achei um instrumento importante de situar não tão somente o educador que está responsável pela disciplina de Sociologia na sala, mas também no sentido de a gente ter um parâmetro. Em vários momentos eu pensei: “É, isso bateu. Realmente quando eu falo de fato social acontece isso. Vai mais para a realidade deles.”. Entretanto, quando a gente vai para outras questões, foge né? (Professora de EEMTI, 44 anos, formação em Ciências Sociais).

Quando a professora comenta que “outras questões fogem”, ela se refere a não coincidirem os dados da cartilha com uma determinada realidade, e isso pode acontecer dentro de uma mesma escola, com turmas diferentes, conforme aponta o professor:

No perfil socioeconômico, às vezes a gente vê uma variação muito grande entre as escolas do próprio estado. Em uma escola que trabalha, eles preferem sim aulas mais expositivas, mas, em outra escola que trabalha, eles não preferem de jeito nenhum. Mesmo sendo vídeo, debate, eles não querem. Por eles, o professor poderia ficar sentado e eles só conversando. Eu percebo essa realidade nessas duas escolas que dou aula. Então, esses dados aqui [cartilha] fazem sentido dentro de um contexto, em certa medida, até restrito. (Professor de EEMTI, 32 anos, formação em Ciências Sociais).

Há de se destacar que essa divergência nas informações da cartilha e a realidade de alguns(mas) professores(as) faz parte de uma pesquisa como a elaborada aqui, na qual os dados são influenciados pelo grupo pesquisado, além do momento/periodo em que foram coletados. Conforme lembra Nadir Zago, “Uma pesquisa sociológica numa perspectiva qualitativa deve possibilitar a compreensão dessa realidade heterogênea, contraditória, sem cair em determinismos sociologizantes ou psicologizantes”. (ZAGO, 2011, p. 291).

Dessa forma, constatamos que, quanto aos aspectos de impressões que divergem, os(as) professores(as) apreendem os dados, mas os qualificam de acordo com sua realidade. Esse exercício ajuda na reflexão de como as informações podem ser aproveitadas pelo(a) docente e o quanto as variáveis socioeconômicas são importantes nessa construção.

5.4 Aspectos negativos da cartilha

Para um material que se propõe a informar o(a) professor(a) acerca das percepções da Sociologia pelos(as) discentes e, de alguma forma, poder contribuir no seu planejamento de aula, a cartilha proposta foi previamente elaborada em um formato simples, sem qualquer conhecimento de design gráfico e isso, certamente,

não passou despercebido pelos(as) entrevistados(as). Os relatos negativos no material estavam principalmente nesse aspecto visual, como destacam os(as) professores(as) quando são perguntados(as) sobre se a apresentação da cartilha está atrativa e bem organizada:

Ela está. Eu faria algumas pequenas alterações porque, em algumas partes, são bem específicas... as setinhas estão meio bagunçadas. Todas essas porcentagens confundem. (Professora de EEEP, 32 anos, formação em Ciências Sociais).

Merecia um melhor trabalho. Talvez o formato, a disposição dos dados. (Professor de EEMTI, 57 anos, formação em História).

Se puder acrescentar mais cores, seria interessante diversificar. Tem muito azul pq isso remete ao universo masculino. (Professora de EEMTI, 44 anos, formação em Ciências Sociais).

As limitações do material acabam sendo uma oportunidade de verificar como os(as) professores o enxergam, bem como auxiliam na reestruturação da cartilha. Em alguns momentos, os(as) entrevistados(as) não entenderam a proposta do material, confundindo sua finalidade como para o(a) estudante. Nos momentos em que essa “confusão” era revelada nas falas, fazia parte do papel da entrevistadora trazer a discussão para o foco e lembrar a quem seria destinada a cartilha.

No que concerne à variação dos conteúdos também houve ponderações breves no sentido de que atendiam parcialmente ou que

[Os conteúdos da cartilha] atendem bem no geral. Porque os temas são gerais, então, contempla outros assuntos. Mas deixa a desejar quando pensamos que poderia explorar mais assuntos específicos. (Professor de EEM, 38 anos, formação em História).

As observações dos professores em sentido negativo sobre a cartilha tiveram, em realidade, mais aspectos a considerar, muitas vezes em caráter de sugestão, tanto que reservamos um capítulo específico para essas observações e, a partir delas, a reformulação da cartilha.

6 A REESTRUTURAÇÃO DA CARTILHA A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DOS(AS) PROFESSORES(AS)

Embora essa fase de análise das informações já tenha sido iniciada no capítulo anterior, reservamos um espaço com as informações mais relevantes para os ajustes na cartilha.

Figura 22 – Quinta etapa
do percurso metodológico
da pesquisa

9. Análise das contribuições e ajustes na cartilha

Fonte: própria autora.

Mais que pontos positivos, negativos e aspectos divergentes das impressões dos(as) entrevistados(as), a experiência com eles(elas) também revelou sugestões objetivas de alterações, o que acabou suscitando a abertura de um espaço específico para que possamos compreender o que os(as) profissionais poderiam acrescentar ao material. Nas falas, vários foram os pontos levantados, como sobre a aparência da cartilha.

Tenta mudar a paleta de cores, criando um padrão para facilitar a leitura. (Professora de CEJA, 58 anos, formação em Pedagogia).

Os mapas conceituais estão bacanas, as setas. Gosto das escalas, nos percentuais, do maior para o menor. Só acho que você poderia diminuir os textos em cada página, reduzir os textos e deixar destaque para os dados. Investir em design gráfico, incluir ícones. (Professor de EEM, 38 anos, formação em História).

Tenta colocar figuras, mas com cuidado para não poluir a página. Fazer umas caixas de texto também para organizar mais visualmente. (Professora de EEM, 29 anos, formação em Geografia).

Houve também sugestão quanto aos conteúdos, ao acréscimo de dados.

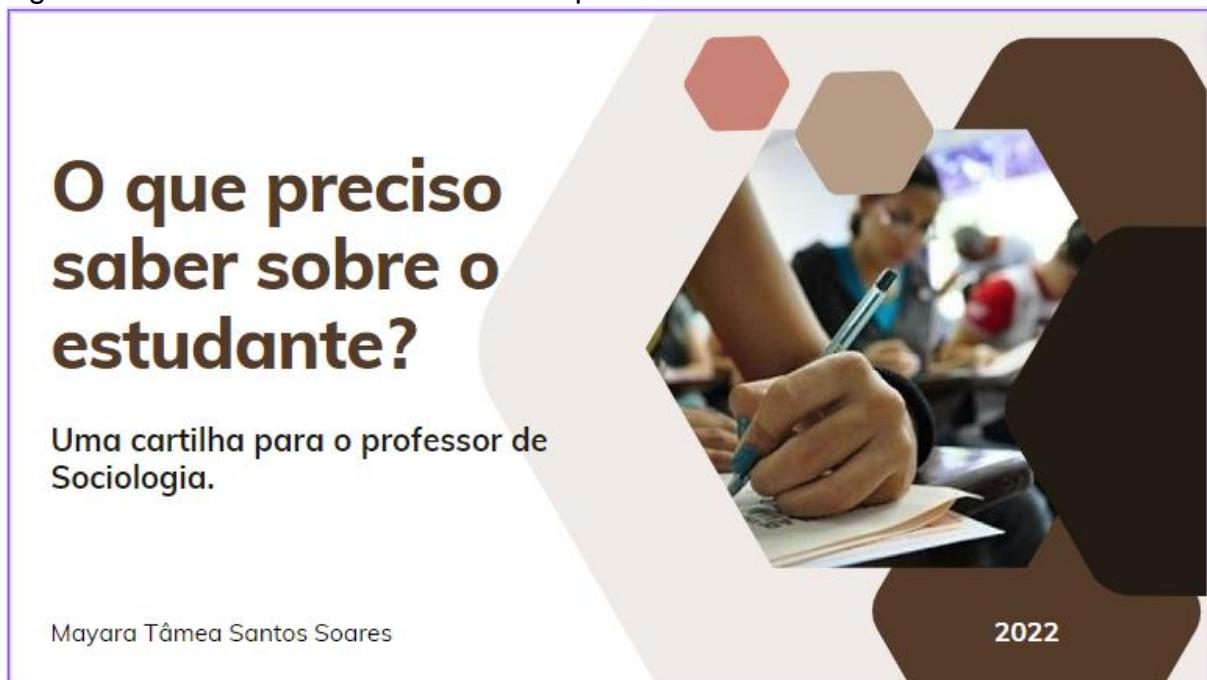
Eu acho que você poderia incluir mais dados estatísticos sobre o perfil dos estudantes. Não só idade, mas poderia fazer comparações, qual a pirâmide

etária, perfil de moradia. Uma coisa que seria muito interessante entrar seria quais as disposições socioculturais deles, o que eles consomem culturalmente, o que assistem. Talvez, esses dados, numa pesquisa com estudantes, fosse bacana e o que não tivesse poderia achar pelo IBGE, IPEA. Puxar dados de outras fontes. Então, daria uma ampliada. (Professora de EEEP, 40 anos, formação em Humanidades).

Essa seria uma sugestão interessante, não fosse o fato desse tipo de dado não estar no questionário. Dessa forma, nem todas as ponderações dos(as) professores(as) puderam ser colocadas em prática. Contudo, não impossibilita que sejam consideradas para uma futura pesquisa.

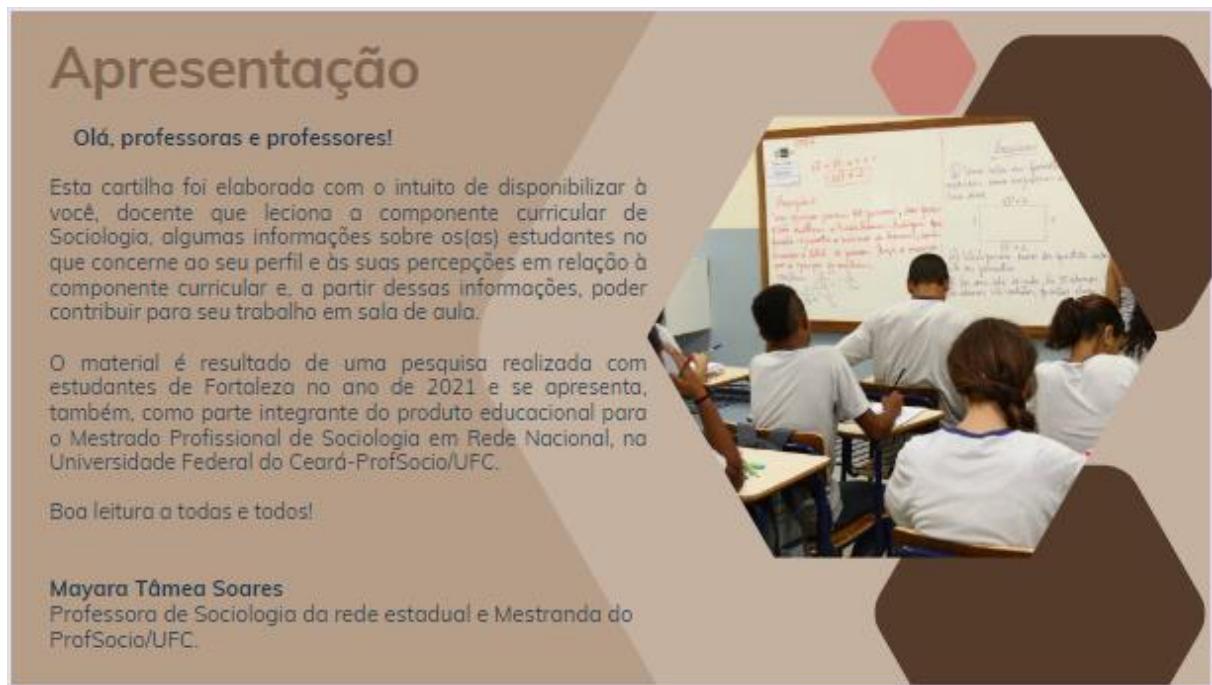
A experiência possibilitou, inicialmente, a integração da pesquisadora com os(as) docentes, visto que são peça fundamental para reestruturar o produto da pesquisa. Todos os envolvidos foram sujeitos ativos no processo de produção do material e na obtenção de conhecimento, o que possibilitou o aprofundamento na temática de elaboração de um material educativo. Em segundo lugar, pudemos também construir uma cartilha que atendesse minimamente aos requisitos do público para o qual foi elaborada. Dessa forma, com todas as contribuições então elencadas, a cartilha ganhou novo formato:

Figura 23 – Formato final da cartilha: Capa



Fonte: própria autora.

Figura 24 – Formato final da cartilha: Apresentação



Fonte: própria autora.

Figura 25 – Formato final da cartilha: Ficha técnica



Fonte: própria autora.

Figura 26 – Formato final da cartilha: Sumário I

Sumário	
Quem são os estudantes?	06
Gráfico percentual de alunos por idade	07
Gráfico percentual de alunos que recebem Bolsa Família	08
Gráfico percentual de alunos por identidade de gênero	09
Gráfico percentual de alunos por cor/raça	10
Gráfico percentual de alunos por religião	11
Conteúdo	
Índices de estudantes que mudaram de opinião a partir do que aprendeu em Sociologia	12
Gráfico percentual indicativo de temas abordados em sala	13
Gráfico de frequência de abordagem professores x escola	14
Índices da associação da Sociologia à realidade dos estudantes	15
Índices da associação da Sociologia com outras componentes	16
Índices de conteúdos que podem gerar desconforto aos estudantes	17
Índices sobre a compreensão de temáticas através da Sociologia	18

Fonte: própria autora.

Figura 27 – Formato final da cartilha: Sumário II

Sumário	
Metodologia	
Índice da percepção metodológica das aulas de Sociologia pelos estudantes	19
Gráfico percentual de preferência por tipo de aula	20
Gráfico percentual de interesse em informação estimulada	21
Índices da Sociologia como ajuda na formação enquanto cidadão	22
Avaliação	
Gráfico percentual sobre preferências de avaliações	23
Material didático	
Percepção dos estudantes em relação ao material didático	24
Gráfico percentual de recursos paralelos utilizados	25
Referências	26
Índice Gráfico	27

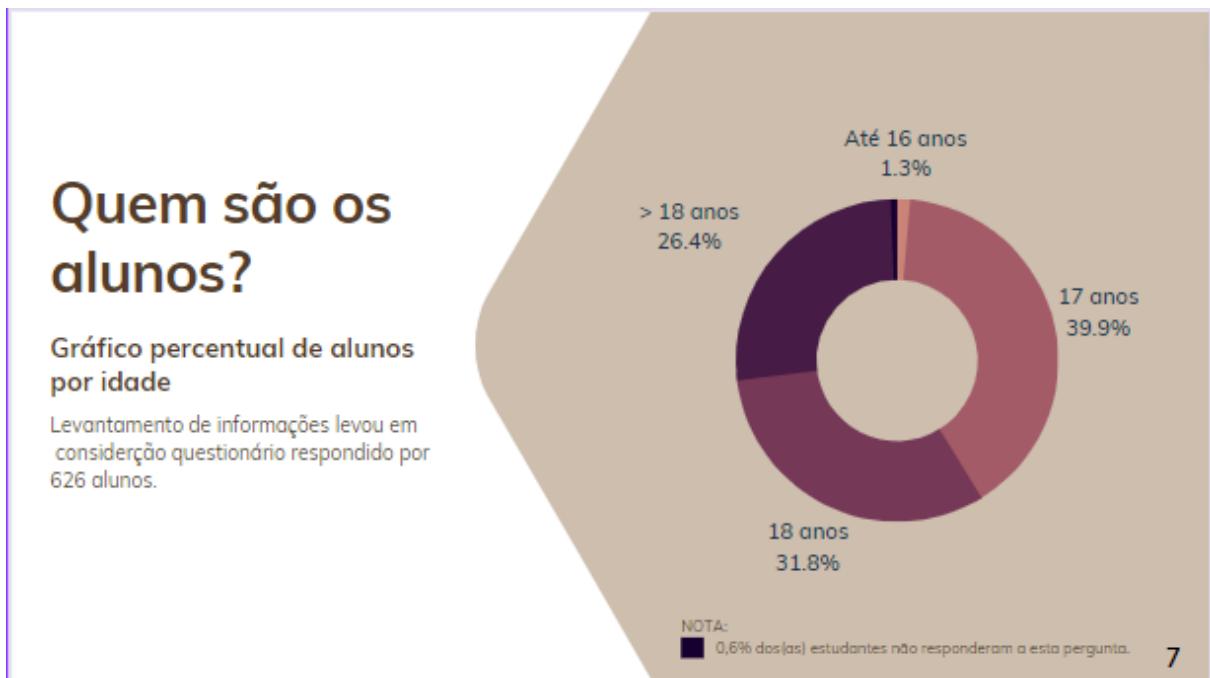
Fonte: própria autora.

Figura 28 – Formato final da cartilha: Gráficos percentuais de alunos por indicativo



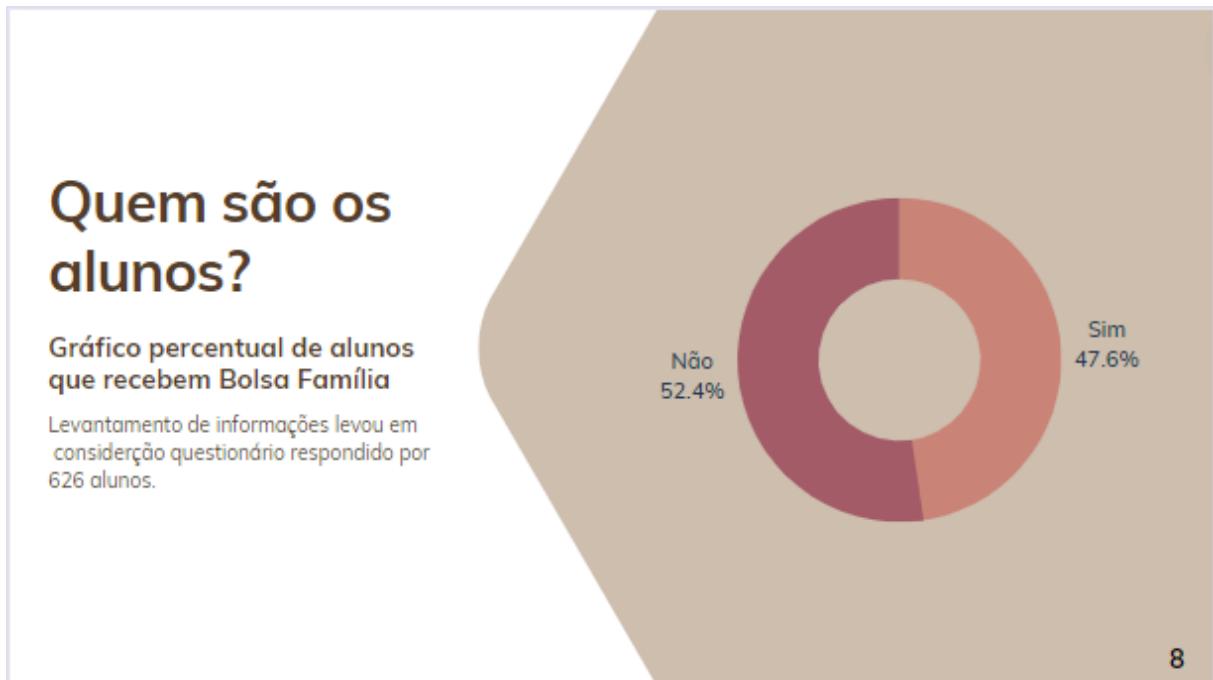
Fonte: própria autora.

Figura 29 – Formato final da cartilha: Gráfico percentual de alunos por idade



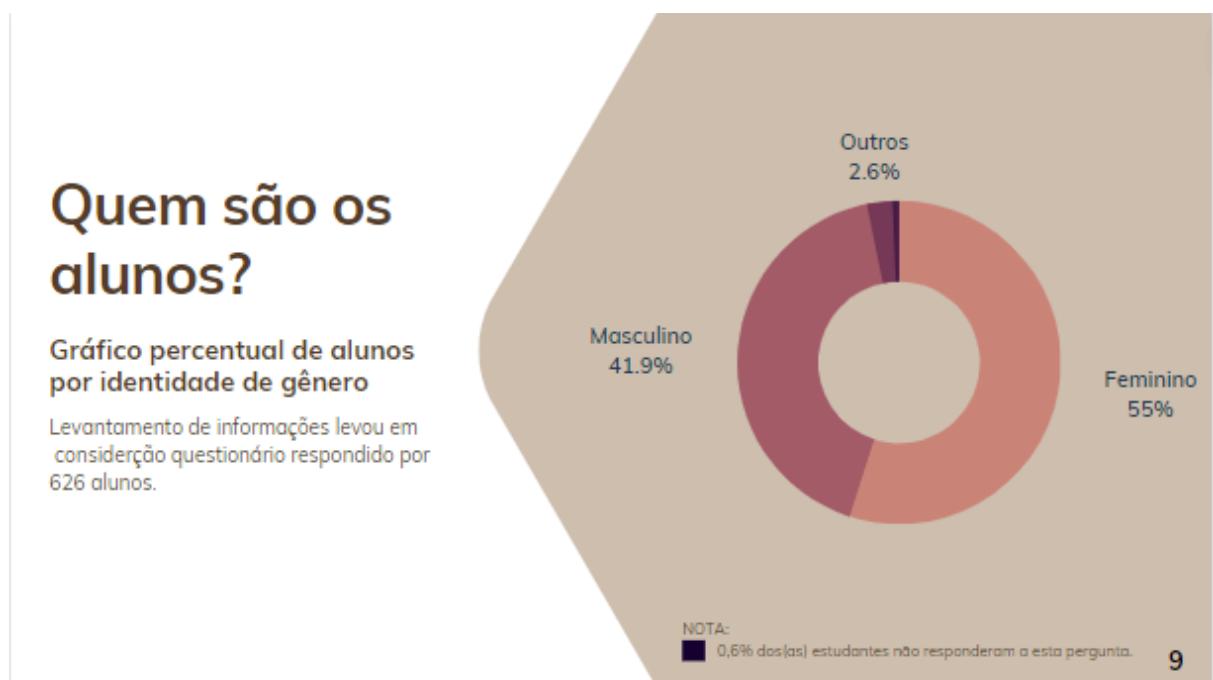
Fonte: própria autora.

Figura 30 – Formato final da cartilha: Gráfico percentual de alunos que recebem o Bolsa Família



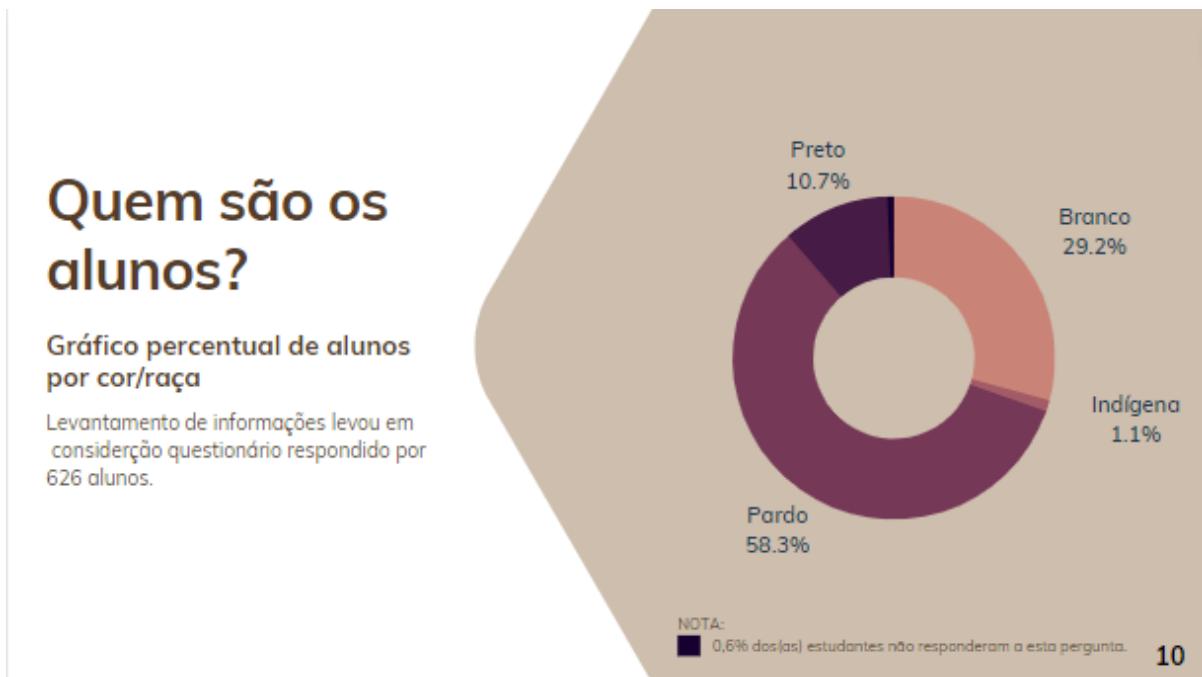
Fonte: própria autora.

Figura 31 – Formato final da cartilha: Gráfico percentual de alunos por identidade de gênero



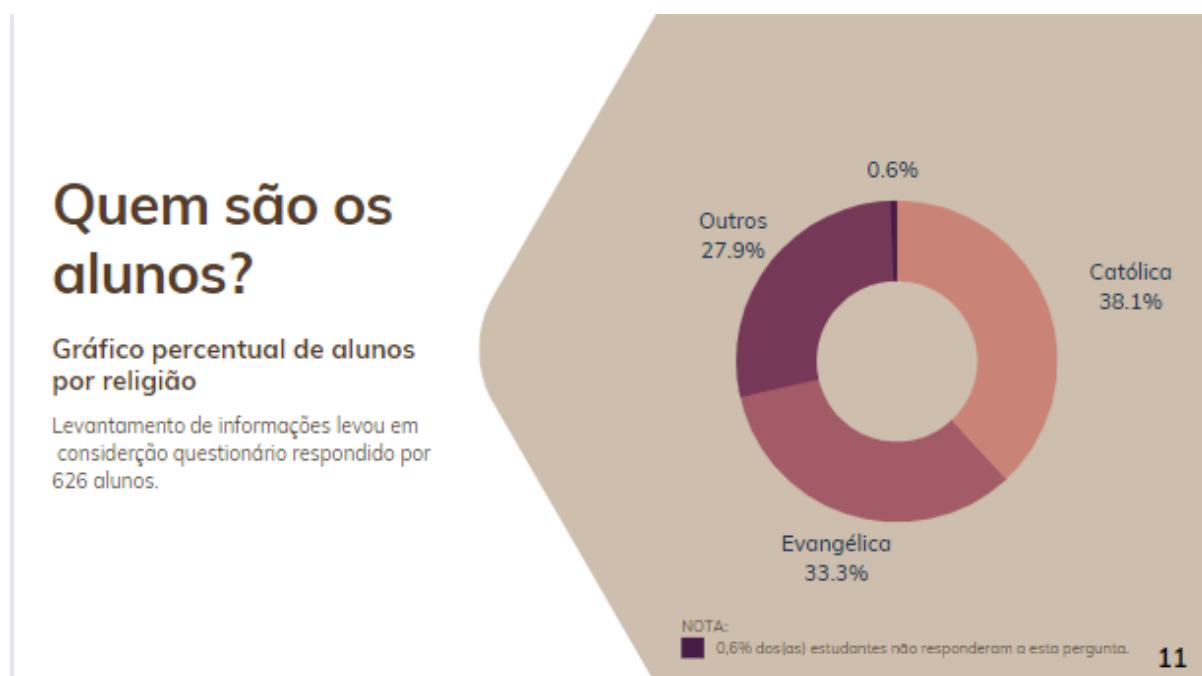
Fonte: própria autora.

Figura 32 – Formato final da cartilha: Gráfico percentual de alunos por cor/raça



Fonte: própria autora.

Figura 33 – Formato final da cartilha: Gráfico percentual de alunos por religião



Fonte: própria autora.

Figura 34 – Formato final da cartilha: Conteúdo I

Conteúdo

A Sociologia está encadeada no cotidiano dos indivíduos e, portanto, se faz ciência a partir de fatos sociais. Para compreendê-los a partir dessa ciência, utiliza-se de regras, princípios e orientações que dão um novo sentido a esses fenômenos, sendo comum, portanto, construir novos significados.

Quando questionados se os estudantes já mudaram de opinião sobre algo a partir do que aprendeu nas aulas de Sociologia, 76% disseram que sim. Destes:

56,9% se identificam do gênero feminino;

40,1% são de religião católica;

36,1% são de escolas regulares.



Fonte: própria autora.

Figura 35 – Formato final da cartilha: Conteúdo II – Gráfico percentual indicativo de temas abordados em sala de aula

Conteúdo

Gráfico percentual indicativo de temas abordados em sala

2,9% T1: Sustentabilidade (consumo, meio ambiente, economias)

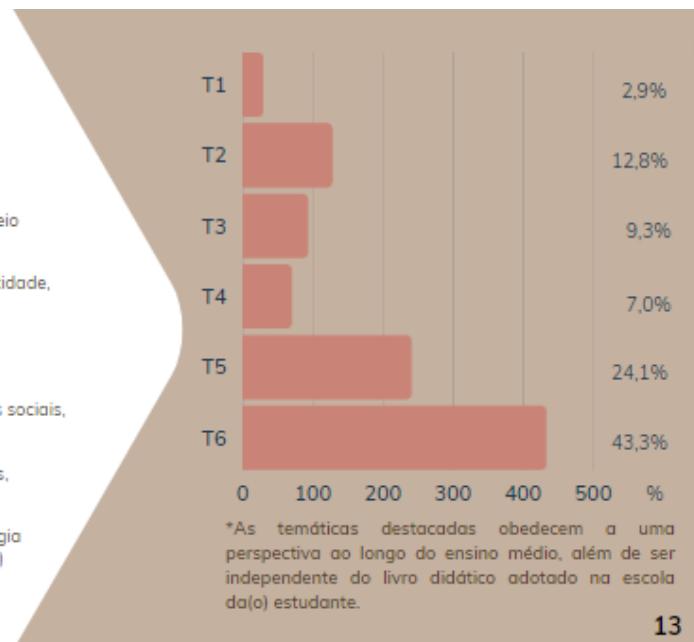
12,8% T2: Raça e Etnia (preconceito, identidade, formação do povo brasileiro)

9,3% T3: Política (democracia, Estado, representações)

7% T4: Gênero e diversidade (minorias sociais, respeito, tolerância)

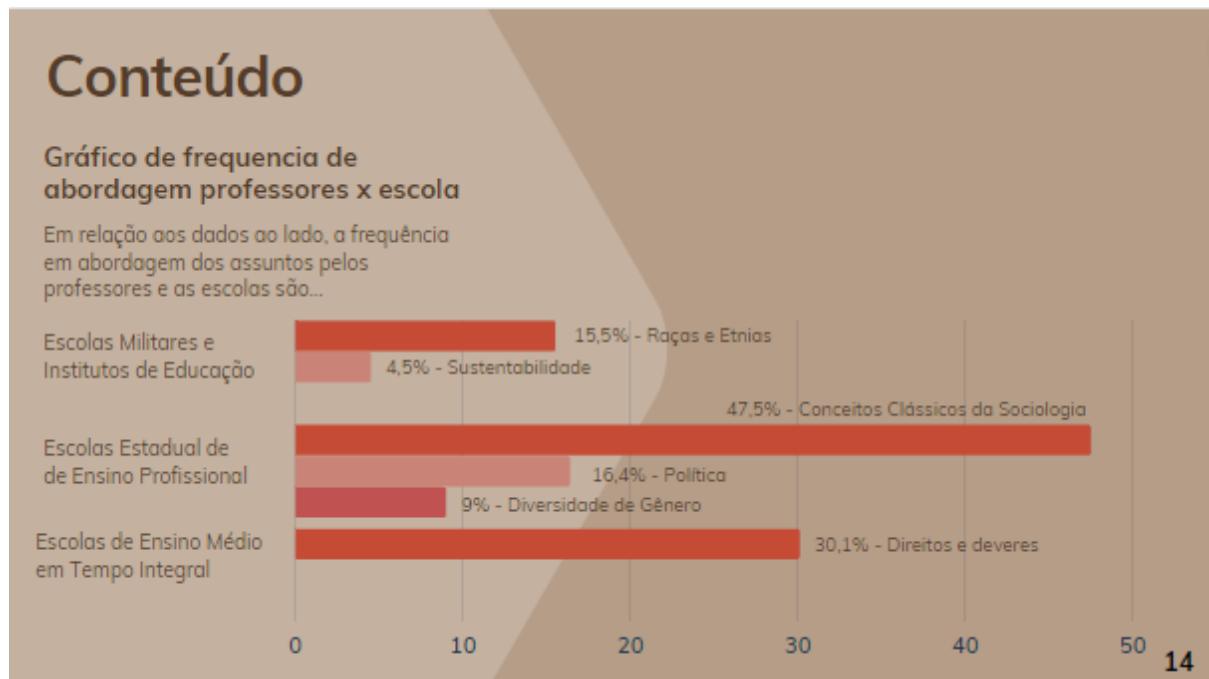
24,1% T5: Direitos e deveres (sociais, civis, políticos, humanos)

43,3% T6: Conceitos clássicos da Sociologia (fato social, senso comum, classes)



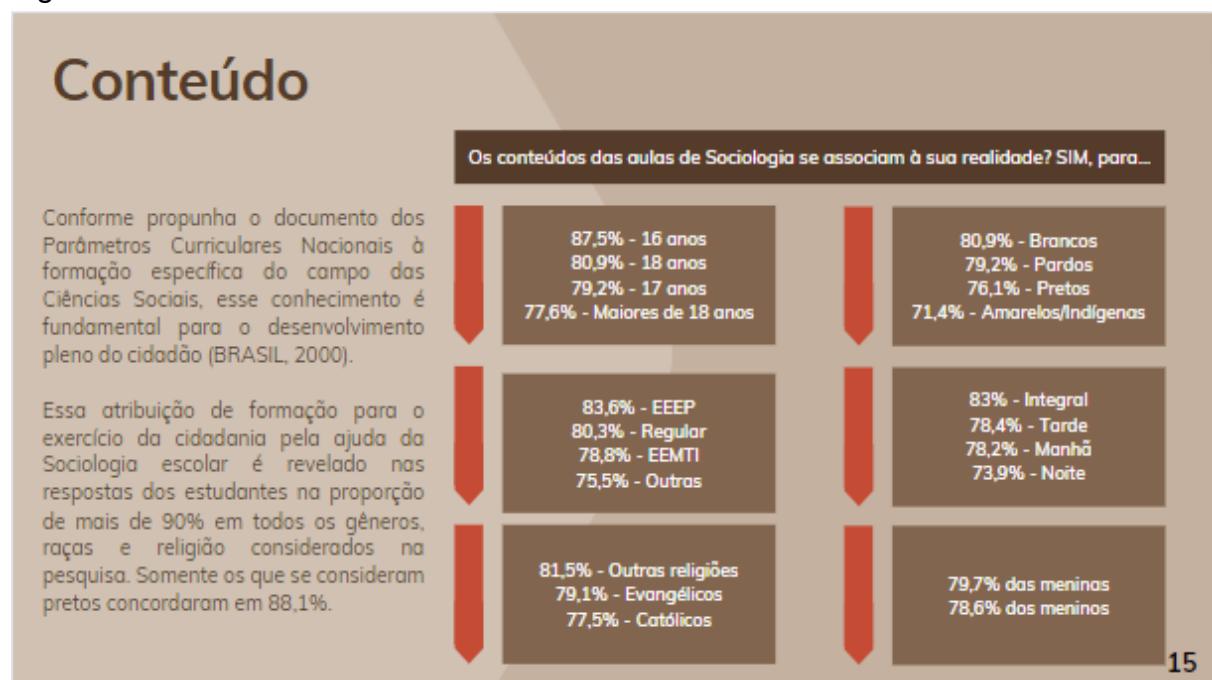
Fonte: própria autora.

Figura 36 – Formato final da cartilha: Conteúdo III – Gráfico de frequência de temas abordados em sala X Tipologia escolar



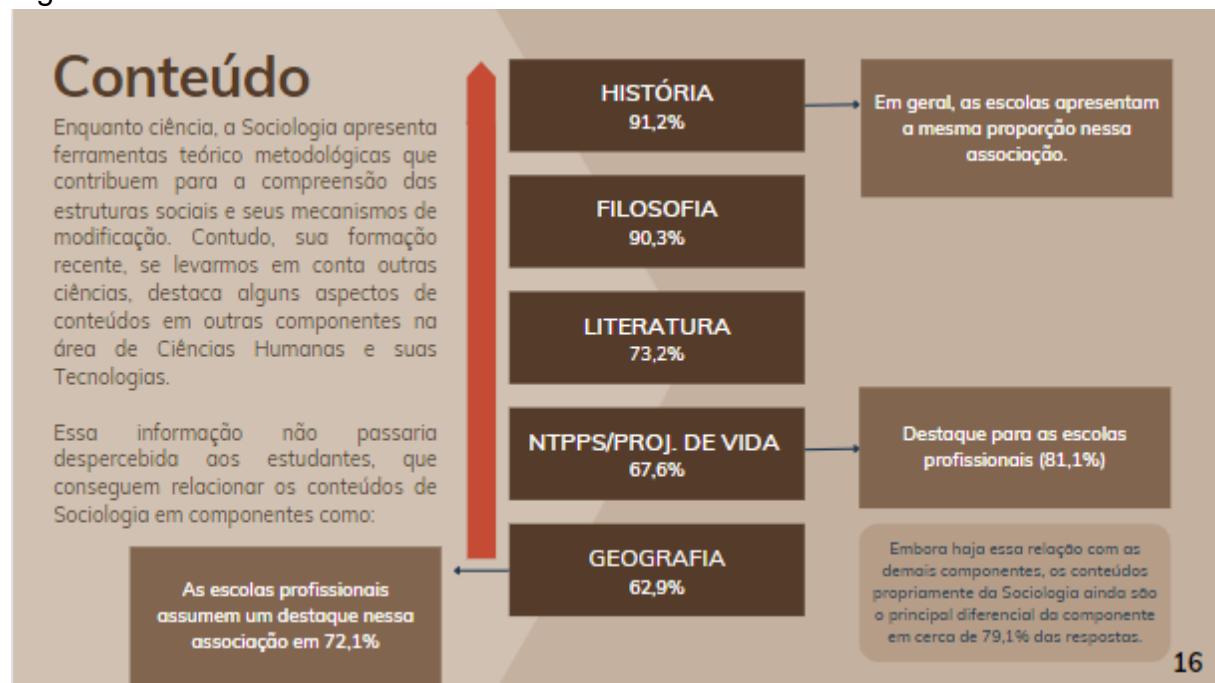
Fonte: própria autora.

Figura 37 – Formato final da cartilha: Conteúdo IV



Fonte: própria autora.

Figura 38 – Formato final da cartilha: Conteúdo V



Fonte: própria autora.

Figura 39 – Formato final da cartilha: Conteúdo VI



Fonte: própria autora.

Figura 40 – Formato final da cartilha: Conteúdo VII



Fonte: própria autora.

Figura 41 – Formato final da cartilha: Metodologia I



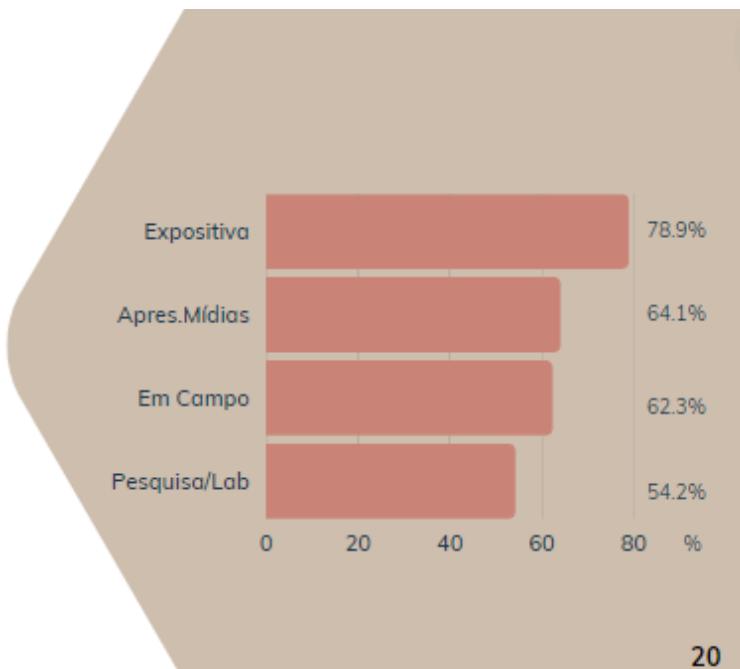
Fonte: própria autora.

Figura 42 – Formato final da cartilha: Metodologia II – Gráfico percentual de preferência por tipo de aula

Metodologia

Gráfico percentual de preferência por tipo de aula

Vale ressaltar que, mesmo os estudantes que estão na faixa etária dos 17 anos, concordam que as aulas expositivas são interessantes. Sabendo que o conhecimento gerado em sala de aula também é constituído na articulação de diferentes conteúdos e metodologias, faz-se necessário destacar que outros recursos metodológicos também são apreciados pelas estudantes, principalmente quando a perspectiva é tornar a aula mais atrativa para eles.



20

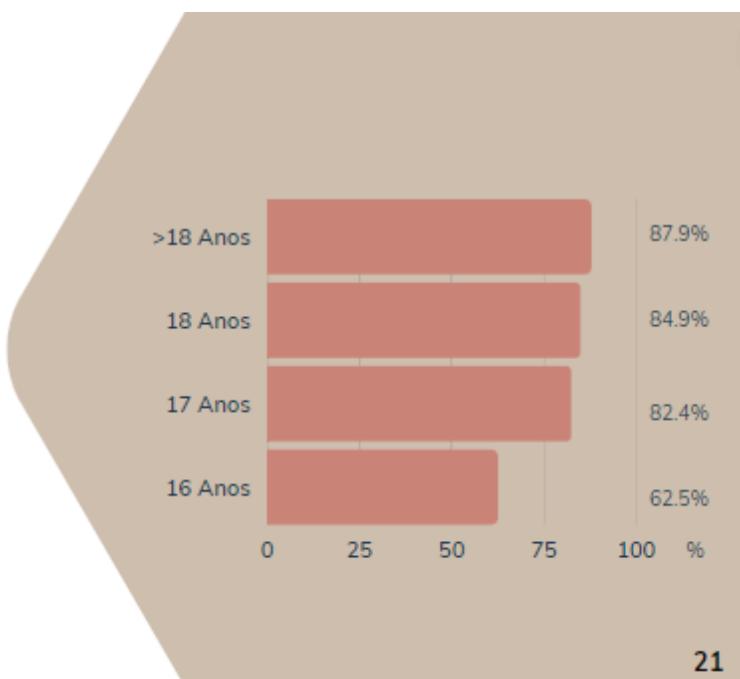
Fonte: própria autora.

Figura 43 – Formato final da cartilha: Metodologia III – Gráfico percentual de interesse em informação estimulada

Metodologia

Gráfico percentual de interesse em informação estimulada

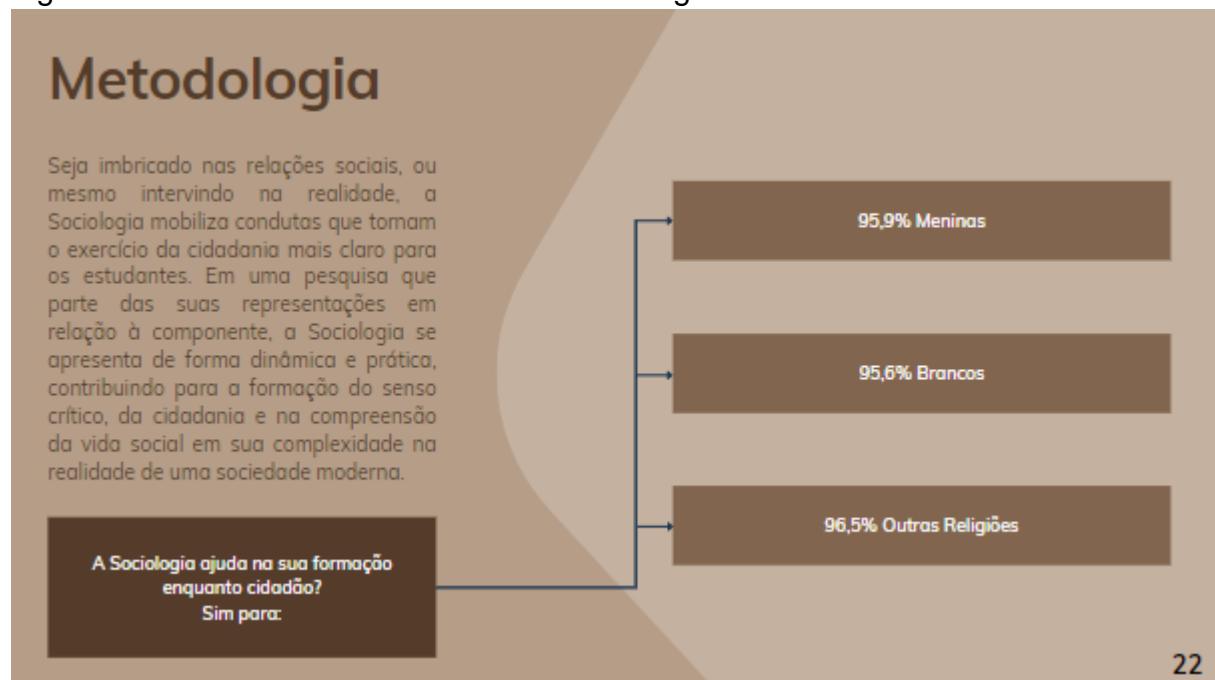
O professor lhe inspira a estudar, ler, se informar mais sobre os assuntos abordados em sala? Sim para...



21

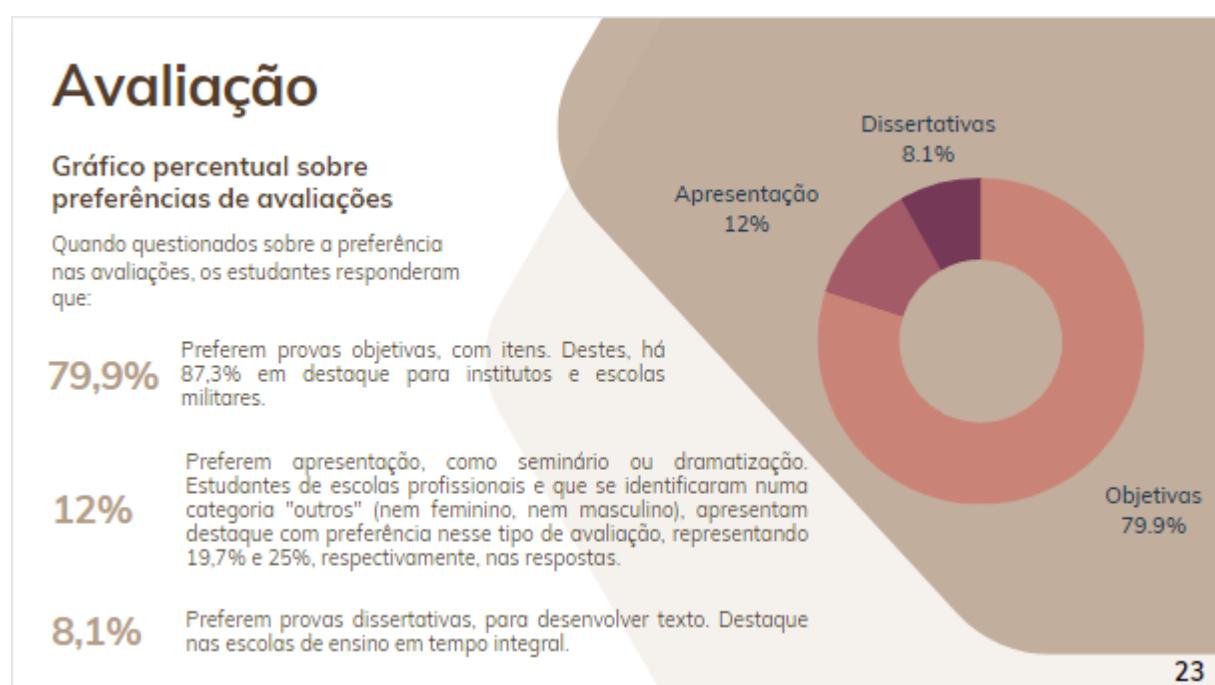
Fonte: própria autora.

Figura 44 – Formato final da cartilha: Metodologia IV



Fonte: própria autora.

Figura 45 – Formato final da cartilha: Avaliação – Gráfico percentual sobre preferências de avaliações



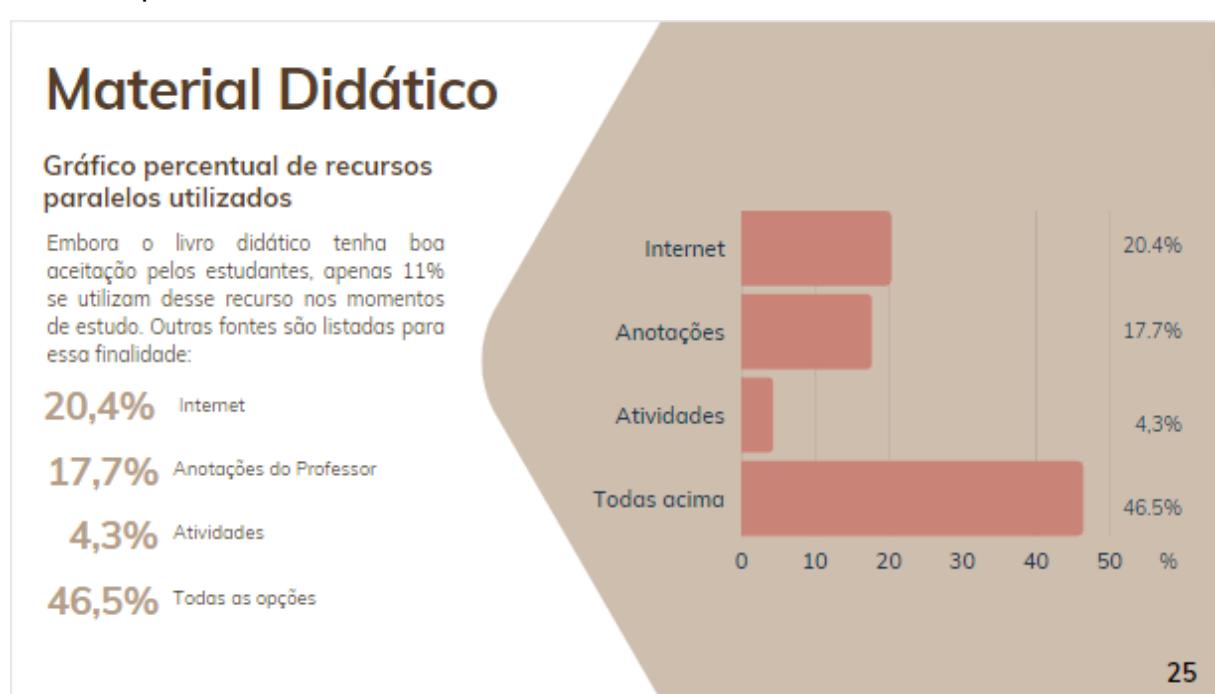
Fonte: própria autora.

Figura 46 – Formato final da cartilha: Material didático I



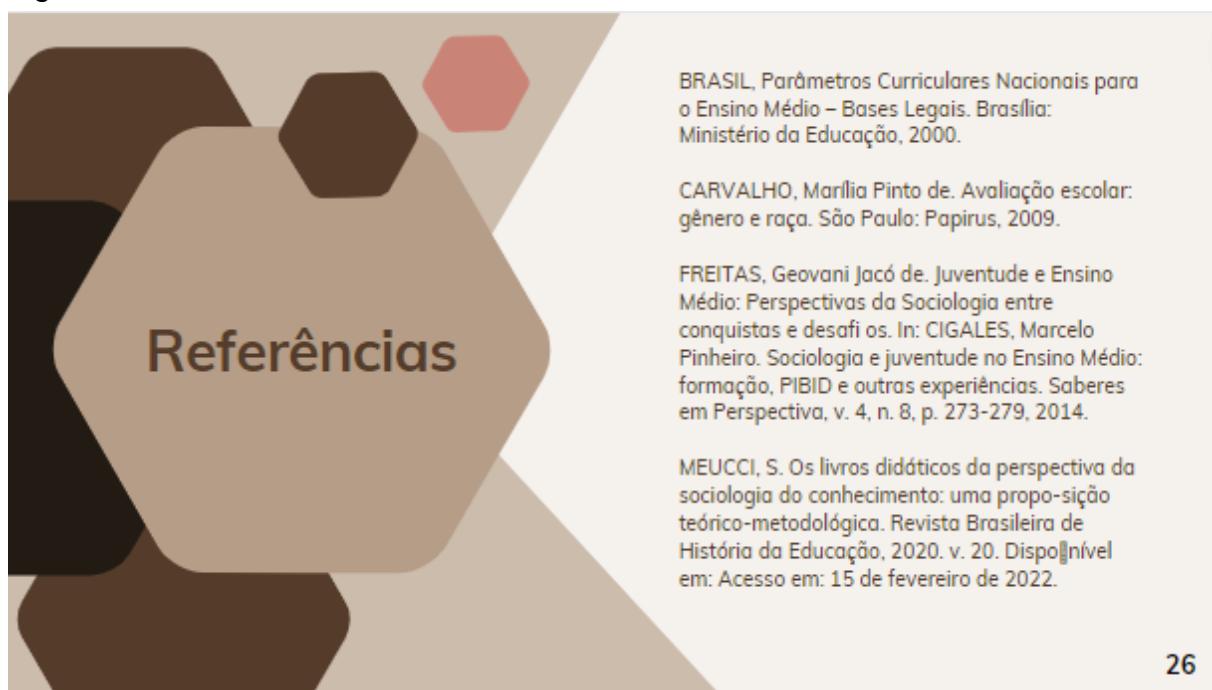
Fonte: própria autora.

Figura 47 – Formato final da cartilha: Material didático II – Gráfico percentual de recursos paralelos de estudo utilizados



Fonte: própria autora.

Figura 48 – Formato final da cartilha: Referências



Fonte: própria autora.

Figura 49 – Formato final da cartilha: Resumo de painéis



Fonte: própria autora.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o propósito final de produzir uma cartilha com informações acerca da Sociologia escolar para os(as) professores(as), a pesquisa proposta perpassa duas etapas, as quais apresentam grupos que receberam diferentes de tratamento, mas extremamente interligados, que são os(as) docentes e os(as) discentes. Para elaborar o material informativo para aqueles, passamos pelas percepções dos(as) estudantes acerca da Sociologia escolar, escolhendo elementos do seu cotidiano na componente e também sobre seu perfil, uma vez que são os atores sociais que constroem essas percepções.

Esse caminho traçado nos permitiu estabelecer legitimidade para a cartilha, pois identifica o(a) estudante como sujeito de referência para apresentar a Sociologia que acontece na sala de aula, além de permitir um maior conhecimento do perfil deste(a) para o(a) professor(a).

Nessa parte inicial da pesquisa, por meio da aplicação de questionário aos(as) estudantes, percebemos como a Sociologia se situa em um lugar importante nas suas vivências, como na construção e na mudança de opinião sobre determinado assunto por causa da componente. Os diálogos, as temáticas e as metodologias aplicadas nas aulas são peças fundamentais na compreensão de si e do que ocorre ao redor, e isso não passa despercebido pelos(as) jovens. Em sua multiplicidade e diversidade, apreendem as informações e (re)formulam ideias, inseridos em um contexto histórico/social/político. Há, portanto, uma compreensão de juventudes na pesquisa em seu aspecto de formação social, diverso e cultural.

Os dados coletados nessa fase dispõem de uma multiplicidade de informações como, por exemplo, a verificação de que 74,4% pensam que o(a) professor de Sociologia ensina de um jeito diferente e 85% deles têm o interesse pelo estudo despertado pelo(a) professor(a). Tendo a Sociologia passado por vários momentos de instabilidade no currículo, saber que o profissional que atua com essa componente vêm possibilitando o interesse do(a) estudante pelo conhecimento, faz pensar no que Florestan Fernandes disse em 1954, quando no I Congresso Brasileiro de Sociologia, quando falava sobre a importância do ensino da sociologia na escola secundária brasileira como um dos meios de formação do indivíduo cidadão, capaz de compreender e atuar criticamente diante dos dilemas da moderna sociedade urbano-industrial.

Ainda sobre a experiência de verificar as percepções estudantis acerca da Sociologia escolar através de questionário, também verificamos como ela está enraizada no cotidiano escolar, sobretudo quando o material didático e o(a) professor(a) que ministra a componente se utilizam dessa prerrogativa para trabalhar os assuntos em sala de aula. Essa aproximação com a realidade dos(as) estudantes faz da componente uma ferramenta de compreensão dos acontecimentos, expresso nas respostas em 79,7% dos casos, além de ter conteúdos semelhantes ou interligados em outras componentes. Essas e outras informações coletadas contribuem para declarar uma receptividade satisfatória da componente pelos jovens no ensino médio, bem como no reconhecimento da importância na sua formação cidadã (94,2% consideram que sim, a Sociologia ajuda na formação enquanto cidadão).

Os resultados ainda revelam que a componente de Sociologia apresenta algum destaque junto aos(as) estudantes de Fortaleza no que concerne ao material didático, à metodologia das aulas e, especialmente, ao currículo/conteúdos. Nem mesmo as mudanças ocorridas no contexto nacional em relação à nova reorganização curricular afetaram o espaço que a componente apresenta no currículo das escolas, considerando também o fato de que, no Ceará, as componentes continuam na configuração de disciplinas, com espaços específicos para cada uma.

É certo que esse tipo de estudo, das representações dos(as) estudantes em relação à Sociologia escolar, não consegue captar aspectos relacionados ao nível do conhecimento e capacidade analítica dos(as) discentes acerca dos seus conteúdos, mas servem para compreender como a componente se apresenta para os(as) jovens que cursam o ensino médio em Fortaleza e, com esforço, possa demonstrar a relevância da permanência da Sociologia no currículo do ensino básico, além de encontrar as necessidades de aperfeiçoamento junto aos(as) estudantes.

Em um segundo momento, uma vez tendo se apropriado dos dados que o questionário ofereceu, a análise seguiu seu curso com o objetivo de condensar as informações estatisticamente relevantes de considerar para, então, compor o que foi a primeira edição da cartilha.

A experiência da construção da cartilha evidenciou, como desafio, a busca pelos conteúdos que pudessem ser mais relevantes aos(as) docentes. Da mesma maneira, a adequação do formato da cartilha de modo a ser um material objetivo e

acessível de consulta. Até chegar à adequação do produto educativo houve a necessidade de se colocar em teste novamente o que se propunha, o que nos levou a considerar o segundo grupo de foco da pesquisa: os(as) professores.

O papel docente enquanto validador da primeira edição da cartilha proporcionou uma leitura mais sofisticada não só das informações, mas do visual proposto pelo material. Há de se destacar que o formato da cartilha como produto de uma pesquisa de mestrado não comprehende uma prática recorrente, mas a perspectiva é de que seja, uma vez que este tipo de produto se apresenta *“interessante como instrumento no sentido de situar”* o trabalho do(a) professor(a).

Nas experiências de entrevistas e grupos focais, além da necessidade de avaliar a cartilha, também pudemos verificar que, independente da formação do(a) docente, o objetivo sempre se manifestava na busca pela formação do indivíduo, na reafirmação constante da relevância da Sociologia tanto quanto outras componentes consolidadas no currículo como Matemática e Português. A fala da professora em um dos grupos focais ajuda a compreender esse esforço:

A gente tem que passar todo o ensino médio para tentar virar a chave do menino. Como faz isso? Como ensinar para esse menino que opinião é diferente de ciência, que nós trabalhamos com método e esse método é tão válido como um método das ciências da natureza, das ciências exatas, por exemplo. É uma disputa de narrativas. (Professora de EEMTI, 44 anos, formação em Ciências Sociais).

Outro dado relevante nessa experiência com docentes foi a de que, embora tenha considerado estudantes de diferentes perfis, os dados nem sempre representavam a realidade de todos. Em alguns momentos, alguns professores(as) divergiram dos resultados apontados na cartilha divulgada, o que mostra o desafio de realizar pesquisa quantitativa em Sociologia.

Esse é o desafio de se fazer pesquisa, porque você tá pegando um momento, um contexto e, dependendo do público que você está trabalhando, pode dar um dado totalmente diferente daqui. A interpretação que faço desses dados aqui [cartilha] é que faz sentido só para uma das realidades de escola que trabalho. (Professora de EEM, 29 anos, formação em Ciências Sociais).

O sentido da cartilha, que é auxiliar o(a) professor(a) no desenvolvimento das aulas e envolvimento com as turmas, não se perde caso este não encontre total similaridade dos dados apresentados e a sua realidade. Mais importante ainda foi

verificar como uma componente pode se fazer importante e enraizada no cotidiano dos(as) estudantes e como isso não passa despercebido pelos(as) docentes que trabalham com ela em sala de aula, seja formado(a) ou não na área específica.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Domingos Sávio *et al.* Religião e diálogo: notas sobre a educação de mães do Bolsa Família. *In: LOPES, Valmir; ABREU, Domingos Sávio; RIOS, Genilria (org.). Quando gira a roda da História – O programa Bolsa Família e seus beneficiados.* 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2021.
- ARROYO, Miguel G. Repensar o ensino médio: por quê? *In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. (org). Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 54-73.
- BODART, Cristiano das Neves; TAVARES, Caio dos Santos. Quando o assunto é Sociologia Escolar: estado da arte nos periódicos de estratos superiores nas áreas de Ciências Sociais, Educação e Ensino. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 51, n. 1, p. 353-396, 2020.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão de sociólogo.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Decreto n. 6094 de 2007. Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 25 abr. 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo Técnico do Censo Escolar da Educação Básica 2011.** Brasília: MEC/INEP, 2012.
- BRASIL. Lei n. 13005 de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (2014-2024). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 26 jun. 2014.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020:** resumo técnico. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar>. Acesso em: 04 abr. 2022.
- CAMPENHOUDT, Luc Van; QUIVY, Raimond. **Manual de investigação em ciências sociais.** 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1998.
- CANDIDO, Antonio. Tendências no desenvolvimento da Sociologia da Educação. *In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (org.). Educação e Sociedade: leituras de sociologia da educação.* 13. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1987.
- CANO, I. Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 14, n. 31, p. 94-119, 2012.

CEARÁ. Conselho Estadual de Educação. **Resolução n. 497/2021**. Estabelece normas complementares e orientações para implementação do Currículo do Ensino Médio, no âmbito do Sistema de Ensino do estado do Ceará. Ceará, 21 dez. 2021.

CEARÁ. Secretaria da Educação. **Metodologias de Apoio**: matrizes curriculares para ensino médio. Coleção Escola Aprendente – Volume 1. Fortaleza: SEDUC, 2008a.

CEARÁ. Conselho Estadual de Educação. **Resolução 422**. Fortaleza (CE). 2008b.

COLLARES, Ana Cristina M. Uma questão de método: desafios da pesquisa quantitativa na sociologia. **Ideias**, Campinas, Edição Especial, nova série, p. 109-135, 2013.

DAYRELL, Juarez; JESUS, Rodrigo E. (org.). **Relatório de pesquisa – A exclusão de jovens de 15 a 17 anos no Ensino Médio no Brasil: desafios e perspectivas**. Belo Horizonte: UFMG/Observatório da juventude, 2013.

FALEIROS, Fabiana *et al.* Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. **Texto contexto – enferm.**, n. 25, v. 4, p. 1-6, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/Hjf6ghPvk7LT78W3JBTdpjf/?lang=en>. Acesso em: 24 jul. 2021.

FAUSTO, B. **A revolução de 1930**. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FERREIRA, R. F. **Afro-descendente**: identidade em construção. São Paulo: EDUC, 2000.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In: MARTIN, Bauer; GAKELL, George (org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 64-89.

GOMES, Sandra. Dando sentido à diversidade de escolhas metodológicas nas Ciências Sociais. *In: FAZZI, Rita de Cássia; LIMA, Jair Araújo de. (org.). Campos das Ciências Sociais*: figuras do mosaico das pesquisas no Brasil e em Portugal. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

GONÇALVES, Danyelle Nilin. Ser professor em tempos de escola sem partido. *In: GONÇALVES, Danyelle N.; LIMA FILHO, Irapuã P. (org.). Escola e Universidade*: encontros entre sociologia e educação. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020. p. 177-197.

JINKINGS, Nise. Ensino de Sociologia: particularidades e desafios contemporâneos. **Mediações**, Londrina, 2007, v. 12, n. 1, p. 113-130, 2007.

JINKINGS, Nise. Os processos de institucionalização da Sociologia no segundo grau (1972-1996). *In: SILVA, Ilezi Fioreli; GONÇALVES, Danyelle Nilin. (org). A Sociologia na Educação Básica.* 1. ed. São Paulo: Annablume, 2017.

JODELET, D. Représentions sociales: un domaine en expansion. *In: JODELET, D. (org.) Les représentations sociales.* Paris: PUF, 1989. p. 31-61. [Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves Mazzotti. UFRJ – Faculdade de Educação, 1993.]

LAHIRE, Bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia? **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 45-61, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/2418>. Acesso em: 11 dez. 2021.

LOPES, Alice R. C. **Conhecimento escolar**: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

LOPES, Alice; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2013.

LOPES, Francisco Williams Ribeiro. (Des)continuidades na política de um currículo nacional: a Sociologia nos arranjos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 52, n. 1, p. 245-282, 2021.

MAÇAÍRA, Júlia Polessa. O ensino de Sociologia e o livro didático. *In: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro. (org.). Dicionário do Ensino de Sociologia.* 1. ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

MEDEIROS, Issac Nazareno Paiva de. **A Sociologia do Ensino Médio no Ceará**: as práticas pedagógicas de professores temporários da rede pública do município de Caucaia. 2017. 136f. – Dissertação (Mestrado em Educação) – programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

MEINERZ, C. B. Grupos de discussão: uma opção metodológica na pesquisa educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 485-504, 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/16957/12914>. Acesso: 28 fev. 2022.

MENEGON, Vera Mincoff. Por que jogar conversa fora? *In: SPINK, M. J. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano.* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

MEUCCI, Simone. Sociologia na educação básica no Brasil: um balanço da experiência remota e recente. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, Rio Grande do Sul, v. 51, n. 3, p. 251-260, 2015.

MORAES, Amaury. Ensino de Sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 31, n. 85, p. 359-382, 2011. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/Zm8BkHqMcz7P7PGxWk95RhC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 de novembro de 2021.

OLIVEIRA, Amurabi; OLIVEIRA, Evelina A. F. Os processos de institucionalização da Sociologia na escola secundária (1890-1971) *In: GONÇALVES, Danyelle Nillin; SILVA, Ilézio Fioreli. (org.). A Sociologia na Educação Básica.* 1. ed. São Paulo: Annablume, 2017.

OLIVEIRA, Amurabi; SILVA, Camila Ferreira da. Os caminhos da produção acadêmica em Sociologia da Educação no Brasil. *In: FAZZI, Rita de Cássia; LIMA, Jair Araújo de (org.). Campos das Ciências Sociais: figuras do mosaico das pesquisas no Brasil e em Portugal.* Petrópolis: Vozes, 2020.

PAPIM, Angelo A. Puzipe; MENDONÇA, Sueli G. de Lima. O impacto da BNCC no ensino de Sociologia para o Ensino Médio: o retrocesso mediante as OCN. *In: 45º Encontro Anual da ANPOCS*, 2021. Disponível em:
https://www.anpocs2021.sinteseeventos.com.br/atividade/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozNjoiYToxOntzOjEyOjJJRF9BVEIWSURBREUiO3M6MzoiMTMwljt9IjtzOjE6ImgiO3M6Mzl6ImIzODg4ODE4YWE5YWI0YWU0YTViNDQ3OTYxYzViZDRjljt9&ID_ATIVIDADE=130. Acesso em: 21 maio 2022.

RAMOS, M. P. Métodos quantitativos e pesquisa em Ciências Sociais: lógica e utilidade do uso da quantificação. **Mediações**, Londrina, v. 18, n. 1, p. 55-65, 2013.

RÊSES, E. D. S. Do conhecimento sociológico à teoria das representações sociais. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 6, n. 2, 2007. Disponível em:
<https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/920>. Acesso em: 15 mar. 2022.

RÊSES, Erlando da Silva. **E com a Palavra os alunos:** estudo das representações sociais dos alunos da rede pública do Distrito Federal sobre a Sociologia no Ensino Médio. 2004. 144 f. – Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, 2004.

ROCHA, Cláudio C. T. **Saberes da docência aprendidos no PIBID:** um estudo com futuros professores de Sociologia. 2013. – Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

RODRIGUES, Carla; HEILBORN, Maria Luiza. Gênero: breve história de um conceito. **Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Vitória da Conquista, v. 12, n. 20, p. 10, 2018. Disponível em:
[file:///C:/Users/mayar/Downloads/4547-Texto%20do%20artigo-7899-5-10-20190322%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/mayar/Downloads/4547-Texto%20do%20artigo-7899-5-10-20190322%20(1).pdf). Acesso em: 11 dez. 2021.

- SANTOS, Alexandra. **IBM SPSS como Ferramenta de Pesquisa Quantitativa**. online. 2018. Disponível em: <https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/posgraduacao/programas/adm/inistracao/IB%20M-SPSS-como-ferramenta%20de-pesquisa-quantitativa-alexandra-santos.pdf>. Acesso em: 21 maio 2022.
- SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. A imaginação sociológica: desenvolvendo o raciocínio sociológico nas aulas com jovens e adolescentes. *In: FERREIRA, Adriana de Fátima et al. Relatos e práticas de ensino do PIBID de ciências sociais*. Londrina: UEL, 2013.
- SILVA, M. V. da. As cartilhas na sociedade do conhecimento. **Entremeios**, v. 8, p. 1-13, 2014. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=49>. Acesso em: 13 set. 2022.
- SILVA, Ileizi. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **Cronos**, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 403-427, 2007.
- SILVA, Ileizi; ALVES NETO, Henrique; VICENTE, Daniel. A proposta da Base Nacional Comum Curricular e o debate entre 1988 e 2015. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 51, n. 3, p. 330-342, 2015.
- SOLDAN, T. L. **A construção de um saber que se dá em interação**: uma análise de representações sociais da sociologia escolar. 2015. 125 f. – Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/40943>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- SOUZA FILHO, José Anchieta de. **A prática docente e o currículo no ensino de sociologia em Fortaleza/CE**. 2016. – Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanas) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró/RN, 2016.
- TRIVIÑOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VEIGA, L.; GONDIM, S. M. G. A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político. **Opinião Pública**, n. 2, v. 1, p. 1-15, 2001.
- ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. *In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marilia Pinto de; VILLELA, Rita. (org.). Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. p. 285-309.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS(ÀS) ESTUDANTES DE
FORTALEZA**

1. Antes de ingressar no Ensino Médio, já tinha ouvido falar sobre Sociologia?
 Sim Não

2. Você já mudou de opinião sobre algo a partir do que aprendeu nas aulas de Sociologia?
 Sim Não

3. O seu professor lhe inspira a estudar, ler, se informar mais sobre os assuntos abordados em sala?
 Sim Não

4. A Sociologia influencia na sua escolha profissional?
 Sim Não

5. Já considerou ou considera a carreira de professor?
 Sim Não Não penso ainda em carreira

6. Consegue relacionar alguns conteúdos da Sociologia aos conteúdos de História?
 Sim Não

7. Consegue relacionar alguns conteúdos da Sociologia aos conteúdos de Geografia?
 Sim Não

8. Consegue relacionar alguns conteúdos da Sociologia aos conteúdos de Filosofia?
 Sim Não

9. Consegue relacionar alguns conteúdos da Sociologia aos conteúdos de Literatura?
 Sim Não

10. Consegue relacionar alguns conteúdos da Sociologia aos conteúdos de NTPPS – Núcleo de trabalho, pesquisa e práticas sociais (caso seja de escola regular ou de tempo integral) ou Projeto de Vida (caso seja de EEEP)?

() Sim () Não

11. O livro didático tem uma linguagem simples, de fácil compreensão?

() Sim () Não

12. Que material prefere utilizar para estudar?

() Livro didático () Anotações do professor () Internet () Atividades
() Todas as opções anteriores

13. Você acha que o livro didático traz aspectos do seu cotidiano?

() Sim () Não

14. A Sociologia ajuda a preparar para o mercado de trabalho?

() Sim () Não

15. A Sociologia ajuda na sua formação enquanto cidadão?

() Sim () Não

16. Quanto à avaliação, você prefere quando é no formato de:

() Múltipla escolha (objetiva/com itens para marcar)
() Dissertativa (subjetiva/escrever)
() Apresentação (seminário/dramatização)

17. Que assuntos o professor aborda com mais frequência?

() Conceitos clássicos da Sociologia (fato social, senso comum, classes sociais)
() Direitos e deveres (sociais, civis, políticos, humanos)
() Gênero e diversidade (minorias sociais, respeito e tolerância)
() Política (democracia, Estado, representações)
() Sustentabilidade (consumo, meio ambiente, economia)
() Raça e etnia (preconceito, identidade, formação do povo brasileiro)

18. O professor de Sociologia ensina de um jeito mais interessante?

() Sim () Não

19. Você se sente desconfortável nas aulas sobre gênero e diversidade sexual?

() Sim () Não () Às vezes

20. Você se sente desconfortável nas aulas sobre raça e etnia?

() Sim () Não () Às vezes

21. Você se sente desconfortável nas aulas sobre violência e direitos humanos?

() Sim () Não () Às vezes

22. Você se sente desconfortável nas aulas sobre política?

() Sim () Não () Às vezes

23. Penso que a Sociologia é diferente das demais disciplinas na forma que o professor ensina.

() Concordo () Discordo () Nem concordo, nem discordo

24. Penso que a Sociologia é diferente das demais disciplinas nos conteúdos.

() Concordo () Discordo () Nem concordo, nem discordo

25. Penso que a Sociologia é diferente das demais disciplinas na proximidade com a nossa realidade.

() Concordo () Discordo () Nem concordo, nem discordo

26. Penso que a Sociologia é diferente na forma como ela apresenta conteúdos que são contemplados em outras disciplinas da área.

() Concordo () Discordo () Nem concordo, nem discordo

27. Os conteúdos das aulas de Sociologia se associam à sua realidade?

() Concordo () Discordo () Nem concordo, nem discordo

28. As aulas de Sociologia são interativas, com debates e discussões?

() Sim () Não

29. Os conteúdos de Sociologia ajudam a entender melhor o que acontece na política?

() Sim () Não

30. Os conteúdos de Sociologia ajudam a entender melhor sobre diversidade e gênero?

() Sim () Não

31. Os conteúdos de Sociologia ajudam a entender melhor sobre respeito e tolerância?

() Sim () Não

32. Os conteúdos de Sociologia ajudam a entender melhor sobre direitos (sociais, políticos, civis, humanos)?

() Sim () Não

33. Os conteúdos de Sociologia ajudam a entender mais sobre você?

() Sim () Não

34. Em relação ao tipo de aula, prefiro quando é expositiva (professor fala e os alunos podem participar com perguntas e/ou respostas).

() Concordo () Discordo () Nem concordo, nem discordo

35. Em relação ao tipo de aula, prefiro quando é com apresentação de mídias (slides, filmes, músicas).

() Concordo () Discordo () Nem concordo, nem discordo

36. Em relação ao tipo de aula, prefiro quando é em campo (aulas em outros ambientes, extraescolar).

() Concordo () Discordo () Nem concordo, nem discordo

37. Em relação ao tipo de aula, prefiro quando é no laboratório de informática (pesquisas, acessos a sites específicos ou construção de atividades que envolvam recursos da informática).

Concordo Discordo Nem concordo, nem discordo

38. Qual a sua idade?

16 anos 17 anos 18 anos Maior de 18 anos

39. Qual o gênero com que você se identifica?

Masculino Feminino Outro

40. Como você classificaria sua cor ou raça?

Preto Branco Indígena Asiático Pardo

41. Qual sua religião?

Católico Evangélico Outra

42. Com que frequência vai aos encontros religiosos?

Mais de uma vez por semana Uma vez por semana Às vezes
 Quase nunca Nunca

43. A que tipologia pertence sua escola?

Regular EEMTI EEEP CEJA
 Outra (Institutos ou escolas militares)

44. Qual seu turno?

Manhã Tarde Noite Integral

45. Qual a sua configuração familiar?

Eu e meus pais
 Eu e minha mãe ou meu pai
 Eu, meus pais e meu/minha irmão/irmã
 Eu, minha mãe e meus irmãos/irmãs

() Eu, meu pai e meus/minhas irmãos/irmãs

() Eu, minha avó e meus irmãos

() Outra

46. Sua família recebe/recebía benefício do Bolsa Família?

() Sim () Não

APÊNDICE B – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTAS

QUESTÕES REFERENTES À CARTILHA
1. OBJETIVOS: Referente ao propósito ou meta que deseja atingir com a utilização da cartilha.
1.1. As informações concedidas podem auxiliar no seu trabalho?
1.2. A cartilha promoveu alguma reflexão acerca das suas aulas?
1.3. Os dados apresentados são relevantes para o seu planejamento de aulas?
1.4. Você considera que a cartilha seja um material a ser divulgado para os professores que lecionam Sociologia nas escolas de Fortaleza?
2. CONTEÚDO: Referente às informações abordadas na cartilha.
2.1. A cartilha contém informações que esclareçam alguma dúvida?
2.2. As informações são relevantes?
2.3. Os conteúdos são variados?
2.4. Há algum conteúdo/dado que não foi abordado e que gostaria que estivesse na cartilha? Qual?
2.5. Há algum conteúdo/dado que considere irrelevante para o professor da componente? Em caso afirmativo, qual seria?
2.6. Qual o conteúdo/dado que considera mais relevante no material?
2.7. Alguma informação não está comprehensível? Qual?
3. LAYOUT: Referente ao formato da apresentação da cartilha.
3.1. A apresentação da cartilha está atrativa e bem organizada?
3.2. As disposições dos textos estão adequadas?

4. MOTIVAÇÃO: Referente à motivação para leitura da cartilha.
4.1. Os conteúdos despertam interesse para leitura?
4.2. O conteúdo incentiva a prosseguir a leitura?
4.3. Você gostaria de receber o mesmo material sobre outra componente curricular?

APÊNDICE C – PROTÓTIPO DA CARTILHA

O que preciso saber sobre o estudante? Uma cartilha para o professor de Sociologia.

Mayara Tâmea S. Soares
2022

Ficha técnica

Autoria e Realização
Mayara Tâmea Santos Soares

Projeto Gráfico
Mayara Tâmea Santos Soares

Revisão de Texto
Ive Marian de Carvalho Domiciano

Orientação
Prof. Doutor Domingos Sávio Abreu

1ª Edição
Fortaleza
2022

Apresentação

Olá, professoras e professores!

Esta cartilha foi elaborada com o intuito de disponibilizar à você, docente que leciona a componente curricular de Sociologia, algumas informações sobre as(as) estudantes no que concerne ao seu perfil e às suas percepções em relação à componente e, a partir dessas informações, poder contribuir para seu trabalho em sala de aula. O material é resultado de uma pesquisa realizada com estudantes de Fortaleza no ano de 2021 e se apresenta, também, como parte integrante do produto educacional intitulado **Representações da Sociologia Escolar**, do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, na Universidade Federal do Ceará - ProfSocio/UFC.

Boa leitura a todas e todos!

Mayara Tâmea Soares
Mestranda do ProfSocio/UFC.

Sumário

Conteúdos	05
Metodologia	10
Avaliação	12
Material didático	13
Quem são os estudantes?	15
Referências	18



Conteúdos



Desses, 40,1% são de religião católica;
36,1% são de escolas regulares.

5

Conteúdos

Em relação aos dados ao lado, a frequência em abordagem dos assuntos pelos professores e as escolas são...



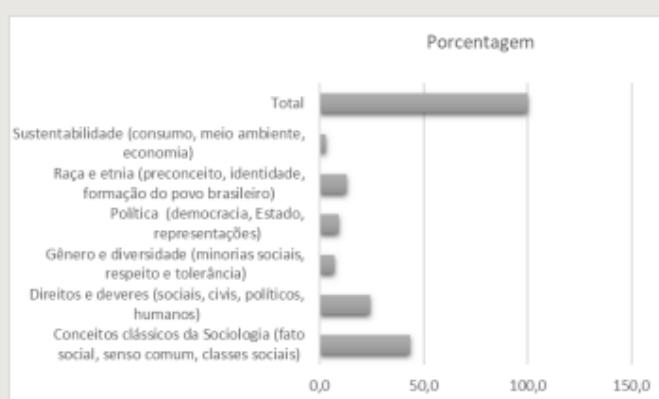
ESCOLAS MILITARES E INSTITUTOS DE EDUCAÇÃO

EEEP
Conceitos clássicos da Sociologia
47,5%, Política **16,4%** e Diversidade e Gênero **9%**

Raça e Etnia **15,5%**, e Sustentabilidade **4,5%**

EEMTI
Direitos e deveres **30,1%**

O que elas/eles dizem que o professor aborda com mais frequência?*



*As temáticas destacadas obedecem a uma perspectiva do ensino médio, além de ser independente do livro didático adotado na escola do(a) estudante.

6

Conteúdos

Enquanto ciência, a Sociologia apresenta ferramentas teórico metodológicas que contribuem para a compreensão das estruturas sociais e seus mecanismos de modificação. Contudo, sua formação recente, se levarmos em conta outras ciências, destaca alguns aspectos de conteúdos nestas. Essa informação não passaria despercebida aos estudantes, que conseguem relacionar os conteúdos de Sociologia em componentes como:

História 91,2%
 Filosofia 90,3%
 Literatura 73,2%
 NTPPS e Projeto de Vida 67,6%
 Geografia 62,9%



Embora haja essa relação com as demais componentes, os conteúdos propriamente da Sociologia ainda são o principal diferencial da componente em cerca de 79,1% das respostas.

7



Conteúdos

No que concerne a conteúdos que de alguma forma possam gerar desconforto às/-aos estudantes, verificamos que os temas ligados à **gênero e diversidade sexual, raça e etnia, violência e direitos humanos**, em geral (mais de 80% em todos os casos), são bem aceitos na dinâmica da sala de aula. Quando questionados sobre política, no entanto, essa porcentagem diminui para 69,6%, com destaque para os grupos pertencentes aos meninos (53,1%), evangélicos (43,2%), pardos (49,4%) e em estudantes com 17 anos (40,7%).

Quando questionados sobre se a Sociologia ajuda e entender melhor essas mesmas temáticas, a assertiva assume índices superiores a 85%, com exceção das/dos indígenas no que se refere à temática **respeito e tolerância**. Nesse caso, a porcentagem de assertiva cai para 42,9%.

8

Conteúdos

Conforme propunha o documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais à formação específica do campo das Ciências Sociais, esse conhecimento é fundamental para o desenvolvimento pleno do cidadão (BRASIL, 2000). Esse caráter de formação para o exercício da cidadania pela ajuda da Sociologia é revelado nas respostas dos estudantes na proporção de..

...mais de 90% em todos os gêneros, raças e religião considerados na pesquisa. Somente os que se consideraram pretos concordaram em 88,1%.

9

Metodologia

79,6% das/dos estudantes acham as aulas de Sociologia interativas, com debates e discussões.



Assim como Freitas (2014, p. 166) destaca, é preciso acertar e refletir sobre o que é fundamental para um público que tem a Sociologia como componente, mas que não escolheu ser cientista social. Dessa forma, torna-se importante construir estratégias metodológicas que atraiam a atenção dos jovens na perspectiva de compreender a importância da Sociologia na escola, não somente como um conteúdo a ser aprendido e decorado para posteriormente ser reproduzido em avaliações ou processos seletivos, mas principalmente como uma ferramenta para desenvolver a habilidade de poder pensar criticamente sobre a sociedade em que vivem, em um exercício de desnaturalização e estranhamento desta.

10

Metodologia

Em relação a aula, as(os) estudantes preferem o tipo...

- 78,9% expositiva
- 64,1% apresentação de mídias
- 62,3% aula de campo
- 54,2% pesquisas/atividades no laboratório de informática

Vale ressaltar que, mesmo as(os) estudantes que estão na faixa etária dos 17 anos, concordam que as aulas expositivas são interessantes. Sabendo que o conhecimento gerado em sala de aula também é constituído na articulação de diferentes conteúdos e metodologias, faz-se necessário destacar que outros recursos metodológicos também são apreciados pelas(os) estudantes, principalmente quando a perspectiva é tornar a aula mais atrativa para elas(es).

11

Avaliação

Quando questionados sobre a preferência nas avaliações, as(os) estudantes responderam que:

- 79,9% preferem provas objetivas, com itens.
- 12% preferem apresentação, como seminário ou dramatização.
- 8,1% preferem provas dissertativas, para desenvolver texto.

87,3% em destaque para institutos e escolas militares

Estudantes de escolas profissionais e que se identificaram numa categoria "outros" (nem feminino, nem masculino), apresentam destaque com preferência na avaliação na forma de apresentação, representando 19,7% e 25%, respectivamente, nas respostas.

Destaque nas escolas de ensino em tempo integral

12

Material didático

Os livros didáticos podem ser pensados como reflexo da vida cultural e intelectual de uma sociedade (MEUCCI, 2020), e isso explica o porquê de sua relevância estar para além da realidade escolar. Contemplada pela primeira vez no PNLD em 2011, a Sociologia contava com alguns poucos exemplares e várias modificações a serem consideradas. Atualmente, há uma diversidade de opções de materiais e configurações sociais (ELIAS, 2006), que permitem trabalhar cada vez mais com uma linguagem acessível e relevante para os estudantes.

76% das(dos) estudantes acham que o livro didático tem linguagem simples, de fácil compreensão.



13

Material didático



Embora o livro didático tenha boa aceitação pelas(os) estudantes, apenas 11% se utilizam desse recurso nos momentos de estudo. Outras fontes são listadas na seguinte ordem:

Internet	20,4%
Anotações do professor	17,7%
Atividades	4,3%
Todas as opções	46,5%

14

Quem são os estudantes?

Idade



■ 16 anos ■ 17 anos ■ 18 anos ■ Maior de 18 anos



Gênero



■ Feminino ■ Masculino ■ Outro*

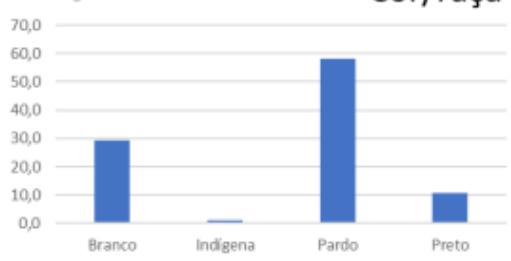
15

*Configura gêneros não heteronormativos.

Quem são os estudantes?

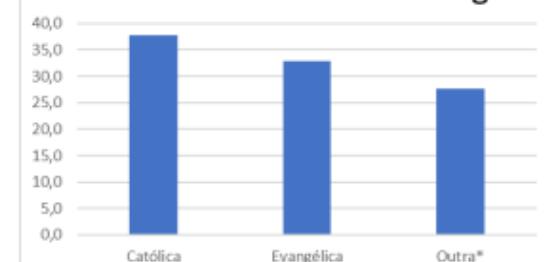
Porcentagem

Cor/raça



Porcentagem

Religião

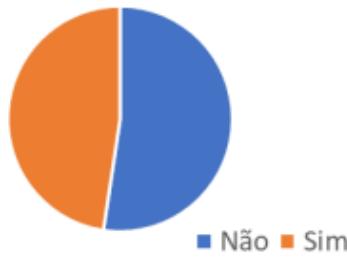


*Configura demais religiões

16

Quem são os estudantes?

Recebe bolsa
família



17

Referências

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - Bases Legais. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

CARVALHO, Marilia Pinto de. Avaliação escolar: gênero e raça. São Paulo: Papirus, 2009.

Elias, Norbert. Escritos e ensaios. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2006.

FREITAS, Geovani Jacó de. Juventude e Ensino Médio: Perspectivas da Sociologia entre conquistas e desafios. In: CIGALES, Marcelo Pinheiro. Sociologia e juventude no Ensino Médio: formação, PIBID e outras experiências. Saberes em Perspectiva, v. 4, n. 8, p. 273-279, 2014.

MEUCCI, S. Os livros didáticos da perspectiva da sociologia do conhecimento: uma proposta teórico-metodológica. Revista Brasileira de História da Educação, 2020. v. 20. Disponível em: Acesso em: 15 de fevereiro de 2022.

18